

**IGREJA POBRES PARA OS POBRES:**

**Análise teológico do ensino eclesial de João XXIII a Francisco**

**WALLACE DO CARMO ZANON**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE JAVERIANA  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
MESTRADO EM TEOLOGIA  
BOGOTÁ, D.C. 2018**

**IGREJA POBRES PARA OS POBRES:**

**Análise teológico do ensino eclesial de João XXIII a Francisco**

**WALLACE DO CARMO ZANON**

**Trabalho de grado apresentado como  
requisito para optar pelo título de Mestre em Teologia**

**Diretor:**

**Monsenhor Francisco Antonio Niño Súa**

**Avaliador**

**Daniel de Jesús Garavito Villarreal**

**PONTIFICIA UNIVERSIDADE JAVERIANA  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
MESTRADO EM TEOLOGIA  
BOGOTÁ, D.C. 2018**

*“O Espírito do Senhor está sobre mim,  
porque ele me ungiu para pregar boa nova aos pobres.  
Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos  
e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos” (Lc 4, 18).*

**Agradecimento:**

Agradeço a Diocese de Eunápolis, na pessoa do seu bispo, Dom José Edson Santana de Oliveira, pelo apoio e confiança;

A Arquidiocese de Bogotá, a Paróquia Cristo Rei, na pessoa de seu pároco Pe. Rafael de Brigard, pela sua acolhida;

A Monsenhor Francisco Niño pelo incentivo e ajuda neste trabalho de investigação;

A todas as comunidades que me ajudaram a fazer uma experiência de uma Igreja pobre para os pobres, de modo especial a comunidade cigana e meus irmão e irmãs da pastoral dos Nômades;

E a meus familiares que sempre estiveram no meu lado em todos meus projetos e iniciativas.

<b>Índice</b>	4
<b>Abreviações</b>	6
<b>Introdução geral</b>	7
<b>Capítulo I: Análise de conjuntura sobre realidade de pobreza</b>	8
<b>1. Pobres desde a perspectiva socioeconômica</b>	10
1.1 Realidade em nível mundial	10
1.2 Realidade em nível de América Latina	12
<b>2. Pobres desde a perspectiva política</b>	16
2.1 Realidade em nível mundial	20
2.2 Realidade em nível de América Latina	21
<b>3. Pobre desde a perspectiva sociocultural</b>	24
<b>4. pobre desde a perspectiva eclesial</b>	30
4.1 Realidade em nível mundial	30
4.2 Realidade em nível de América Latina	34
<b>Conclusão</b>	42
<b>Capítulo II: Fundamentos bíblicos e magisteriais de uma Igreja pobre para os pobres</b>	43
<b>1 Jesus e os pobres a partir dos Evangelhos</b>	43
1.1 Realidade de pobreza e justiça encontrada por Jesus	44
1.2 Etimologia da palavra “pobre” nos evangelhos	46
1.3 Os pobres nos Evangelhos	48
1.4 Jesus chamado a pregar a Boa nova aos pobres	57
<b>2. Os Santos Padres e a pobreza</b>	61
2.1 Clemente de Alexandria	63
2.2 Basílio Magno	65
2.3 Santo Ambrósio	67
2.3 São João Crisóstomo	73
<b>3. A pobreza na Doutrina Social da Igreja</b>	75
<b>Conclusão</b>	80

<b>Capítulo III: Propostas transformadoras para uma Igreja pobre para os pobres</b>	81
<b>1. No magistério universal</b>	81
<b>2. No Vaticano II</b>	87
2.1 A Igreja dos pobres na constituição <i>Lumen Gentium</i>	88
2.2 A Igreja dos pobres no Decreto <i>Ad Gentes</i>	92
<b>3. No Magistério Latino Americano</b>	95
3.1 Documento de Medellín (1968)	95
3.2 Documento de Puebla (1979)	97
3.3 Documento de Santo Domingo (1992)	99
3.4 Documento de Aparecida (2007)	101
<b>4. No magistério do Papa Francisco</b>	104
4.1 A pobreza como categoria teológica em Francisco	106
4.2 As periferias existenciais como lugar teológico	111
4.3. Igreja em saída	115
4.4 Igreja libertadora	118
<b>Conclusão</b>	123
<b>Conclusão geral</b>	124
<b>Bibliografia</b>	130

## ABREVIACÕES

<b>AAS</b>	Acta Apostolicae Sedis
<b>AG</b>	Decreto do Concílio Vaticano II <i>Ad Gentes</i>
<b>CBEs</b>	Comunidades Eclesiais de Base
<b>CEPAL</b>	Comissão Econômica para América Latina e Caribe
<b>DA</b>	Documento final da V Conferência Geral do Episcopado Latino em de Aparecida
<b>DM</b>	Documento final da II Conferência Geral do Episcopado Latino em Medellín
<b>DP</b>	Documento final da III Conferência Geral do Episcopado Latino em Puebla
<b>DSD</b>	Documento final da IV Conferência Geral do Episcopado Latino em de Santo Domingo
<b>DSI</b>	Doutrina Social da Igreja
<b>EG</b>	Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i>
<b>EM</b>	Exortação Apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i>
<b>GS</b>	Constituição Pastoral do Concílio Vaticano II <i>Gaudium et Spes</i>
<b>LG</b>	Constituição Dogmática do Concílio Vaticano II <i>Lumen Gentium</i>
<b>ONU</b>	Organização das Nações Unidas
<b>TL</b>	Teologia da Libertação



## INTRODUÇÃO GERAL

Neste trabalho de investigação que tem como tema Igreja pobre para os pobres, usa-se o método ver, julgar e agir que é um método usado a bastante tempo na Igreja latino americana e agora retomado pelo Papa Francisco.

No Ver faremos uma análise de conjuntura das realidades de pobreza socioeconômica, política, cultura e eclesial, procurando mostrar e realidades no mundo e na América Latina, mas buscando sempre ter um olhar misericordioso por estas realidades que muitas vezes exclui e mata o filhos e filhas de Deus.

No Segundo capítulo o julgar mostraremos os fundamentos bíblicos, no qual mostraremos a realidade de Jesus e os pobres a partir dos Evangelhos. Também resgataremos os fundamentos dos Santos Padres e da Doutrina Social da Igreja sobre a realidade de pobreza e riqueza e da opção preferencial pelos pobres e oprimidos.

Por fim, no terceiro capítulo, o agir, resgataremos o tema de Igreja pobre os pobres em João XXIII, Vaticano II, no magistério latino-americano, Papa Francisco e no último ponto trabalharemos sobre uma Igreja em saída e libertadora, tudo isso para mostrar que estas realidades apesar de antigas, são um caminho, ainda hoje, de uma Igreja pobre para os pobres, na América Latina e no mundo.

## CAPÍTULO I

### ANÁLISE DE CONJUNTURA SOBRE REALIDADE DE POBREZA

A pobreza sempre foi uma realidade no mundo, e encontramos esta mesma realidade ainda hoje.

O Dicionário de português Aurélio online define o termo “pobre” da seguinte maneira: “todo aquele que aparenta ou revela pobreza, que é mal dotado, pouco favorecido. Que tem pouca quantidade, que produz pouco, que revela pouca qualidade, que ou quem não tem ou tem pouco do que é considerado necessário, vital, que ou quem tem poucos bens ou pouco dinheiro”.

Nesse contexto, analisemos a fala do Santo Padre, o Papa Francisco, no encontro com os movimentos sociais no Vaticano, que tem como centro a pobreza e dos anseios dos pobres: “Neste nosso terceiro encontro expressamos a mesma sede, a sede de justiça, o mesmo grito: terra, casa e trabalho para todos”<sup>1</sup>. Ele expressa bem o desejo de milhares de pobres espalhados ao redor do globo. Pobres esses que são excluídos das condições mínimas de vida: não têm pão, casa, terra ou trabalho. Pobres que estão a exigir de todos um novo olhar, assim como gestos de mínima solidariedade numa busca de uma sociedade mais justa.

A pergunta “Quem são os pobres hoje?” exige uma capacidade para olhar quais são as pessoas que concretamente não têm pão, casa, terra ou trabalho. Estes mesmos pobres são, inclusive, os descartados numa sociedade onde tudo se submete à lógica desenfreada do consumo; onde só tem valor quem pode consumir e, assim, o supérfluo, o desnecessário torna-se um valor fundamental. O descartável é decorrência de um processo cultural que penetra em todas as esferas da vida social. Por isso, pobres “não contam” e podem ser facilmente descartados.

Observa-se, na sociedade, a construção gradual de um discurso que visa “invisibilizar” os pobres. Isso acontece através da negação dos seus direitos fundamentais sob o argumento de que o Estado não tem condições de atender a todas as suas demandas por

---

<sup>1</sup> Francisco, “Discurso do Papa Francisco aos participantes do III Encontro Mundial dos Movimentos Populares” em 02 de novembro de 2016.

educação, saúde, moradia e afins. Não sendo possível tirar os pobres da nossa frente, eliminar um problema, negam-se seus direitos.

Defende-se, portanto, o Estado mínimo. Tal defesa se baseia na negação do direito de existir dignamente a todos os menos favorecidos. Nega-se sob a alegação de que eles são “muito caros” ao Estado e à sociedade e, assim, faz-se necessário torná-los invisíveis, como se não existissem.

No livro “Vidas despedaçadas”, Zigmunt Bauman refere-se aos excluídos, afirmando que eles “tornaram-se supérfluos, imprestáveis, desnecessários e indesejados”<sup>2</sup>. Suas colocações sobre os migrantes e refugiados, na mesma obra, são muito oportunas para refletirmos sobre as condições daqueles que vivem na pobreza: “são destituídos de Estado, mas num novo sentido: sua condição de sem Estado é alçada a um nível totalmente inédito devido à inexistência de uma autoridade estatal à qual sua cidadania possa referir-se”<sup>3</sup>.

A criminalização dos pobres<sup>4</sup> faz parte também da estratégia de tornar os pobres invisíveis através da atitude de criminalizar muitas das suas reações consideradas como inadequadas. Há uma tendência de torná-los culpados pela condição de pobreza em que vivem, com um discurso capaz de fazê-los acreditar que são responsáveis, individualmente, pela exclusão.

Os diversos movimentos sociais estão se deparando com essa situação de criminalização dos pobres. Quando saem da invisibilidade, tornam-se estorvo e percebem que não cabem mais neste modelo social, a não ser pela exclusão. Há também, de modo geral, um “consentimento” social sobre a necessidade de mantê-los fora do espaço de circulação dos que produzem e consomem bens e serviços.

Diante destas realidades, deve-se ter um olhar misericordioso e comprometido: olhar esse que se depare com a verdadeira realidade socioeconômica, sociocultural, política e eclesial sobre a pobreza e a opção pelos pobres, no caso da dimensão eclesial (ver)<sup>5</sup>.

---

<sup>2</sup> Bauman, Zigmunt, *Vidas despedaçadas*, p. 55.

<sup>3</sup> Bauman, Zigmunt, *Vidas despedaçadas*, p. 96.

<sup>4</sup> A reflexão dos próximos parágrafos esta baseada no pensamento de Bauman, Zigmunt em *Vidas despedaçadas*, p. 55.

<sup>5</sup> Neste trabalho de investigação será usado o método ver, julgar e agir.

## **1. Pobres desde a perspectiva socioeconômica**

Segundo o Banco Mundial, a pobreza é a incapacidade de alcançar um padrão mínimo de vida; essa definição estabelece níveis de pobreza baseados no consumo e na renda das pessoas. Na perspectiva econômica, alguns itens ou bens que o indivíduo possui são determinantes para sua classificação no nível de pobreza consumo, e um indivíduo é pobre quando o nível de consumo está abaixo do que é geralmente considerado o mínimo decente.

Além disso, a localização das pessoas em diferentes classes sociais é dada em termos de sua posição econômica, e essas classes contribuem para a desigualdade social, ou seja, se há classes sociais, existe desigualdade social e da pobreza é um produto da desigualdade social<sup>6</sup>.

### **1.1 Realidade em nível mundial**

Segundo dados atribuídos pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), os rendimentos de 1% das pessoas mais ricas do mundo são compatíveis àqueles de 57% da população mais pobre do planeta. Esses dados confirmam a diferença na concentração de renda entre ricos e pobres, refletindo diretamente na alimentação, bens de consumo e serviços elementares ao ser humano no que se refere às classes em questão<sup>7</sup>.

Com o intuito de estabelecer um critério global para caracterizar a população pobre, o Banco Mundial<sup>8</sup> utilizou a seguinte metodologia: fez a média das dez piores linhas nacionais de pobreza do planeta e estabeleceu o dólar PPC, baseado na paridade do poder de compra. Com base nesse cálculo, estabeleceu dois patamares de renda para caracterizar a pobreza:

- Os pobres, que ganham entre 1,25 e 2 dólares PPC ao dia;
- Os extremamente pobres, que recebem menos de 1,25 dólar PPC ao dia.

Conforme dados do Banco Mundial, aproximadamente 22% da população mundial vive com menos de 1,25 dólar PPC por dia e 44% ganham menos de 2 dólares PPC por dia.

---

<sup>6</sup> Cf. Spicker, Paul “Definiciones de pobreza: doce grupos de significados,” p. 294 -296.

<sup>7</sup> Cf. <http://www.undp.org/content/undp/es/home/sustainable-development-goals/goal-1-no-poverty.html>

<sup>8</sup> Cf. Banco Mundial, “Contexto da pobreza mundial” em 07 de outubro de 2015.

Portanto, de acordo com a metodologia utilizada pelo Banco Mundial, 66% da população global se inclui na subdivisão anteriormente mencionada.

Partindo do ponto de vista do Banco Mundial, a pobreza é uma situação social e econômica caracterizada por uma carência marcada na satisfação das necessidades básicas.

As circunstâncias para especificar a qualidade de vida e determinar se um grupo em particular se cataloga como pobre tem o costume de ser o acesso a recursos como educação, moradia, água potável, assistência médica, etc. Mesmo assim, é costume que se considerem como importantes para efetuar esta classificação as circunstâncias de trabalhos e nível de recursos.

A variedade de elementos citada faz com que a tarefa de medir a pobreza seja regida por diversos parâmetros. Sabe-se que existem dois critérios: o chamado “pobreza absoluta”, que se enfatiza nas dificuldades para alcançar níveis mínimos de qualidade de vida (nutrição, saúde, etc.), e o chamado “pobreza relativa”, que se enfatiza na ausência de recursos para a satisfação das necessidades básicas, seja em parte ou em sua totalidade<sup>9</sup>.

As zonas que se registram como mais comprometidas com este fenômeno são, sem dúvida, as do terceiro mundo, destacando-se marcadamente as da África, nas quais o percentual de população abaixo da linha de pobreza chega a superar os setenta por cento em alguns países. Logo depois vêm os países da América Latina, sendo Honduras a nação onde as cifras de pobreza são mais volumosas em relação ao total da população.

Esse quadro de desigualdades sociais gera um processo de exclusão relacionado à moradia, educação, emprego, saúde, entre outros aspectos de direito do cidadão.

O Banco Mundial ainda expressa que a pobreza vai além dos dados socioeconômicos:

“Pobreza é fome. Pobreza é falta de teto. A pobreza é estar doente e não ser capaz de ver um médico. A pobreza não é ter acesso à escola e não saber ler. Pobreza é não ter emprego, é medo do futuro, é viver um dia de cada vez. A pobreza é perder um filho por causa da doença contraída pela ingestão de água não potável”<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> Cf. Olavarria, Gambi Mauricio, “Pobreza: conceptos y medidas,” p. 1-13.

<sup>10</sup> Banco Mundial, *Relatório sobre o desenvolvimento humano 2001/2001*, p. 15.

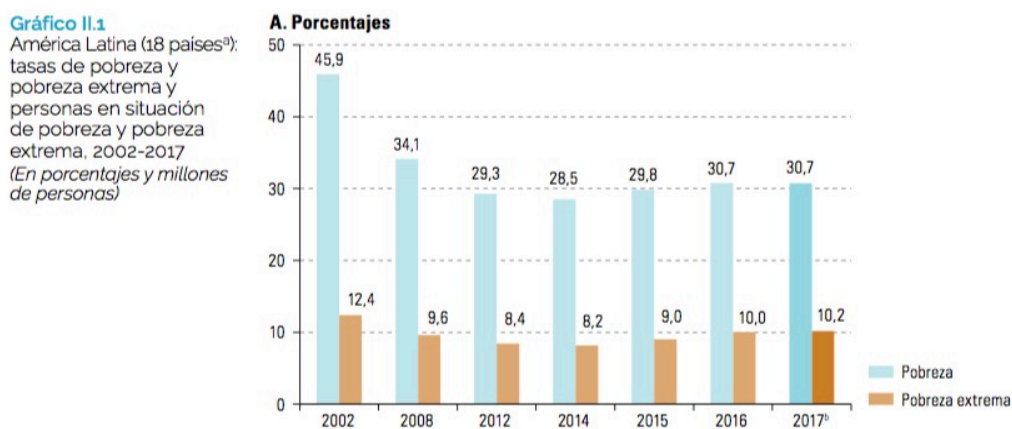
Para a Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL), órgão da ONU responsável pela leitura da realidade econômica da América Latina, pobreza

É um conceito multidimensional: isso engloba uma síndrome situacional à qual estão associadas circunstâncias, tais como: desnutrição, baixos níveis educacionais, Inserção instável em produção ou dentro de setores atrasados do mesmo, condições precárias de moradia e de serviços de saúde. Em uma perspectiva ampla não somente se refere a insatisfação das necessidades básicas materiais, mas se estende a outras necessidades básicas embora de natureza não material: auto realização pessoal, liberdade, direitos humanos, participação em mecanismos de integração social e decisão e nas e nas manifestações culturais.<sup>11</sup>

## 1.2 Realidade em nível de América Latina

Do ponto de vista social, esta é a realidade da desigualdade social na América Latina. Média dos seguintes países: Argentina, Bolívia (Estado Plurinacional de), Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, Uruguai y Venezuela (República Bolivariana)<sup>12</sup>.

De acordo com a informação mais recente, em 2016 o número de pessoas pobres na América Latina atingiu 186 milhões, ou seja, 30,7% da população, enquanto a pobreza extrema afetou 10% da população. Veja o gráfico abaixo:



<sup>11</sup> Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), *Panorama Social de América Latina 2017*, p.88.

<sup>12</sup> CEPAL, *Panorama Social de América Latina 2001*, p.12.

Do ponto de vista existencial, temos a pobreza que aflige as comunidades étnico-racial, de modo especial as comunidades afrodescendentes e indígenas que, por sua raça, sofrem duas vezes; primeiro, por serem índios e negros, são sempre objeto de preconceitos e racismo e discriminação também por serem pobres.

### **Afrodescendentes:**

A colonização da América Latina está ligada à exploração de territórios, ao enriquecimento das Coroas Portuguesa e Espanhola, à opressão dos nativos e também aos africanos trazidos compulsoriamente como força de trabalho para essas regiões. Nesse cenário de exploração e de coação, a história da América Latina está inevitavelmente vinculada à história da escravidão. Segundo Gloria Porto Kok<sup>13</sup>, entre os séculos XVI e XIX, mais de nove milhões de africanos, entre homens, mulheres e crianças, foram traficados da África para o continente americano, sendo que as colônias portuguesas foram responsáveis por aproximadamente quatro milhões de africanos. Teve-se como objetivo enriquecer os colonizadores, implicando conflitos embasados no poder, em que cabia aos países latinos servirem à Europa.

Se a escravidão foi cruel para os milhões de negros raptados e contrabandeados para o continente, e para sua descendência, o período pós-escravocrata não foi muito diferente. Assim, os mais de três séculos e meio de escravidão comprometeram a vida dos descendentes dos negros, tendo reflexos irrefutáveis até os dias atuais. A história não nega essa triste realidade e aponta para um quadro passado e presente de subjugação, desigualdade, exclusão e anulação do negro e da cultura negra.

Para Mayra Buvinić,<sup>14</sup> a exclusão social está cravada na história da América Latina com uma origem singular, a da exploração colonial. Segundo ela, a invisibilidade, a pobreza, o estigma, a discriminação e as carências cumulativas são características das populações historicamente excluídas.

---

<sup>13</sup> Cf. Kok, Glória Porto, *A escravidão no Brasil colonial*, p 47- 48.

<sup>14</sup> Cf. Buvinić, Mayra, “Inclusão social e desenvolvimento econômico na América,” p. 3-32.

Dentro disso, ao afirmar que a América Latina sabe mais da diversidade da produção industrial do que sobre a diversidade de seus povos, a autora faz uma dura crítica à invisibilidade dos povos excluídos.

Para Aníbal Quijano, a servidão da América Latina não acabou com a independência das colônias, pelo contrário, ela não apenas continuou como vislumbrou uma divisão social interna, quando avaliadas as questões de raça e cor, e uma clara divisão econômica externa em relação à Europa. Assim, ao discorrer sobre o eurocentrismo do conhecimento, o autor aponta para a formulação teórica da ideia de raça, em que as relações de poder da Europa sobre as colônias se legitimaram e perpetuaram, implicando a concepção de “colonialidade do poder” e novas práticas capitalistas imbricadas na operacionalidade da raça como configuração dos padrões de dominação. A relação social fundamentada na ideia de raça produziu novas identidades sociais e tornou-se um instrumento de poder econômico e social com repercussões na divisão racial do trabalho<sup>15</sup>.

E a América Latina não foge desta realidade, onde os afrodescendentes são muito mais pobres que os não afrodescendentes. Por exemplo, no Brasil, os 36% dos afrodescendentes estão entre os mais pobres e os não afrodescendentes têm uma porcentagem de 16%; já no Equador esta diferença é de 34% de afrodescendente mais pobres e 22%, nos não afrodescendente; no Uruguai entres os pobres os afrodescendentes são 52% enquanto os não afros são de 27%<sup>16</sup>. Com estes dados percebe-se a magnitude da desigualdade étnico racial na América Latina.

### **Indígenas:**

Pensar, hoje, a problemática que envolve, em particular, a América Latina, no que toca à situação dos povos indígenas, requer, inegavelmente, um retorno ao passado. Passado este no qual imperou e, por vezes, impera uma única visão de mundo que, inescrupulosamente, negava tudo o que dela divergisse e que possuía como matriz estrutural as construções elaboradas no bojo do período da Modernidade.

---

<sup>15</sup> Cf. Quijano, Anibal, *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*, p. 117-142.

<sup>16</sup> Cf. CEPAL, *Panorama Social de América Latina 2017*, p. 248-249.

Segundo Cristine Portela<sup>17</sup>, no caso brasileiro, a história do índio foi marcada pela imposição de uma unidade que excluía a diversidade e “lembrava”, sob diferentes formas de violência, que índios deveriam deixar de ser índio. Mesmo na literatura, o indígena sempre foi retratado a partir do Outro, de modo que a visão cultural relacionada ao índio nasce da visão do homem branco/colonizador e se estabelece vinculada à submissão e ao silenciamento, que até hoje não tem, de modo verdadeiramente representativo, entre os cânones, um autor que defenda a sua versão da história.

Pode-se dizer que, com a colonização, os índios perderam as suas terras, a sua cultura, a sua identidade e, até mesmo, a sua condição humana. Isso é perceptível porque a dignidade dos indígenas, condição inerente a todos os seres humanos, tem sido constantemente violada. Mais do que isso, a inserção dos índios na sociedade branca não tem sido feita de forma a respeitar a sua cultura. Um exemplo da violação de direitos humanos e perda da cultura indígena é que, “como verificado em outros países da América Latina, os indígenas são tratados como menores de idade e legalmente incapazes”<sup>18</sup>.

Este contexto ora apresentado nos conduz à conclusão do tratamento deste Outro, indígena, não como sujeito de direitos, de sua história e da história geral, mas sim como objeto a ser manejado, readaptado, resinificado em prol de projetos partidos de grupos e interesses preponderantes em um dado cenário.

Esta realidade não mudou muito, como pode-se ver em um estudo recente, chamado “Indígena América Latina no Século XXI”, conduzido pelo Banco Mundial, em que foram detectados alguns aspectos importantes da evolução da situação econômica, social e demográfica da população indígena na América Latina:

Em primeiro lugar, de acordo com os últimos censos, cerca de 42 milhões de habitantes indígenas foram encontrados na região em 2010, dos quais mais de 80% são encontrados no México, Guatemala, Peru e Bolívia.

---

<sup>17</sup> Cf. Portela, Cristine de Assis, “Por uma história mais antropológica: na Contemporaneidade,” p. 151-160.

<sup>18</sup> Verdum, Ricardo, “Enciclopédia latino-americana dos direitos humanos,” p. 91.

Embora nos primeiros 10 anos do século XXI quase 70 milhões de pessoas tenham deixado a pobreza na América Latina, a população indígena não se beneficiou na mesma proporção. As comunidades indígenas representam aproximadamente 8% da população total da região, ao mesmo tempo representando 14% das pessoas pobres e 17% das pessoas em extrema pobreza.

De fato, essa população tem 2,7 vezes mais chances de viver em condições de extrema pobreza do que a população não indígena, segundo o Banco Mundial.

Na América Latina, cerca de 49% dos indígenas vivem no setor urbano. No caso da Colômbia, apenas 22% em 2005 viviam nesse setor. No entanto, em países como o Chile e a Venezuela, mais da metade dos povos indígenas vive no setor urbano<sup>19</sup>.

A realidade socioeconômica da América Latina é uma fonte de desigualdade social e geradora de excluídos e excluídas, tanto no âmbito geográfico como étnico-racial, que hoje são a maioria no continente Latino Americano que clama por justiça e igualdade de oportunidades.

## **2. Pobres desde a perspectiva política**

A pobreza tem vários significados políticos. Ela pode significar “desamparo, fonte de legitimidade eleitoral, subversão, crime e debilidade organizatória. A cada um desses significados correspondem complexos institucionais específicos. Esses complexos, consolidados e superpostos, fixam os pobres em sua condição, de tal forma que os pobres, eles mesmos reproduzem, como num jogo de espelhos, as condições institucionais da sua existência”<sup>20</sup>.

Pobreza política não é outra pobreza, mas o mesmo fenômeno considerado em sua complexidade não linear. A realidade social não se restringe à sua face empírica mensurável, mas inclui outras dimensões metodologicamente mais difíceis de reconstruir, mas, nem por isso menos relevantes para a vida das sociedades e pessoas. A sociedade está habituada a ver pobreza como carência material, no plano do ter: é pobre quem não tem renda, emprego,

---

<sup>19</sup> Cf. Banco Mundial, América Latina indígena no século XXI, p. 57-73.

<sup>20</sup> Castro, Regis Andrade, “Política e pobreza no Brasil,” p. 112.

habitação, alimentos, etc. Esta dimensão é crucial e não poderia, em momento algum, ser secundarizada. Mas a dinâmica da pobreza não se restringe à esfera material do ter. Avança na esfera do ser e, possivelmente, alcança aí intensidades ainda mais comprometedoras<sup>21</sup>.

Sugere-se que pobreza tem seu apoio mais renitente na dinâmica política que a envolve, por mais que, à primeira vista, pareça reduzir-se a carências materiais já bem conhecidas nos estudos recorrentes. Cada vez mais se aceita que pobreza tem, por trás, o problema da desigualdade social, o que implica reconhecer que se trata substancialmente de dinâmica política.

Pobreza política começa, geralmente, com a ignorância. Não se trata de ignorância cultural, pois esta não existe, já que todos estamos incluídos em contextos de patrimônios culturais, possuímos língua própria e saberes compartilhados. Trata-se da ignorância historicamente cultivada, através da qual se mantêm grandes maiorias como massa de manobra, cujo destino está lavrado na sustentação dos privilégios de minorias cada vez mais minoritárias. Assim, pobreza pode ser mais bem definida não como apenas carência material, mas como repressão do acesso a oportunidades disponíveis em cada sociedade. É, pois, causada, mantida, cultivada historicamente, fazendo parte de legados passados e dinâmicas presentes, através dos quais prende a população na condição de objeto de manipulação política<sup>22</sup>.

Para definir mais concretamente pobreza política, destacam-se algumas dimensões mais proeminentes<sup>23</sup>:

a) quem é politicamente pobre não sabe que é pobre e é coibido de saber que é pobre; está submetido a processo histórico de ignorância cultivada e que tem como resultado mais palpável uma população imbecilizada, marginalizada e manipulada; a população não é imbecil, mas é imbecilizada, geralmente através de políticas sociais assistencialistas que conseguem, em troca de migalhas materiais, comprar a adesão política do pobre; surge aí o fenômeno esdrúxulo de minorias majoritárias, quando se definem como “minorias” populações como negros, mulheres e outros; esta condição de ignorância permite políticas

---

<sup>21</sup> Cf. Demo, Pedro, “Pobreza politica como desafio central” p 2.

<sup>22</sup> Cf. Demo, Pedro, “Pobreza politica como desafio central,” p 2-6.

<sup>23</sup> Cf. Demo, Pedro, “Pobreza politica como desafio central,” p 1-14.

pobres para os pobres, bem como aceitação de rendas mínimas quase invisíveis, sem falar na tendência de esperar a libertação do próprio algoz; esta ignorância é cultivada de várias maneiras, desde a opressão do professor básico em sistemas educacionais corruptos e ineficientes, passando pela falta de informação e comunicação, restrições e manipulações do associativismo, até destruição de identidades culturais;

b) quem é politicamente pobre é massa de manobra, objeto de manipulação; isto reflete a tendência histórica de minorias privilegiadas conseguirem colocar grandes majorias a serviço de privilégios concentrados, por vezes sob o sarcasmo dos “direitos adquiridos”; não raro o pobre vê a concentração de riqueza como mérito, sabedoria, superioridade, sem atinar para a parte que lhe deveria tocar, por conta de seu trabalho; a condição de massa de manobra facilita o surgimento e manutenção de “famílias reais” na esfera política, à medida que tendencialmente os mesmos se elegem e reelegem, comandam presente, passado e futuro da sociedade, à revelia de processos pretensamente democráticos de acesso ao poder; facilita também “ilhas da fantasia” em termos de condições de trabalho e acesso orçamentário, como são os casos notórios das remunerações de deputados, senadores, juízes e seus funcionários elevados; facilita a corrupção generalizada dos recursos públicos, porque torna-se impraticável mínimo controle democrático de baixo para cima; facilita que política vire, vastamente, politicagem, como é uso na maioria das sociedades em desenvolvimento;

c) quem é politicamente pobre não é cidadão, porque não se organiza politicamente para poder impor mudanças; primeiro, não constrói consciência crítica adequada, porque, em geral, não sabe pensar; segundo, não chega a perceber a importância do associativismo, para potencializar as forças e conseguir volume de pressão; terceiro, não concebe, nem impõe alternativas, porque ainda não se constituiu sujeito capaz de história própria; tal condição leva o oprimido a esperar a libertação do opressor ou pelo menos a esperar a solução de um “bom príncipe”, que vê como salvador da pátria; trabalha para os outros, sem contar com os frutos de seu trabalho; sustenta privilégios alheios, sem capacidade de reivindicar os mesmos direitos; o déficit de cidadania espelha-se facilmente em políticas sociais de cima para baixo, de tendência avassaladoramente assistencialista, reservando para os pobres sobras orçamentárias, enquanto se cuida assídua e subservientemente do mercado; meios viram fins

e fins viram meios, porque o não cidadão, por falta de saber pensar, é literalmente pensado por outros;

d) quem é politicamente pobre é massacrado como sujeito, restando-lhe a condição de objeto, por vezes como maioria residual; comparece assim a maior indignidade social imaginável, quando não se permite que as sociedades e pessoas tenham história própria, disputem oportunidades, organizem-se como sujeitos; a inclusão se dá na margem, dentro do processo dialético da necessidade de tantos pobres para tão poucos ricos; o pobre emerge como beneficiário apenas na artimanha clássica de induzir que ele aceite ser “cuidado” pelo Estado e governos, e mesmo pela elite; faz parte desta mesma artimanha manipular estatísticas de tal sorte que o número de pobres e sobretudo sua condição marginalizada sejam escamoteados, colocar Estado e governos como patronos da cidadania popular, em particular colocar a elite econômica e política como garantia da equidade, brincar de transferência de renda, como se renda estivesse alegremente disponível, oferecer coisa pobre para o pobre, formular políticas sociais que se destinam acima de tudo a domesticar os pobres; como resultado, o pobre agradece e vota, no mais escancarado pão e circo;

e) quem é pobre politicamente não descobre que tem direitos, porque continua esmoler; por vezes, esta condição é tão drástica, que o pobre parece pedir permissão para ter direitos, pois considera natural sua exclusão e até mesmo, por razões religiosas tortas, merecida; tende a ver pobreza como sina, destino, vontade de Deus, ordem natural das coisas; facilmente se resigna, mostrando docilidade histórica assustadora; tem a história do outro, nela sobrevive e por vezes parasita, sem chance de história própria; por força dos meios de comunicação, é frequente que o pobre tenha escutado sobre direitos e ouvido de “politiqueiros” usuais, mas não sabe de que se trata efetivamente, sobretudo aguarda que os direitos lhe sejam doados; não constrói a noção essencial de que sua libertação só pode ser obra sua, embora isto não descarte outras estratégias, nas quais se inclui o papel do Estado democrático em primeiro lugar; o pobre não reivindica, pressiona, toma iniciativa, mas espera que tudo se resolva de cima para baixo, caindo na armadilha mais indigna da sociedade: imbecilizar o marginalizado a ponto de o convencer que seu lugar é na margem;

f) quem é politicamente pobre vive de cidadania tutelada, no máximo assistida; cidadania tutelada é, em si, sua própria negação, quando o pobre se submete à tutela de elites que conservam sua propensão escravocrata quase intacta na história; cidadania assistida pode representar ganho histórico de causa, porque assistência é política social necessária para enfrentar riscos de sobrevivência; mas, ao restringir-se a este gesto assistencial, torna-se assistencialista, porque oblitera as expectativas de auto-sustentação (inserção no mercado) e autogestão (cidadania); resultado principal deste processo histórico de tutela e assistência é o refreamento do controle democrático e, em particular, o escamoteamento do confronto social, indispensável para se combater a pobreza política; enquanto Estado e mercado não são controlados, subsiste impávida a sempre mesma elite, com ares de mérito histórico intocável.

## **2.1 Realidade em nível mundial**

Sobre a realidade do mundo de hoje, os grandes problemas mundiais e as prioridades de países têm gerado cada vez mais pobres. Muitas expectativas e incertezas sobre a condução da ordem mundial pairam sobre o turbulento contexto atual: o Brexit e a divisão intra-europeia, o aumento do conflito na península da Coreia, a retirada dos EUA do Acordo de Paris, abandono do conselho de Direitos Humanos da ONU, saída do G7, a crise entre Arábia Saudita e Catar, relação comercial turbulenta dos Estados Unidos com a China e outros países para defender a sua economia, como por exemplo o aumento do imposto sobre o aço.

Estas realidades mundiais mostram que a realidade política não é algo isolado e quando não é ela que direciona as outras realidades, mas deixa se direcionar, geram problemas difíceis de se solucionar, que hoje perpassam pela maioria dos países como, por exemplo, o enfraquecimento da democracia, a desigualdade e uma última, que tem acontecido em grande parte dos países: a corrupção. Diante destas realidades, as pessoas iludidas por estes sistemas perderam o sentimento de culpa e deixam de lado seus sonhos de

realizar uma descoberta que salvará muitas vidas, de construir uma nova indústria, que poderia ajudar os mais pobres a sair da pobreza<sup>24</sup>.

No geral, há uma política mundial totalmente manipulada pelo mercado e voltada para os interesses de alguns países como, por exemplo, os Estados Unidos, que tentam manipular outros países pelo interesse econômico. Estas atitudes afetam diretamente os pobres, que vivem toda uma incerteza e ao mesmo tempo são obrigados a migrar ou a viver uma realidade sub-humana em seus países.

Em suma, o grande problema da pobreza mundial está na falta de prioridade para resolvê-la, pois a prioridade dos países está no mercado; com isso, o mercado tem direcionado o sistema político mundial e assim excluído as necessidades dos pobres, que para o mercado não têm nenhuma importância, pois não produzem e são considerados como despesas para o estado. Assim, o mercado influencia a política, que busca implantar nos países o estado mínimo, isto é, o estado não tem obrigação com o cidadão.

Como os países subdesenvolvidos estão cada vez mais endividados, de modo especial com Fundo Monetário Internacional, este direciona a economia de tais países, impondo aumento de juros, corte de despesas, sacrificando, de modo especial, as políticas sociais que geravam benefícios para os pobres e buscavam diminuir a desigualdade; tudo isso para que possam pagar os exorbitantes juros.

## 2.2 Realidade em nível de América Latina <sup>25</sup>

O contexto internacional é cada vez mais influente na realidade econômica, social e política da América Latina. A democracia continua sendo afetada em todo o mundo, devido a novos eventos que ocorreram tanto no primeiro mundo como nos países em

---

<sup>24</sup> Cf. Stiglitz, Joseph, *El precio de la desigualdad*, p. 34.

<sup>25</sup> Cf. pensamento e dados em Corporación latinobarómetro, “Informe 2017”, p 8-40.

desenvolvimento, sendo a América Latina uma das regiões com um grande declínio democrático.

Na América Latina, a região é testemunha de um autêntico superperíodo de eleições, que somará 27 processos eleitorais entre 2018 e 2019<sup>26</sup>, entre os quais 15 países elegerão as máximas autoridades e que transformará o mapa político da região graças aos votos de quase 400 milhões de pessoas. Será o maior evento eleitoral da região na sua história política.

Estas eleições serão diferentes não apenas pela quantidade de eleitores, mas também pela composição da sociedade que está chamada a eleger.

Sociedade menos pobre, apesar de a pobreza e a indigência terem aumentado, alcançando 175 milhões de pessoas, mas também é verdade que em pouco mais de uma década 50 milhões de pessoas já integram a classe média, segundo o relatório Panorama Social da América Latina<sup>27</sup>. Pessoas que mudaram as suas preferências e práticas de consumo; que atuam em sistemas econômicos que resistem à crise internacional e continuam a crescer, a um ritmo menor, mas constante. Sociedades mais urbanas e mais internacionalizadas, mas também individualistas.

Assistimos, na América Latina, à influência de uma nova tendência, que desta vez incita a votar em organizações sem aparatos partidários e líderes que se apresentam como cidadãos das ruas, que propõem desregular o mercado, facilitar a iniciativa privada, promover o capital privado internacional, diminuir os subsídios e controlar o endividamento estatal com uma linguagem sem estridência e com atitudes menos conflituosas.

As recentes vitórias eleitorais do centro-direita no Chile, da extrema direita da Colômbia, somadas às anteriores no Peru e na Argentina, o golpe no governo de esquerda do Brasil, expressam esta mudança no pensamento e nas preferências políticas de alguns latino-americanos. E que podem ter consequências diretas na reorganização institucional e na

---

<sup>26</sup> Pesquisado em <http://www.oas.org/es/sap/deco/calendario.asp>

<sup>27</sup> Cf. CEPAL, *Panorama Social de América Latina 2017*, p. 39-47.

reorientação dos governos destas nações, depois de uma década de predomínio das reformas e políticas da esquerda reformista e socialista<sup>28</sup>.

Todos esses fenômenos implicam mudanças, avanços no caminho para sociedades que são menos tradicionais a cada dia e estão se tornando mais abertas. São produzidas tensões de valores entre o desenvolvimento das culturas e o desenvolvimento da economia.

Esses avanços estão produzindo algumas mudanças em direção a governos de direita que não são uma mudança de ideologia, mas sim um distanciamento das ideologias.

Há mais indiferença no tipo de regime, menos pessoas estão ligadas na dimensão esquerda-direita, as pessoas cada vez mais se distanciam desta realidade. Isso, por sua vez, produz níveis mais elevados de pragmatismo nas antigas ideologias, que buscam um projeto de poder e não projeto de governo com base na ideologia que acredita.

Diante desta realidade, percebem-se vários pontos negativos na América Latina. Entre eles estão: a) A manutenção das desigualdades, os avanços da corrupção e da violência, que gera protestos e manifestações sociais decorrentes do descontentamento da sociedade. b) Há uma queda do apoio à democracia, aos governos, ao parlamento e aos partidos políticos. As pessoas já não se importam se os governos são democráticos ou não, se resolvem seus principais problemas<sup>29</sup>.

No campo político-econômico, existe a predominância do capitalismo financeiro, com grande influência de instituições financeiras privadas, nas quais o financeiro predomina sobre o produtivo, e as grandes empresas transnacionais obtêm maiores lucros através de meios financeiros do que sobre suas atividades produtivas normais. As grandes corporações transnacionais são determinantes do comércio mundial e têm grande influência nos mega-acordos que as grandes potências tentam realizar.

---

<sup>28</sup> Cf. Adams, José Rodrigo Barth, Pfeifer, Mariana, “Notas acerca da hegemonia do capital financeiro,” p. 1-7.

<sup>29</sup> Cf. CEPAL, *Panorama Social de América Latina 2017*, p. 39-47.

Existe atualmente uma grande competição comercial entre os EUA e a China, que é o principal exportador de bens e produtos manufaturados. México e América Central têm um alto relacionamento comercial com os EUA. A maioria dos países da América do Sul tem a China como seu primeiro comprador. Na área financeira, os EUA predominam, enquanto a China começa a jogar com apoio financeiro para países como Argentina, Brasil, Equador e Venezuela.

As recentes mudanças políticas no Brasil e na Argentina terão uma grande influência no desenvolvimento político, econômico e social dos países da América do Sul. Haverá mais ajustes econômicos, progresso em direção ao modelo neoliberal, com possibilidades de novas privatizações.

Os partidos políticos de esquerda ganham eleições, mas, muitas vezes, são impedidos de governar. Tais partidos de esquerda, neste novo século, ganharam eleições, tiveram um crescimento econômico elevado, ajudados pelos preços internacionais, melhores níveis de emprego e distribuição de renda, diminuíram significativamente a pobreza e concederam novos direitos de cidadania. Para isso, fizeram melhorias nos gastos sociais públicos, na política salarial e, em alguns países, através de reformas tributárias.

A política é a solução e o problema da pobreza. Solução, pois se houver vontade política, pode-se solucionar ou ao menos melhorar a realidade das pessoas; e problema, pois busca sempre os interesses próprios dos políticos ou de seus países; isso ainda sem levar em consideração a corrupção dentro da política, que tira dos pobres alimentos, saúde, educação e, assim, os tornando cada vez mais excluídos da sociedade.

### **3. Pobres desde a perspectiva sociocultural**

Cultura é o conjunto de tradições, crenças e costumes de determinado grupo social. Assim, a cultura representa o patrimônio social de um grupo e a soma de padrões dos comportamentos humanos. É a gama do comportamento de um grupo de pessoas envolvendo seus conhecimentos, experiências, atitudes, valores, crenças, religião, língua, hierarquia, relações espaciais, noção de tempo, conceitos de universo.

Também pode ser definida como o comportamento por meio da aprendizagem social. Essa dinâmica faz da cultura uma poderosa ferramenta para a sobrevivência humana e tornou-se o foco central da antropologia desde os estudos do britânico Edward Tylor (1832-1917). Segundo ele, “A cultura é todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade”<sup>30</sup>.

Neste ponto, por ser tratar da cultura como algo já globalizado, enraizado em todos os continentes, com pouquíssimas variações, trabalhasse-a tanto em âmbito mundial como com de América Latina, olhando a realidade cultural da pós-modernidade.

A realidade do mundo de hoje é uma realidade pluricultural, informatizada e pluricêntrica. A realidade patriarcal e onde as pessoas tinham sua vida limitada a casa, praça e igreja, já não existe mais. As famílias que tinham sua vida privada, hoje são expostas pelos meios de comunicação social; a Igreja já não está no centro de cidades e a política está nas casas, na família e na igreja.

Com tantas realidades que se misturaram, as pessoas se perderam no espaço e no tempo e hoje vivem uma cultura do interesse próprio, deixando de lado qualquer tipo de moral, vida religiosa e respeito pela pessoa humana, pois o seu único objetivo é subir na vida, isto é, estar com dinheiro e poder, mesmo que este custe a vida e a dignidade das demais pessoas, o importante é o econômico; está longe, como diz Bauman Zygmunt, “de um mundo em que a solidariedade, a compaixão, a troca, a ajuda e a simpatia mútuas suspendem ou afastam a escolha racional e a busca do auto-interesse. Um mundo cujos habitantes não são nem concorrentes nem objetos de uso e de consumo, mas colegas no esforço contínuo e interminável de construir vidas compartilhadas e torná-las possíveis”<sup>31</sup>.

---

<sup>30</sup> Tylor, Edward, (1995) [1871], “La ciencia de la cultura,” en: Kahn, J. S. (comp.), El concepto de cultura, p. 29.

<sup>31</sup> Bauman, Zygmunt, *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*, p. 65.

Hoje existe uma ética fragmentada de uma cultura líquida da pós-modernidade, tudo é provisório, descartável, tudo muda de sentido, até a própria vida e próprio amor tornam-se cada vez mais fluidos, descompromissados. O amor já perdeu seu sentido, em nossa época cresce rapidamente o número de pessoas que tendem a chamar de amor mais de uma de suas experiências de vida, que não garantiriam que o amor que atualmente vivenciam é o último e que têm a expectativa de viver outras experiências como essa no futuro. Não será surpresa se essa suposição se mostrar correta. Afinal, a definição romântica do amor como “até que a morte nos separe” está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil em função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais costumava servir e de onde extraía seu vigor e sua valorização. Mas o desaparecimento dessa noção significa, inevitavelmente, a facilitação dos testes pelos quais uma experiência deve passar para ser chamada de “amor”: Em vez de haver mais pessoas atingindo mais vezes os elevados padrões do amor, esses padrões foram baixados. Como resultado, o conjunto de experiências às quais nos referimos com a palavra “amor” expandiu-se muito. Noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de “fazer amor”<sup>32</sup>.

O jeito de viver o hoje é o já, o aqui e agora, desconectado do passado e do futuro, demonstra que os pós-modernos não querem perder sua vida em nome da história, não querem ser sujeitos da história. É o momento de ser livre: a liberdade de viver, a liberdade do corpo, a liberdade de gozar na vida presente. O foco é o prazer como deus do bem-estar<sup>33</sup>.

Estas realidades nos revelam que estamos vivendo, no momento, uma mudança de época – e não tanto a época em mudança – que se manifesta, sobretudo, no âmbito cultural. Desfaz-se a concepção integral do ser humano, em sua relação com o mundo e com Deus, e surge uma supervalorização da subjetividade individual. A supervalorização do indivíduo hoje é, sem dúvida, o reflexo contra o coletivismo ou o comunitarismo exagerado à custa do indivíduo de ontem. Percebe-se que o coletivismo – à custa do indivíduo – provoca, hoje em dia, uma reação inesperada, tanto na sociedade em geral como na Igreja: nota-se que há, em

---

<sup>32</sup> Cf. Bauman, Zygmunt, *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*, p. 16-20.

<sup>33</sup> Cf. Comblin, José, *Vocação para a liberdade*, p. 203.

quase todo lugar, um fenômeno quase comum no qual as pessoas tendem a construir o casamento sem a formação do lar conjugal, da união familiar sólida, querem ser Igreja sem o templo (exemplo, a Igreja cibernética), buscam freneticamente a salvação sem o salvador, discursam a relação harmoniosa com todos e com tudo, porém sem o contato direto nem a convivência real, evitando, dessa maneira, o comprometimento com o outro<sup>34</sup>.

O crescimento e amadurecimento da vida implicam, direta ou indiretamente, na mudança da compreensão das coisas e da mentalidade: muda o jeito de ser, de viver, de relacionar e de agir, cada dia que vivemos vamos mudando nossa forma de ver o mundo e a nós mesmos.

Para José Comblin, os “problemas atuais da sociedade urbana nascidos da nova cultura, e que consiste, não tanto na oposição campo-cidade, mas na oposição cultura antiga-cultura atual”<sup>35</sup>. Já para Agenor Brighenti, “o mundo atual é dominado pela cultura norte-americana. Os meios de comunicação, como mídias eletrônicas e digitais, têm seu papel fundamental na difusão dessa cultura”<sup>36</sup>. Segundo Comblin ainda que o “contexto global do início do século XXI exalta as capacidades e as virtudes da nova aristocracia, deprime a consciência de si das grandes maiorias que são condenadas a viver na dependência da classe superior”<sup>37</sup>.

Importante fazer uma diferença na cultura, da qual podemos nomear de cultura pobre e cultura dos pobres.

Marcos André Carvalho Lins<sup>38</sup> diferencia a cultura pobre da cultura proveniente da pobreza. Segundo o autor, não se formulam ideias e práticas quando não há comida em casa, quando se vive sem saneamento básico, quando a sua saúde escorre pelo ralo. Assim, não se

---

<sup>34</sup> Brighenti, Agenor, *A desafiante proposta de Aparecida*, p. 8.

<sup>35</sup> Comblin, José, *Os desafios da cidade no século XXI*, p. 31.

<sup>36</sup> Brighenti, Agenor, *A desafiante proposta de Aparecida*, p. 9.

<sup>37</sup> Comblin, José, *Os desafios da cidade no século XXI*, p. 19.

<sup>38</sup> Os próximos parágrafos são pensamento e fontes de Lins, Marcos André Carvalho em “Cultura e pobreza,” 05 de dezembro de 2005.

pode ser instruído enquanto se sobrevive, se vegeta e se carrega a imensa responsabilidade de educar.

Tanto um quanto o outro necessitam de alimento. O educando e o educador. Alimento, no mais amplo sentido da palavra, alimento de feijão com arroz, mas também acalento e tranquilidade.

Morar, comer, sentir-se seguro, respirar perfume no lugar de odores decorrentes do esgoto a céu aberto, aliviar a dor no lugar de sobrecarregar-se e humilhar-se em filas, cuidar e ser cuidado no lugar de ser enxotado pelo desemprego. Tudo isso, e muito mais, formam um único pacote que a educação procura equacionar, mas que não pode ainda fazer milagres.

A pobreza destrói o cidadão mais rápido do que se pode conjugar o verbo viver. E onde fica a cultura nisso tudo?

Existe pobreza na cultura e cultura na pobreza. É verdade. Cultura pobre é aquela que não se dá ao respeito, não dignifica os seres em si mesmos. Viaja, promíscua, entre paraísos fiscais onde é melhor acolhida, como produto simplório e superficial que é, do que nos paraísos reais, onde tem que aprender a partilhar.

Há muito já tratava Marx da mais valia<sup>39</sup>. Não se recompensa o trabalho, mas apenas se protege a integridade física do trabalhador. Não que esta preocupe os donos dos meios de produção, apenas se almeja que o trabalhador retorne no dia seguinte à lida. O trabalho é, portanto, bem menor e insignificante, para aqueles que se servem da cultura pobre.

Hoje ainda cobram as elites, do estado, mais segurança do que o combate à fome, sob todas as suas perspectivas, desde a desnutrição física até a fome moral. É bem verdade que resistem bravamente os cidadãos empregados, pois sabem e convivem com a miséria do desemprego a um palmo e, não raro, sob o mesmo teto.

---

<sup>39</sup> Mais Valia e à diferença entre o valor final da mercadoria produzida e a soma do valor dos meios de produção e do valor do trabalho, que seria a base do lucro no sistema capitalista.

A cultura pobre evidencia apenas uma prática já tão reiterada que defini-la tornou-se desnecessário. Seus produtos encontram-se em tudo que respira cultura. Basta olhar ao redor nos semáforos, embaixo das poucas árvores que nos sobraram e imersos nos olhos quietos sob os viadutos. São concertos de uma orquestra que toca há séculos e que jamais mudou o tom.

A cultura dos pobres, ou seja, resultante deste outro lado, o percentual numérico maior e menos favorecido pela cultura pobre, é construída a partir da procura interminável e do desamparo silencioso.

A cultura proveniente da pobreza é, paradoxalmente, uma cultura mais rica. Intrinsecamente a cultura advinda do “esquecimento social” é cultura de ricos. Há riqueza, não nas suas engenhosidades lucrativas e astúcia monetária, mas no aprendizado. Transmite-se e se difundem costumes, com criatividade, sem a intervenção de veículos de mídia, mas através do mais importante dos mediadores: a solidariedade.

Por meio de tradições que nos enriquecem, almejamos e promovemos o enriquecimento dos demais. Aqueles que estão à nossa volta não são meros pares de braços e pernas, são construções socioculturais como nós. Uma vez necessitados, é mister ajudá-los. Pensando desta forma, expandimos nossa riqueza cultural além dos limites de uma cultura pobre que tende a impor barreiras.

Observando, entretanto, a cultura proveniente da pobreza, chega-se à conclusão que esta encontra-se cerceada pelas imposições dos laços retrógrados de dominação. Há, em verdade, uma cooptação, induzida pela cultura pobre, de individualidades e construções culturais para o mundinho seleto das facilidades. A cultura pobre, por meio de mecanismos apelativos, intimidativos e monopolizadores, freia a própria consolidação de uma cultura estruturada a partir de um olhar mais próximo do real.

Desta forma, quando temos, ilustrativamente, manifestações populares como blocos e festas que ameaçam ganhar espaço pela sua própria sinergia com as massas, são

imediatamente acampadas pelas elites. A defesa da cultura pobre é tornar-se mecenas de uma cultura desfavorecida antes que ela tome corpo e ande com as próprias pernas.

É importante desvincularmos a cultura pobre da cultura que tem sua gênese na ausência de recursos e meios. Esta última possui força, engajamento e participação na realidade. Não se alimenta do esforço alheio nem se locupleta da ausência de escrúpulos. É cultura que se impõe pela necessidade, mas também pela qualidade. É cultura que distribui no lugar de acumular.

A miséria primeiro se instaura nos corpos abatidos pelo cansaço, pelo descaso e pelo sofrimento, porém, apenas se permitirmos ela alcançará o nosso espírito. E o espírito de um povo são os seus vínculos culturais. Os sinais de vida que a cultura pobre se presta a mortificar.

#### **4. Pobres desde a perspectiva Eclesial**

Depois de 50 anos do Vaticano II e de Medellín, o Papa Francisco tem retomado em seus ensinamentos, o Vaticano II, o Magistério Latino Americano de Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida, percebe-se esta retomada em suas homilias, discursos e nos documentos *Evangelii Gaudium e Laudato Si'*, onde fica claro ensinamento de uma igreja pobre para os pobres. Propõe também que a igreja vá até os excluídos e excluídas que estão nas periferias existenciais e geográficas, tendo uma atitude profética e misericordiosa em favor da pessoa humana, de modo especial dos pobres, que estão sofrendo por causa do sistema que mata e exclui.

##### **4.1 Realidade em nível mundial**

Desde a sua eleição, o Papa Francisco tem buscado retomar o tema de uma Igreja pobre para os pobres e uma igreja que procura estar mais perto da realidade do povo e de seus problemas, propondo uma Igreja “em saída,” uma Igreja que vai ao encontro do povo.

Estas opções têm gerado muito conflitos e más interpretações por parte de muitos cardeais, bispos, padres e leigos. A questão da relação da Igreja com o mundo, a humanidade e especialmente os pobres são alguns dos descontentamentos.

Os pobres são o centro da Igreja, tem anunciado Francisco desde os primeiros dias de seu Papado. Para atestar esta afirmação e mostrar o caminho que ele quer seguir, promoveu três edições do Encontro Mundial dos Movimentos Populares (no Vaticano, em 2014 e em 2016, e na Bolívia, em 2015).

Estes encontros foram uma inovação na tradição da Igreja. O Papa Francisco está convocando os movimentos sociais mundiais para ouvir deles como interpretam os sofrimentos que padecem sob regimes de alta exploração do trabalho e da natureza. Não chama renomados sociólogos que teoricamente mostram a lógica de como as coisas hoje funcionam com a plena liberdade dos mercados e a desenfreada circulação dos capitais especulativos pelas bolsas do mundo inteiro. Essa lógica tem produzido imensa riqueza em poucas mãos e grande pobreza e exclusão nas grandes maiorias. O Papa chama os que sofrem para falar de seu sofrimento e buscar, juntos, novos caminhos para enfrentar este sistema perverso e excludente.

No encerramento da terceira edição de encontro, em 5 de novembro, ele disse que o mundo está dividido entre “um projeto-ponte dos povos contra o projeto-muro do dinheiro” e defendeu “a destinação universal dos bens”, além de denunciar a “imperialismo internacional do dinheiro”:

Então, quem governa? O dinheiro. Como governa? Com o chicote do medo, da desigualdade, da violência financeira, social, cultural e militar que gera cada vez mais violência numa espiral descendente que parece infinita. Quanta dor e quanto medo! Existe — como eu disse recentemente — um terrorismo de base que provém do controle global do dinheiro na terra, ameaçando a humanidade inteira. É deste terrorismo de base que se alimentam os terrorismos derivados, como o narcoterrorismo, o terrorismo de Estado e aquele que alguns erroneamente chamam terrorismo étnico ou religioso. Mas nenhum povo, nenhuma religião é terrorista! É verdade, existem pequenos grupos fundamentalistas em toda a parte. Mas o terrorismo começa quando «se expulsa a maravilha da criação, o homem e a mulher, colocando no seu lugar o dinheiro» (Conferência de imprensa no voo de regresso da Viagem Apostólica à Polónia, 31 de julho de 2016). Este sistema é terrorista.

Há quase cem anos, Pio XI previu o afirmar-se de uma ditadura global da economia, à qual ele chamou «imperialismo internacional do dinheiro» (Carta Encíclica *Quadragesimo anno*, 15 de maio de 1931, n. 109). Refiro-me ao ano de 1931! A sala onde agora nos encontramos chama-se «Paulo vi», e foi Paulo vi que denunciou, há quase cinquenta anos, a «nova forma abusiva de domínio económico nos planos social, cultural e até político» (Carta Apostólica *Octogesima adveniens*, 14 de maio de 1971, n. 44). No ano de 1971! São palavras duras, mas justas dos meus predecessores que perscrutaram o futuro. A Igreja e os profetas dizem há milénios aquilo que tanto escandaliza que o Papa repita neste tempo, no qual tudo isto alcança expressões inéditas. Toda a doutrina social da Igreja e o magistério dos meus predecessores estão revoltados contra o ídolo dinheiro, que reina em vez de servir, tiraniza e aterroriza a humanidade<sup>40</sup>.

Em 27 de novembro, Francisco avançou no tema dos pobres para dentro da Igreja ao questionar 800 gestores financeiros participantes do Simpósio sobre Economia da Congregação, em Roma: “A hipocrisia dos consagrados que vivem como ricos fere a consciência dos fiéis e prejudica a Igreja”. Francisco alertou que a gestão destas organizações (e de toda a Igreja) deve “escutar o sussurro de Deus e o grito dos pobres, dos pobres de sempre e dos novos pobres”<sup>41</sup>.

Nos últimos 35 anos, nos papados de João Paulo II e Bento XVI, a igreja teve uma supervalorização da Cúria romana e uma grande tendência ao conservadorismo e ao clericalismo; e o Papa Francisco busca mudar o rumo da Igreja começando pela Cúria romana. Num discurso sem precedentes, diante da Cúria romana, em um tradicional encontro de Natal, em 22 de dezembro de 2014, ele investiu frontalmente contra o espírito da hierarquia diante de cardeais e bispos entre constrangidos e indignados. Nele, apontou o que chamou de “as 15 enfermidades” da Cúria, entre elas a de “perder a capacidade de chorar com os que choram e se alegrar com os que se alegram. É a enfermidade dos que perdem os ‘sentimentos de Jesus’, porque o seu coração, com o passar do tempo, endurece-se e torna-se incapaz de amar incondicionalmente o Pai e o próximo”<sup>42</sup>.

---

<sup>40</sup> Francisco, “III Encontro Mundial de Movimentos Populares na Vaticano, 5 de novembro de 2016.”

<sup>41</sup> Francisco, “Mensagem do Papa Francisco aos participantes no 2º simpósio internacional sobre a gestão financeira organizado pela congregação para os institutos de vida consagrada e as sociedades de vida apostólica,” de 25 – 27 de novembro de 2016.

<sup>42</sup> Francisco, “Encontro com os cardeais e colaboradores da cúria romana para a troca de bons votos de natal,” em 22 de setembro de 2014.

De lá para cá, muitas coisas mudaram e, segundo alguns vaticanistas, Francisco está, aos poucos, modificando o perfil da Igreja. É o que diz dom Cláudio Hummes, o cardeal brasileiro que se tornou conhecido mundialmente pelo fato de, estando ao lado do Papa no exato momento de sua eleição, cumprimentá-lo sussurrando em seu ouvido uma frase que inspirou Bergoglio a escolher o nome de Francisco: “Não se esqueça dos pobres”.

Segundo Dom Claudio Hummes, apesar de algumas vozes contra, cita a carta dos 4 cardeais<sup>43</sup>, que questionam o Papa Francisco em relação a *Amoris laetitia*, Papa Francisco tem o apoio da grande maioria dos cardeais:

Começamos pela carta dos quatro cardeais. Sem querer relativizar este fato... são apenas quatro cardeais. Na Igreja, somos mais de 200. Sem querer relativizar muito, quatro são quatro de um grande grupo que está dando todo o seu apoio ao Papa. A Igreja defende que sua unidade deve ser unidade na diversidade, e não uniformidade, o que não seria bom. A Igreja não deve trabalhar para uma uniformidade, mas por uma unidade que respeite as legítimas diversidades. A unidade se vê ameaçada, com divisões, quando esta diversidade se deslegitima. E a divisão, sim, é um mal, a diversidade não.

A Igreja quer estar aberta a todas as sensibilidades. O Papa disse que temos que caminhar todos juntos e não excluir ninguém. Não importa o que pensa, o que seja, o que faça... O que importa é que cheguemos a caminhar juntos, como irmãos e como amigos. Devemos encontrar a forma de caminhar juntos, sem excluir ninguém. Se alguém se quer excluir a si mesmo, isso é outra coisa.

Mas o Papa nos convoca para caminhar juntos como irmãos, como amigos, e nos apoiar e iluminar juntos e aos outros. Essa Igreja aberta é uma Igreja muito diferenciada. A uniformidade começa a levantar muros e a dizer quem está dentro e quem está fora; isso é uniformidade. O Papa pode estar preocupado com os motivos pelos quais estas quatro pessoas cheguem a ponto de tentar corrigi-lo, mas ele está muito tranquilo, sereno, caminha em frente, sabe qual é o caminho a seguir. E aí estava o Colégio Cardinalício, com ele, sem maiores problemas. Todo o Colégio Cardinalício está com ele<sup>44</sup>.

As propostas do Papa Francisco são a de um pastor que está muito ligado diretamente às situações reais e não teóricas. É muito mais do mundo real do que alguém que faça teoria. Francisco, sobretudo, está perto das pessoas, dos grupos e de seus sonhos, de seus sofrimentos, de suas aspirações, de suas esperanças, de suas lamentações. Sempre está muito

---

<sup>43</sup> Carta enviada ao Papa Francisco pelos cardeais Walter Brandmüller, Joachim Meisner, Carlo Caffarra e Raymond Burke, questionando alguns pontos do capítulo 8 da exortação apostólica *Amoris Laetitia*.

<sup>44</sup> Bastante, Jesus, “Claudio Hummes: ¿Las críticas al Papa?” entrevista realizada em 25 de novembro de 2016.

perto. Como pastor está aí, não para criticar, para impor mais leis ou sanções, ou para sobrecarregar as pessoas com mais pesos.

Não, ele está aí para animar. Ele é um homem que quer que caminhemos juntos. Caminhar é uma das palavras mais importantes para ele. Caminhar juntos e animar as pessoas. Não quer controlar, criticar, julgar. Não é a lei que salva; o que salva é a misericórdia e o amor de Deus. Consolar, perdoar, abraçar, caminhar juntos. Ele é assim, e com todos. Ele pensa em animar a Humanidade em todas as suas sombras, dúvidas, desejos de futuro. Estarmos juntos. Que Deus é bom, que quer o nosso bem, que nos ama infinitamente, não importa quem somos ou quem não somos.

## **4.2 Realidade em nível de América Latina**

No período imediato pós-concílio, vivia-se uma realidade complicada na América Latina, como injustiça social, pobreza, ditaduras militares; além disso, a Igreja Latino-Americana vivia num verdadeiro distanciamento do profetismo.

Como afirma Clodovis Boff,

Até Medellín, a Igreja no Continente era a reprodução do modelo da Igreja europeia, em seu modo de organização, em sua problemática teológica e em suas propostas pastorais. Era uma igreja-reflexo não uma igreja-fonte. Portanto, a Igreja latino-americana, era mais propriamente a Igreja europeia na América Latina. Era, de fato, uma igreja em estado de minoridade, tutelada, privada de sua legítima autonomia institucional<sup>45</sup>.

Com as Conferências Episcopais Latino Americana, a Igreja latino-americana foi dando passos concretos na busca de uma igreja próxima do povo, de modo especial os pobres. Isso pode-se ver nas seguintes conferências:

A II Conferência Episcopal Latino-Americana aconteceu em Medellín, na Colômbia, no ano de 1968, e encarnou a ideia do Concílio, “nas palavras do Cardeal Lercaro, de que, a

---

<sup>45</sup> Boff, Clodovis, “Originalidade histórica de Medellín,” p. 568.

pobreza era o selo da expansão evangélica, e ainda convocava toda a Igreja para uma teologia da eminente dignidade dos pobres, nos quais, Deus esconde sua glória”<sup>46</sup>.

Fala também da possibilidade para alguns de “compartilharem a sorte dos pobres, vivendo com eles e trabalhando com suas mãos” (DM doc XIV n. 15). É o que mais tarde se iria chamar de “inserção nos meios populares,” para a qual Medellín estimula de modo todo particular os Religiosos e Religiosas, falando de “pequenas comunidades encarnadas realmente nos ambientes pobres” (DM XIV n.16).

Como se vê, o que depois iria se chamar, com todas as letras, de “opção preferencial pelos pobres”, em Medellín, vem enunciado de forma ainda geral, embora a proposta já apareça com todo o vigor em termos de “preferência efetiva pelos setores mais pobres” (DM doc. XIV n. 9). Aos Religiosos, em particular, se lembra a necessidade de "atender, educar, evangelizar e promover sobretudo as classes sociais marginalizadas" (Doc. XIII, n. 13, e).

Mas é preciso destacar que os pobres, em Medellín, são tratados como “sujeito”. E essa é a novidade da visão do pobre em relação à visão assistencialista do passado: a do pobre reduzido a “objeto” de cuidado.

Puebla (1979) vai falar da necessidade de “Conversão” de todos os cristãos e de toda a Igreja; essa ideia de “Opção preferencial pelos pobres”, em Puebla, diz o Padre Oscar Beozzo, “se repete mais de seis vezes”<sup>47</sup>. No mesmo intervalo de tempo, entre a segunda e terceira Conferência, nasce e cresce também a teologia que alimenta esse vigor profético da Igreja dos pobres e contra a pobreza. A Teologia da Libertação. É assim que “A Igreja é o povo de Deus, que manifesta sua vida de comunhão e serviço evangelizador em diversos níveis e sob diversas formas históricas”, (DP 618,). A conferência de Puebla teve como tema, “A Evangelização no presente e no futuro da América – Latina”. Seu horizonte utópico-profético foi a Exortação Apostólica, *Evangelii Nuntiandi*, sobre a Evangelização no mundo contemporâneo (1976), do Papa Paulo VI.

---

<sup>46</sup> Beozzo, Oscar José, *O Vaticano II e Igreja Latino-Americana*, p. 10.

<sup>47</sup> Beozzo, Oscar José, *O Vaticano II e Igreja Latino-Americana*, p 39.

No documento de Puebla, já se pode perceber quem são os pobres pelos quais vai se fazer a opção preferencial; no número 31 se fala concretamente destes pobres: “Esta situação de extrema pobreza generalizada adquire, na vida real, feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor (que nos questiona e interpela)” (DP 31).

Estes são os pobres nomeados por Puebla de 32 a 39:

32. - feições de crianças, golpeadas pela pobreza ainda antes de nascer, impedidas que estão de realizar-se, por causa de deficiências mentais e corporais irreparáveis, que as acompanharão por toda a vida; crianças abandonadas e muitas vezes exploradas de nossas cidades, resultado da pobreza e da desorganização moral da família;

33. - feições de jovens, desorientados por não encontrarem seu lugar na sociedade e frustrados, sobretudo nas zonas rurais e urbanas marginalizadas, por falta de oportunidades de capacitação e de ocupação;

34. - feições de indígenas e, com frequência, também de afro-americanos, que, vivendo segregados e em situações desumanas, podem ser considerados como os mais pobres dentre os pobres.

35. - feições de camponeses, que, como grupo social, vivem relegados em quase todo o nosso continente, sem terra, em situação de dependência interna e externa, submetidos a sistemas de comércio que os enganam e os exploram;

36. - feições de operários, com frequência mal remunerados, que têm dificuldade de se organizar e defender os próprios direitos;

37. - feições de subempregados e desempregados, despedidos pelas duras exigências das crises econômicas e, muitas vezes, de modelos desenvolvimentistas que submetem os trabalhadores e suas famílias a frios cálculos econômicos;

38. - feições de marginalizados e amontoados das nossas cidades, sofrendo o duplo impacto da carência dos bens materiais e da ostentação da riqueza de outros setores sociais;

39. - feições de anciãos cada dia mais numerosos, frequentemente postos à margem da sociedade do progresso, que prescindem das pessoas que não produzem.

Puebla abre muito mais o alcance dos pobres, objeto de sua opção preferencial, quando ele proclama: Estamos preocupados com as angústias de todos os membros da cidade, qualquer que seja seu status social:

Preocupam-nos as angústias de todos os membros do povo, qualquer que seja a sua condição social: sua solidão, seus problemas familiares, a falta de sentido que não poucos veem na vida. E mais especialmente queremos, hoje, compartilhar as angústias que nascem de sua pobreza (DP 27).

Somam-se a isto as angústias produzidas pelo abuso do poder, típicas dos regimes de força. Angústias causadas pela repressão sistemática ou seletiva, acompanhada de delação, de violação da privacidade, de pressões exageradas, de torturas, de exílios (DP 42).

Angústias provocadas pela violência da guerrilha, do terrorismo e dos sequestros efetuados por extremistas de sinais diversos, que comprometem igualmente o convívio social (DP 43).

E, por fim, angustiado pela ausência de participação social em vários níveis:

Referimo-nos a isso nos parágrafos 15s, mas recordamos que carecem dos mais elementares bens materiais em contraste com a acumulação de riquezas nas mãos de uma minoria, muitas vezes às custas da pobreza de muitos. Os pobres não carecem de bens materiais, mas também no plano da dignidade humana, carecem de uma plena participação social e política. Nesta categoria se encontram principalmente nossos indígenas, camponeses, operários, marginalizados pela cidade e, especialmente, a mulher desses setores sociais, por sua condição duplamente oprimida e marginalizada<sup>48</sup>.

Em Santo Domingo (1992), evidenciaram-se as virtudes e as falhas dos quinhentos anos de Evangelização de nosso continente. Discutiu-se como tema central “A nova

---

<sup>48</sup> Nota de rodapé do DA numero 1135.

Evangelização, a promoção humana e a cultura Cristã”. Seu lema, “Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre.” Apesar de ter como proposta dar continuidade à obra de Medellín e Puebla, Santo Domingo, como tudo na vida, foi reflexo da realidade concreta de seu tempo. Até hoje se busca entender o que realmente quis dizer Santo Domingo, sobre “Nova Orientação Pastoral” e ainda não está entendido em que consiste a “Nova Evangelização”, apesar de ser centrada em Jesus Cristo, proposta embasada na Carta aos Hebreus (Hb 13,6).

Parece ter perdido consistência aquela precisão nas palavras e nas ações, nos anúncios e nas denúncias, marcas do DNA do Concílio e herdadas por Medellín e Puebla. O sujeito da ação profética perde em grande parte a sua identidade e ficam difusas a causa e a ação. A vida cristã e a promoção humana parecem querer dizer “qualquer coisa” ao dizer, ao mesmo tempo, tudo, diferentemente das duas Conferências anteriores, que têm e deixam claros estes pontos. O pobre e a pobreza; a conversão de todo o povo e da Igreja; a vida e a primazia das comunidades. Tudo isto parece ficar escondido na transição da Igreja e da sociedade Latino-Americana naquele momento. Francisco Catão diz que “Santo Domingo rompe com o movimento de renovação da Igreja latino-americana despertado pelo Concílio e sustentado por Medellín e Puebla”<sup>49</sup>.

Sobre quem são os pobres, o número 167 os cita como forma de denúncia pelas injustiças e por fazerem parte das pessoas que estão em situação de extrema pobreza, fruto da estrutura econômica que gera grade desigualdade social:

“Merecem uma denúncia especial as violências contra os direitos das crianças, da mulher e dos grupos mais pobres da sociedade: camponeses, indígenas e afro-americanos. É necessário denunciar também o comércio do narcotráfico” (DSD 167).

No documento de Aparecida (2007), aparece claramente a categoria pobre, igreja pobre para os pobres (DA 391 – 398), que foi inserida, já do discurso de abertura feito pelo Papa Bento XVI: “Neste sentido, a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé

---

<sup>49</sup> Catão, Francisco, *Santo Domingo – Significação e Silêncios*, p. 7.

crisológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com a sua pobreza (cf. 2 Cor 8,9).”

E outra citação muito importante está na introdução ao documento final. O texto nos traz uma citação do Papa Bento XVI, na Encíclica, “*Deus Caritas Est*”, que nos parece mais que oportuna para a Igreja atual. Assim nos diz o Papa: “Não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, com uma pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva” (DA 12).

Entre tantos sinais resgatados por Aparecida, daquela Igreja dos pobres e contra a pobreza, daquela Igreja povo de Deus para transformar o mundo, a Conferência de Aparecida nos traz, com toda a força que a fez nascer, a ideia de comunidade na III Conferência. “Torna-se cada vez mais necessária a multiplicação de pequenas comunidades territoriais ou ambientais, que correspondam a uma evangelização mais personalizante” (DP 111). Volta a ousar e falar de conversão e define as Comunidades Eclesiais como “Células vivas da Igreja, (...) Escolas de comunhão” (DA 170). A paróquia, por sua vez, diz o documento, “Seja reformulada, para que seja, uma rede de comunidades e grupos, capazes de se articular conseguindo que seus membros se sintam realmente discípulos e missionários de Jesus Cristo em comunhão” (DA172). Aparecida nos traz um novo momento de profecia para toda a Igreja

O Documento Aparecida elencou os rostos daqueles que sofrem, no número 65: comunidades indígenas e afro-americanas, mulheres excluídas em virtude de diversas razões, jovens, pobres desempregados, migrantes, deslocados, agricultores sem-terra, crianças submetidas à prostituição infantil e crianças vítimas do aborto. O Documento elenca também, logo a seguir, no mesmo número, outros tipos de pessoas que sofrem:

A globalização faz emergir, em nossos povos, novos rostos pobres. Com especial atenção e em continuidade com as Conferências Gerais anteriores, fixamos nosso olhar nos rostos dos novos excluídos: os migrantes, as vítimas da violência, os deslocados e refugiados, as vítimas do tráfico de pessoas e sequestros, os desaparecidos, os enfermos de HIV e de enfermidades endêmicas, os toxicodependentes, idosos, meninos e meninas que são vítimas da prostituição, pornografia e violência ou do trabalho infantil, mulheres maltratadas, vítimas da exclusão e do tráfico para a exploração sexual, pessoas com capacidades diferentes, grandes grupos de desempregados/as, os excluídos pelo analfabetismo tecnológico, as pessoas que vivem na rua das grandes cidades, os indígenas e afro-americanos, agricultores sem terra e os mineiros. A

Igreja, com sua Pastoral Social, deve dar acolhida e acompanhar essas pessoas excluídas nas respectivas esferas (DA 402).

Mas, o que mais chama a atenção é que o Documento de Aparecida, referindo-se ainda aos excluídos, afirma que estes não são somente explorados, mas supérfluos e descartáveis.

Depois de 50 anos do Vaticano II e de Medellín, o Papa Francisco retoma em seus ensinamentos todo o magistério pós-vaticano II e o ensinamento Latino-Americano de Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida. Percebe-se esta retomada em suas homilias, discursos e nos documentos *Evangelii Gaudium* e *Laudato Si'*, em que fica claro ensinamento de uma igreja pobre para os pobres. Propõe também que a igreja vá até os excluídos e excluídas que estão nas periferias existenciais e geográficas, tendo uma atitude profética e misericordiosa em favor da pessoa humana, de modo especial dos pobres, que estão sofrendo por causa do sistema que mata e exclui.

Agora se vê a realidade da América Latina como fonte, não somente para si, mas para a Igreja Universal; o magistério Latino Americano tem orientado a atuação do Magistério da Igreja de Roma. Basta ver em trecho da carta que o Papa Francisco enviou ao o Cardeal Marc Armand Ouellet, P.S.S. Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina:

Há um fenômeno muito interessante que se produziu na nossa América Latina e que desejo citar aqui: acredito que seja um dos poucos espaços em que o Povo de Deus foi libertado de uma influência do clericalismo: refiro-me à pastoral popular. Foi um dos poucos espaços em que o povo (incluindo os seus pastores) e o Espírito Santo puderam encontrar-se sem o clericalismo que procura controlar e moderar a unção de Deus sobre os seus. Sabemos que a pastoral popular, como escreveu Paulo vi na exortação apostólica *Evangelii nuntiandi*, «tem sem dúvida as suas limitações. Ela acha-se frequentemente aberta à penetração de muitas deformações da religião», mas, prossegue, «se for bem orientada, sobretudo mediante uma pedagogia da evangelização, ela é algo rico de valores. Assim ela traduz em si uma certa sede de Deus, que somente os pobres e os simples podem experimentar; ela torna as pessoas capazes para terem rasgos de generosidade e predispõe-nas para o sacrifício até ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé; ela comporta um apurado sentido dos atributos profundos de Deus: a paternidade, a providência, a presença amorosa e constante, etc. Ela, depois, suscita atitudes interiores que raramente se observam alhures no mesmo grau: paciência, sentido da cruz na vida cotidiana, desapego, aceitação dos outros, dedicação, devoção, etc. Em virtude destes aspectos, nós chamamos-lhe de bom grado “piedade popular”, no sentido de religião do povo, em vez de religiosidade... Bem orientada, esta religiosidade popular, pode vir a ser cada vez mais, para as nossas massas populares, um verdadeiro encontro com

Deus em Jesus Cristo» (n. 48). O Papa Paulo VI usa uma expressão que considero fundamental, a fé do nosso povo, as suas orientações, buscas, desejos, anseios, quando as conseguimos escutar e orientar, acabam por nos manifestar uma presença genuína do Espírito. Confiemos no nosso Povo, na sua memória e no seu «olfato», confiemos que o Espírito Santo aja em e com ele, e que este Espírito não é só «propriedade» da hierarquia eclesial.

Citei este exemplo da pastoral popular como chave hermenêutica que nos pode ajudar a compreender melhor a ação que se gera quando o Santo Povo fiel de Deus reza e age. Uma ação que não permanece vinculada à esfera íntima da pessoa, mas que, ao contrário, se transforma em cultura; «uma cultura popular evangelizada contém valores de fé e solidariedade que podem provocar o desenvolvimento duma sociedade mais justa e crente, e possui uma sabedoria peculiar que devemos saber reconhecer com olhar agradecido» (*Evangelii gaudium*, 68).

Apesar desta realidade positiva dos leigos, citada acima pelo Papa Francisco, a ação pastoral, em grande medida, ainda é refém da sacramentalização e da manutenção de estruturas físicas. O relacionamento de padres, bispos e lideranças é ainda conflituosa, devido o autoritarismo e individualismo de ambos os lados.

Inibiu-se a ascensão do profetismo e ainda há muito preconceito quanto à ação transformadora e, por outro lado, a consciência missionária e o ecumenismo precisam despertar para o novo modelo de evangelização.

Constata-se uma volta ao clericalismo: as decisões ficam centralizadas na pessoa do padre, fruto de uma insuficiente formação tanto do clero quanto dos leigos e leigas. Resultam daí muitos desafios: falta aprofundamento na mensagem revelada e nos conteúdos da fé; confusão de crenças, superficialismo, subjetivismo, incapacidade de dar respostas às questões próprias do pluralismo cultural; o distanciamento de uma espiritualidade bíblica e eclesial, o que leva a fazer de Deus um objeto de desejos pessoais; há muita atividade pastoral, mas pouco planeamento; poderíamos dizer que vise um conjunto de pastorais, mas não uma pastoral de conjunto, o que resulta numa sobrecarga de funções, para poucas lideranças. Embora considerando essa fragilidade, conta-se com lideranças preparadas, porém sobrecarregadas e escassas, quanto a um efetivo comprometimento.

Mesmo reconhecendo que a maioria das ações pastorais são desenvolvidas pelas mulheres, não lhes é dada a devida valorização, sendo necessário consolidar espaços de

decisões e divisão de responsabilidades: conselhos, assembleias, coordenações, planos de pastoral.

Precisa-se voltar à Igreja na base. E as “Comunidades eclesiais têm sido escolas que ajudaram a formar cristãos comprometidos com sua fé, discípulos e missionários do Senhor, como evidenciado pela generosa dedicação para derramar seu sangue, de muitos de seus membros. Eles abraçam a experiência das primeiras comunidades, como são descritas nos Atos dos Apóstolos (cf. At 2, 42-47)” (DA 178).

### **Conclusão**

Nenhuma mudança será possível sem, antes, fazer uma análise da realidade, sendo que esta leitura deve ser feita com olhos da fé, para que possamos entender o que se está passando, entender a complexidade do mundo moderno.

Neste capítulo, procurou-se mostrar a realidade dos pobres do mundo e da América Latina, mostrar também a realidade de exclusão, de desigualdade social que tem excluído e matado aqueles que não estão dentro do modelo capitalista excludente.

A pobreza sempre foi um problema a ser analisado e levado a sério, por isso, Jesus, a Igreja, com sua Doutrina Social e os Santos Padres, buscaram escrever e optar pelos que sofrem, a partir das realidades socioeconômicas, política e também a realidade eclesial.

Se olharmos os Evangelhos, pode-se ver Jesus optando pelos pobres, doentes, as viúvas e os demais excluídos e excluídas em sua realidade. Os Santos Padres, desde o início da Igreja, vêm mostrando que os pobres devem ser amados e respeitados e que a riqueza que não se compartilha é causa da condenação eterna; já a Doutrina Social busca mostrar o valor da pessoa humana e sua dignidade de filhos Deus. É nesta perspectiva que está o segundo capítulo deste trabalho de investigação; estas são as luzes que iluminarão a realidade de pobreza, para que todos possam ter uma vida justa e fraterna.

## **CAPÍTULO II**

### **FUNDAMENTOS BÍBLICOS E MAGISTERIAIS DE UMA IGREJA POBRE PARA OS POBRES**

Depois de mostrar uma visão geral da realidade da pobreza, o “ver”, neste segundo capítulo, segue-se um julgamento mediante a tradição bíblica a partir de Jesus nos Evangelhos, e o magistério Latino-Americano de uma Igreja pobres os pobres, caracterizando um “julgar”.

#### **1. Jesus e os pobres a partir dos Evangelhos**

Neste ponto, sobre Jesus e os pobres a partir dos Evangelhos, busca-se mostrar em um primeiro momento a realidade de pobreza e de justiça encontrada por Jesus.

Em um segundo momento, uma pesquisa sobre a etimologia da Palavra “pobre”. Para entender o conceito da palavra “pobre”, no contexto dos Evangelhos, é importante primeiramente buscar a compreensão de pobres no Antigo Testamento, visto que a palavra “pobre” pode ter significado diferente, de acordo com o contexto em que é utilizada; entendendo isso, compreende-se melhor a realidade dos Evangelhos de Marcos, Mateus, Lucas e João.

Em um terceiro ponto, sobre quem eram os pobres nos Evangelhos, um pouco mais centrado nos Evangelhos de Marcos, Mateus e Lucas.

E por fim, em um quarto ponto, existe uma reflexão sobre Jesus: chamado a proclamar a Boa Nova aos pobres, em que, através dos Evangelhos, mostra-se o sentido da Missão Libertadora de Jesus.

## 1.1 Realidade de pobreza e justiça encontrada por Jesus

Para entender a opção de Jesus pelos pobres é importante saber da realidade de pobreza e justiça encontrada por Ele.

A preocupação pela justiça em favor dos pobres não nasceu em Israel, mas sim remonta às antigas culturas do Oriente Próximo.<sup>50</sup> Outro importante conceito neste tempo é o conceito de justiça na antiga Mesopotâmia, que estava associado à ordem estabelecida pelo poder divino. Fazer justiça não era dar somente o que a pessoa merecia por seus méritos, mas sim devolver o lugar que a vontade divina lhe havia concedido. Esta justiça se denomina comutativa ou distributiva<sup>51</sup>.

Naquele tempo, havia também a chamada justiça libertadora, que se resumia na preocupação do Rei pelos pobres, as viúvas e os órfãos, assim como também fazer os decretos de anistia, que perdoavam as dívidas, restituíam os bens confiscados e davam liberdade aos escravos<sup>52</sup>. Em Israel, a ideia de justiça libertadora foi aplicada em toda a ação de Deus para com o povo. A justiça salvífica de Deus salvou o povo de Israel da escravidão do Egito, promessa feita aos antepassados, (cf Ex 6, 6-8)<sup>53</sup>.

Por outro lado, a lei não era cumprida com exatidão, e a exclusão, a exploração eram bem presentes junto ao povo. Pode-se perceber a disparidade de classes. Com isso, entende-se a ação dos profetas, que se tornam a consciência social da nação, em nome de Deus, e eram os defensores dos pobres e oprimidos<sup>54</sup>.

---

<sup>50</sup> Antigo Oriente Próximo, ou Antigo Oriente, é o termo eurocêntrico utilizado para denominar a região de onde apareceram as civilizações anteriores às clássicas, na região que atualmente se denomina Médio Oriente (Irã, parte do Irã, parte da Turquia, Síria, Líbano, Israel, Egito) no período que vai desde a Idade do Bronze chegando até à expansão dos Persas no século VI a.C. Cf. Liverani, *O Antigo Oriente*, p. 19-35.

<sup>51</sup> Cf. Nardoni, "Justicia, trabajo y pobreza" p. 268.

<sup>52</sup> Cf. Nardoni, "justicia, trabajo y pobreza" p. 268.

<sup>53</sup> "Por isso, dize aos israelitas: eu sou o Senhor; vou libertar-vos do jugo dos egípcios e livrar-vos de sua servidão. Estenderei o braço para essa libertação e manifestarei uma terrível justiça. Tomar-vos-ei para meu povo e serei o vosso Deus, e sabereis que eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos terei libertado do jugo dos egípcios. Introduzir-vos-ei na terra que jurei dar a Abraão, a Isaac e a Jacó: e vos darei a possessão dessa terra, eu, o Senhor" (Ex 6,6-8).

<sup>54</sup> Cf. Nardoni, "Justicia, trabajo y pobreza" p. 268.

Pode-se comparar a desigualdade social e exploração do povo a partir das denúncias feitas pelos profetas, dentre os quais Amós, (cf. Am, 2,6)<sup>55</sup> e Oséias (cf Os 4, 1-4)<sup>56</sup> e o profeta Isaías, que fez ecoar as críticas de Amós e Oséias, (cf Is 1, 16-17).<sup>57</sup> Já o profeta Ezequiel condenou a maneira como se tratavam os pobres, dizendo: “O povo da terra pratica a extorsão, comete roubos, oprime o pobre e o necessitado e maltrata o estrangeiro sem julgamento”(cf Ez 22, 29)<sup>58</sup>.

A situação foi semelhante nos dias de Jesus. Os líderes religiosos não mostraram o menor interesse nos pobres e necessitados. Exemplo desse desinteresse são fariseus, que eram “amantes do dinheiro” (cf. Lc 16,14), e os escribas, que “devoram as casas das viúvas” (cf. Lc 20,47) e que estavam mais preocupados em manter as suas tradições do que cuidar dos idosos e desamparados<sup>59</sup>.

Vale ressaltar que, na parábola do Bom Samaritano, um sacerdote e um levita viram um homem ferido, mas continuaram do outro lado da estrada em vez de parar para ajudá-lo (cf Lc 10, 29-37)<sup>60</sup>.

---

<sup>55</sup> “Oráculo do Senhor: Por causa do triplo e do quádruplo crime de Israel, não mudarei meu decreto. Porque vendem o justo por dinheiro, e o pobre por um par de sandálias”.

<sup>56</sup> “Israelitas, ouçam a palavra do Senhor, porque o Senhor tem uma acusação contra vocês que vivem nesta terra: “A fidelidade e o amor desapareceram desta terra, como também o conhecimento de Deus. Só se veem maldição, mentira e assassinatos, roubo e mais roubo, adultério mais adultério; ultrapassam todos os limites! E o derramamento de sangue é constante. Por causa disso a terra pranteia, e todos os seus habitantes desfalecem; os animais do campo, as aves do céu e os peixes do mar estão morrendo. Mas, que ninguém discuta, que ninguém faça acusação, pois sou eu quem acusa os sacerdotes”.

<sup>57</sup> “Lavem-se! Limpem-se! Removam suas más obras para longe da minha vista! Parem de fazer o mal, aprendam a fazer o bem! Busquem a justiça, acabem com a opressão. Lutem pelos direitos do órfão, defendam a causa da viúva”.

<sup>58</sup> Nardoni, “Justicia, trabajo y pobreza” p. 268.

<sup>59</sup> “Guardai-vos dos escribas, que querem andar de roupas compridas e gostam das saudações nas praças públicas, das primeiras cadeiras nas sinagogas e dos primeiros lugares dos banquetes; que devoram as casas das viúvas, fingindo fazer longas orações. Eles receberão castigo mais rigoroso” (Lc 20, 46-47).

<sup>60</sup> “Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: ‘E quem é o meu próximo?’ ‘Em resposta, disse Jesus: ‘Um homem descia de Jerusalém para Jericó, quando caiu nas mãos de assaltantes. Estes lhe tiraram as roupas, espancaram-no e se foram, deixando-o quase morto. Aconteceu estar descendo pela mesma estrada um sacerdote. Quando viu o homem, passou pelo outro lado. E assim também um levita; quando chegou ao lugar e o viu, passou pelo outro lado. Mas um samaritano, estando de viagem, chegou onde se encontrava o homem e, quando o viu, teve piedade dele. Aproximou-se, enfaixou-lhe as feridas, derramando nelas vinho e óleo. Depois colocou-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, deu dois denários ao hospedeiro e disse-lhe: ‘Cuide dele. Quando voltar lhe pagarei todas as despesas que você tiver’.

A partir dos Evangelhos, percebe-se bem como era a realidade dos pobres, os esquecidos pelas autoridades, mas, ao mesmo tempo, os evangelhos evidenciam que Jesus compreendia a realidade dos pobres, dos enfermos, dos necessitados e excluídos (cf Mt 25, 40-45) e incentiva seus discípulos a ampará-los. Interessante ressaltar que Jesus estava bem atento à realidade que vivia e “não se deve pensar que a pobreza de Jesus era maior que a pobreza comum de seu tempo”<sup>61</sup>.

## 1.2 Etimologia da palavra “pobre” nos Evangelhos

Para entender o conceito da palavra “pobre”, no contexto dos Evangelhos, é importante primeiramente buscar a compreensão de pobres no Antigo Testamento, visto que a palavra “pobre” pode ter significados diferentes de acordo com o contexto em que é utilizada.

No Antigo Testamento, Robert V. Unmack diz que uma das palavras hebraicas para “pobre” é “‘ebyôn” e significa “aflito”, “angustiado”, “desamparado”, “necessitado”, ou seja, é o indivíduo que foi “maltratado ou está sofrendo algum problema social”. Enquanto a expressão hebraica “dal” é usada para “fraco”, “instável”, “magro”, e aplicada no sentido de “alguém empobrecido ou de meios reduzidos, mas não necessariamente pobre”. No Antigo Testamento, a lei dos israelitas favorecia os “pobres” dos “encargos criminosos dos usurários” (cf Ex 22,25; Lv 25,36). À beira dos campos, as vinhas deveriam ser deixadas para que o pobre não fosse privado das necessidades básicas da vida (cf Lv 19,9-10; 23,22)<sup>62</sup>.

Para Leonard J. Coppes, a raiz hebraica “dal” descreve “aquele de condição humilde”. “Dal” não evidencia padecimento nem tampouco sofrimento, mas demonstra privação, mas não em “nível absoluto”. Essa palavra é usada quando se refere ao povo “pobre” de Israel. Ela revela a carência de bens materiais e de prestígio social, como podemos ver em 2R 24,14: “E transportou a toda a Jerusalém como também a todos os príncipes, e a todos os homens

---

‘Qual destes três você acha que foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?’ ‘Aquele que teve misericórdia dele’, respondeu o perito na lei. Jesus lhe disse: ‘Vá e faça o mesmo” Lc 10, 29-37.

<sup>61</sup> Mckenzie, “Pobres” p. 731.

<sup>62</sup> Cf. Unmack, “Pobre” p. 1570.

valerosos, dez mil presos, e a todos os artífices e ferreiros; ninguém ficou senão o povo pobre da terra”.<sup>63</sup> Leonard J. Coppes diz, ainda, que palavra hebraica “anî” também é usada para descrever aquele que é “pobre”, “fraco”, “aflito”, “humilde”, é usado principalmente para se referir ao indivíduo que padece de algum tipo de deficiência física ou angústia. O “anî” às vezes é usado como paralelismo sinônimo de “ebyôn” e “dal”, mas a compreensão da linguagem é de dar a ideia de alguma disfunção física ou aflição. O povo de Israel recebe ordens de Deus para não humilhar o seu empregado retendo o seu pagamento, por ele ser um “anî” (pobre), de repente ele pode clamar a Deus, o seu protetor. Sendo assim, o povo tem a aprovação divina quando ofertar ao “anî” (pobre)<sup>64</sup>.

Para entender melhor a relação de Jesus com os pobres, é importante aprofundar-se na etimologia da palavra “pobre”, derivado do grego e, assim, entender quem são os pobres as quais Jesus se direcionava.

O idioma grego classifica a pobreza em duas categorias distintas, são elas: os “penes” (πένης, ητος, ὁ)<sup>65</sup> e os “ptochós”<sup>66</sup> (πτωχός, ή, ὄν)<sup>67</sup>.

Percebe-se, assim, que o idioma grego demonstra cuidado nos conceitos, porque havia a preocupação em poder delimitar claramente a sociedade e seu modo de organização. Afinal, existe uma diferença considerável entre ambas as classes (“penes” e “ptochós”).

Porém, quando a Bíblia foi traduzida para o latim (idioma limitado em vocábulos e expressões), usou-se uma mesma palavra para designar essas classes que, no idioma original, são diferenciadas; e a palavra usada foi “pobre”, não esquecendo que o português, mesmo

---

<sup>63</sup> Cf. Coppes, “Pobre” p. 313.

<sup>64</sup> Cf. Coppes, “Pobre” p. 1145.

<sup>65</sup> Coenen, no dicionário teológico do Novo Testamento, na página 380, faz o seguinte comentário sobre a etimologia da palavra Penes: Pénes, da mesma raiz que πόνος (pónos), que designa em grego (desde Jenofonte) ao homem que não pode viver de sua própria fortuna ou de seu patrimônio, mas tem que trabalhar. Assim pois, o pénes, é o pobre, relativamente contrário a riqueza. A partir de legislação de Sólon, esta denominação se aplica ao trabalhadores e aos pequenos, isto é, ao extrato inferior da democracia.

<sup>66</sup> Coenen, no dicionário teológico do Novo Testamento, na página 381, faz o seguinte comentário sobre a etimologia da palavra ptōchós: Ptōchós pertence à família de πτη (pte), encolhido, πτησσω (ptésso), assustar-se πτωσσω (ptōsso), encolher-se, inclinar-se, humilhar-se com temor, πτωξ (ptōx) tímido, encolhido. Literalmente se utiliza a partir de Homero (s. VIII a. C.) e designa a situação de dependência social absoluta: mendicante, mendigo, necessitado.

<sup>67</sup> Cf. Coenen, “Pobre” pp. 380-381.

tendo uma variedade enorme de possibilidades, originou-se do latim. Então, a tradução portuguesa da Bíblia manteve a mesma palavra (pobre) para determinar aquilo que, nos evangelhos, são situações diferentes em cada escrito.

### 1.3 Os pobres nos Evangelhos

O conceito de “pobres” no Novo Testamento, principalmente nos “Evangelhos”, segundo o estudo de Hans-Helmut Esser,<sup>68</sup> aparece 34 vezes (sendo que 24 vezes nos sinóticos, sendo que 10 vezes em Lc, 6);” à vista disso, o estudo da palavra nos “Evangelhos Sinóticos” tem o seu sentido literal. Na passagem do jovem rico, Jesus disse: “Vai, vende tudo que tens, dá-o aos pobres” (cf Mc 10.21; Lc 18.22); a oferta da viúva pobre “que tinha direito a esmolas é muito maior do que aquelas dos ricos” (cf Mc 12.41; Lc 21.1-4). Em Mt 11.5, Jesus se refere aos pobres da seguinte forma: “Os cegos veem, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho”. Jesus também se refere aos pobres na primeira bem-aventurança tanto de Mt 5,3 “Bem-aventurados os pobres de espírito”, como de Lc 6,20: “Bem-aventurados os pobres.” Sobre isso Esser explica que:

Disputa-se a questão da forma original, bem como a questão de se este dito foi tirado da tradição judaica. Há muita coisa para recomendar o ponto de vista de a forma de Lucas, mais curta (“Bem-aventurados vós os pobres, porque vosso é o reino de Deus”) ser original, mas não na segunda pessoa (cf. Mt 5,3: “Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus”); Mateus dá uma paráfrase interpretativa que ressalta o significado hebraico.<sup>69</sup>

Para se entender melhor esta questão, das duas interpretações, continua com o que o autor diz sobre elas:

Nenhuma das duas passagens emprega “pobre” no sentido social geral. A forma expandida em Mateus, “os pobres de espírito (hoi ptochoi to pneumati)”, ressalta o fundo histórico vétero-testamentário e judaico daqueles que, na aflição, confiam somente em Deus (Cf. Sl 69 [68], 28-29, 32-33 [...]) Em Lucas, as bem-aventuranças se confinam essencialmente à pobreza, aos pobres, aos que choram, aos famintos, aos odiados, e seguem-se os “ais” contra os ricos (Lc 6, 24 e ss.). Lucas ao empregar a segunda pessoa, indica que a pobreza das bem-aventuranças é

---

<sup>68</sup> Esser, “Pobre” p.1686.

<sup>69</sup> Esser, “Pobre” p. 1687.

aquela que é causada pelo discipulado. Isto porque aquele que crê no Filho acha cumpridas nEle todas as promessas de Deus para os pobres e sofredores, angustiados e humildes<sup>70</sup>.

O termo “pobres”, na linguagem evangélica, ainda que designe exclusivamente os economicamente fracos ou os sem bem materiais, certamente inclui a pobreza real. Diante da palavra “pobre”, no Novo Testamento, entende-se “necessitado”, “mendigo”, “cativo”, “cego”, “oprimido”, “coxo”, “leproso”, “surdo”, “enfermo”, que geralmente eram pessoas que não tinham como ganhar seu sustento e viviam na mendicância. Faziam parte também dos pobres as viúvas, os órfãos que, na maioria das vezes, ficam a mercê da caridade pública.

Pobres eram também os diaristas, que no tempo de Jesus eram mais numerosos que os escravos, sendo suas condições de vida geralmente mais precárias, pois ganhavam muito pouco e nem sempre tinham trabalho, como podemos conferir em Mt 20, 1-7<sup>71</sup>.

Em geral, as mortes dos pobres, no novo testamento, não eram por fome ou sede, a maioria do sofrimento vinha da vergonha por ser pobre, que os levava a um sentimento de impotência, já que o dinheiro e o poder eram mais importantes que a dignidade da pessoa humana, como se vê em Lc 16, 3.<sup>72</sup> O pobre era um ser insignificante, sem valor, sem dignidade, era o último da sociedade e viviam aflitos com um fardo que pesavam sobre seu ser<sup>73</sup>.

Outra perspectiva interessante em relação a Jesus com os pobres é a atitude d’Ele em relação à pobreza. Jesus aconselha a renúncia à riqueza como caminho para o seu seguimento, isto é, põe a pobreza como um conselho evangélico. Jesus exige dos seus seguidores a

---

<sup>70</sup> Esser, “Pobre” p.1687.

<sup>71</sup> “Com efeito, o Reino dos céus é semelhante a um pai de família que saiu ao romper da manhã, a fim de contratar operários para sua vinha. Ajustou com eles um denário por dia e enviou-os para sua vinha. Cerca da terceira hora, saiu ainda e viu alguns que estavam na praça sem fazer nada. Disse-lhes ele: Ide também vós para minha vinha e vos darei o justo salário. Eles foram. À sexta hora saiu de novo e igualmente pela nona hora, e fez o mesmo. Finalmente, pela undécima hora, encontrou ainda outros na praça e perguntou-lhes: - Por que estais todo o dia sem fazer nada? Eles responderam: - É porque ninguém nos contratou. Disse-lhes ele, então: Ide vós também para minha vinha.”

<sup>72</sup> “O administrador refletiu então consigo: Que farei, visto que meu patrão me tira o emprego? Lavrar a terra? Não o posso. Mendigar? Tenho vergonha.”

<sup>73</sup> “Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei” Mt 11, 28.

renúncia do que possuem (cf Mt 8,20),<sup>74</sup> não por motivos éticos, mas por razão de liberdade que o homem pode alcançar e ao mesmo tempo não correria risco de ter uma divisão entre ricos e pobres dentro da comunidade de seus seguidores.<sup>75</sup> Exemplo dessa afirmação podemos constatar em Mc 10, 17-21<sup>76</sup>.

Jesus ressalta, nessa passagem, como que a riqueza, muitas vezes, impede o seguimento a Ele e pode confirmar este critério de desapego no chamado dos discípulos: Mt 19, 27-29, <sup>77</sup>Mc 10 28-30,<sup>78</sup> e em Lc 18, 28-30<sup>79</sup>.

Com cerca de trinta anos,<sup>80</sup> Jesus deixou o seu trabalho, sua família, seu povo e saiu para pregar o evangelho do Reino. Nessa ação, Jesus encontraria a raiz desta recomendação que, mais tarde, proporia para seus discípulos: deixar pai e mãe, campos e terras e a profissão de pescador (cf Mc 10, 28-32 ; Mt 4, 18-22). Jesus repete, por outro lado, em sua própria vida, a atitude de Abraão, Moisés e do êxodo do povo de Israel, que deixaram tudo e se puseram a caminho para a terra prometida<sup>81</sup>.

---

<sup>74</sup> “E disse Jesus: As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça.”

<sup>75</sup> Cf. Rahner y Vorgrimler, “pobreza” p. 564.

<sup>76</sup> “Tendo ele saído para se pôr a caminho, veio alguém correndo e, dobrando os joelhos diante dele, suplicou-lhe: “Bom Mestre, que farei para alcançara vida eterna?” Jesus disse-lhe: “Por que me chamas bom? Só Deus é bom. Conheces os mandamentos: não mates; não cometas adultério; não furtos; não digas falso testemunho; não cometas fraudes; honra pai e mãe.” Ele respondeu-lhe: “Mestre, tudo isto tenho observado desde a minha mocidade. “Jesus fixou nele o olhar, amou-o e disse-lhe: “Uma só coisa te falta; vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me.

<sup>77</sup> “Pedro então, tomando a palavra, disse-lhe: Eis que deixamos tudo para te seguir. Que haverá então para nós? Respondeu Jesus: Em verdade vos declaro: no dia da renovação do mundo, quando o Filho do Homem estiver sentado no trono da glória, vós, que me haveis seguido, estareis sentados em doze tronos para julgar as doze tribos de Israel. E todo aquele que por minha causa deixar irmãos, irmãs, pai, mãe, mulher, filhos, terras ou casa receberá o cêntuplo e possuirá a vida eterna”.

<sup>78</sup> “Pedro começou a dizer-lhe: “Eis que deixamos tudo e te seguimos”. Respondeu-lhe Jesus. “Em verdade vos digo: ninguém há que tenha deixado casa ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou filhos, ou terras por causa de mim e por causa do Evangelho que não receba, já neste século, cem vezes mais casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e terras, com perseguições e no século vindouro a vida eterna”.

<sup>79</sup> “Pedro então disse: Vê, nós abandonamos tudo e te seguimos. Jesus respondeu: Em verdade vos declaro: ninguém há que tenha abandonado, por amor do Reino de Deus, sua casa, sua mulher, seus irmãos, seus pais ou seus filhos, que não receba muito mais neste mundo e no mundo vindouro a vida eterna”.

<sup>80</sup> “Quando Jesus começou o seu ministério, tinha cerca de trinta anos, e era tido por filho de José, filho de Heli, filho de Matat” (Lc 3, 23).

<sup>81</sup> Cf. Gesteira, Manuel. “Jesús y los pobres” p. 20.

Renunciar e colocar como segundo plano seu trabalho, sua casa e seus familiares por causa do Reino devem ter sido atitudes muito estranhas para seus parentes,<sup>82</sup> cuja razão deveria ser encontrada.

Segundo Gesteria, “ao abandonar sua casa, seu trabalho, Jesus se converte em um marginalizado. O evangelho nos fala que de início morava em Cafarnaum (cf Mt 4, 13). Na casa de Simão Pedro (cf Mc 1, 29; 2, 1) aonde só retornava quando ia a lugares próximos.”<sup>83</sup> No evangelho de Mt 8, 20<sup>84</sup> e Lc 9, 58<sup>85</sup>, podemos constatar que Jesus não tinha uma residência fixa, vivia de acordo com a providência de Deus e a benevolência das pessoas por onde passava.

Outra renúncia importante de Jesus foi ao poder e à glória e à violência. A tentação do poder foi uma constante na sua vida, e Jesus sempre lutando contra esta tentação. O sinal mais importante em relação ao poder foi sua entrega gratuita na cruz. Na cruz, Jesus abre mão de toda forma de riqueza e poder e se entrega totalmente ao Reino e a Deus.

No norte da Galileia, por volta do ano 70 d.C., a comunidade de Marcos estava tentando seguir o projeto de Jesus. Além dos conflitos externos, como a violência, a fome e os apelos dos movimentos nacionalistas com o messianismo do rei, internamente a comunidade enfrentava conflitos étnicos e culturais.<sup>86</sup> “O modo de vida romano e a busca desenfreada de bens, poder e privilégios foram assimilados por muitas pessoas”<sup>87</sup>: “Concedenos, na tua glória, sentarmo-nos, um à tua direita, outro à tua esquerda” (cf Mc 10,37). Assim entendemos mais a realidade de pobreza do Evangelho de Marcos.

---

<sup>82</sup> “Quando os seus o souberam, saíram para o reter; pois diziam: “Ele está fora de si.” (Mc 3, 21) e Chegaram sua mãe e seus irmãos e, estando do lado de fora, mandaram chamá-lo. Ora, a multidão estava sentada ao redor dele; e disseram-lhe: “Tua mãe e teus irmãos estão aí fora e te procuram” (Mc 3, 31-32).

<sup>83</sup> Gesteira, Manuel, “Jesús y los pobres” Corintios XIII 13 (1980) p. 20.

<sup>84</sup> Respondeu Jesus: As raposas têm suas tocas e as aves do céu, seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde repousar a cabeça.

<sup>85</sup> Jesus replicou-lhe: “As raposas têm covas e as aves do céu, ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça.”

<sup>86</sup> Cf. Marques, Maria Antonia, “No caminho de Jesus: Uma leitura do Evangelho de Marcos” p. 6-7.

<sup>87</sup> Marques, Maria Antonia, “No caminho de Jesus: Uma leitura do Evangelho de Marcos,” p. 7.

Eis algumas passagens importantes em relação aos pobres do Evangelho de Marcos:

- “E depois, foram para Jericó. E, saindo ele de Jericó com seus discípulos e uma grande multidão, Bartimeu, o cego, filho de Timeu, estava assentado junto do caminho, mendigando” (cMc 10,46);
- “Vindo, porém, uma pobre viúva, deitou duas pequenas moedas, que valiam meio centavo. E, chamando os seus discípulos, disse-lhes: Em verdade vos digo que esta pobre viúva deitou mais do que todos os que deitaram na arca do tesouro; Porque todos ali deitaram do que lhes sobejava, mas esta, da sua pobreza, deitou tudo o que tinha, todo o seu sustento” (Mc 12, 42 – 44);
- “E, estando ele em Betânia, assentado à mesa, em casa de Simão, o leproso, veio uma mulher, que trazia um vaso de alabastro, com unguento de nardo puro, de muito preço, e quebrando o vaso, lho derramou sobre a cabeça” (Mc 14,3).

Já em Mateus (que escreve para cristãos de origem judaica), seria a pobreza espiritual. “Em vários locais, o judaísmo e as sinagogas estavam divididos. De um lado, os judeus fariseus se consideravam o verdadeiro Israel e os intérpretes legítimos da Lei”<sup>88</sup>. “Exerciam suas atividades nas sinagogas, de onde controlavam o cotidiano do povo, por meio da função de explicar, interpretar e impor a Lei”. Acreditavam que a libertação do povo só aconteceria com a observância da lei do puro e impuro.

As pessoas que não tinham condições de cumprir pontualmente com todas as exigências da Lei eram consideradas impuras e malditas. Por isso o número de pessoas excluídas era grande.

Os textos de Mateus, em relação aos pobres, são os seguintes:

- “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus” ( Mt 5,3);
- “Os cegos veem, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os surdos ouvem; os mortos são ressuscitados, e aos pobres é anunciado o evangelho” (Mt 11, 5);

---

<sup>88</sup> Marques, Maria Antônia, “Deus conosco: o messias da justiça e da misericórdia uma introdução ao evangelho de Mateus” p. 6.

- “Disse-lhe Jesus: Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e vem, e segue-me” (Mt 19,21);
- “Pois este unguento podia vender-se por grande preço, e dar-se o dinheiro aos pobres” (Mt 26,9);
- “Porquanto sempre tendes convosco os pobres, mas a mim não me haveis de ter sempre” (Mt 26,11).

Segundo Mckenzie “Lucas tem certos números de passagens que concernem à pobreza e que são peculiares somente a ele: nelas emerge um interesse especial pelo problema.”<sup>89</sup> Em Lucas, “os pobres” são os “penes”, ou seja, os que precisam trabalhar para sustentar-se.

“A realidade das comunidades exige atualizar a prática de Jesus. A existência de ricos cada vez mais ricos e a presença de miseráveis nas comunidades cristãs mostram que é preciso retomar a prática da partilha e da solidariedade (Lc 6,20-38)”<sup>90</sup>.

Por isso, o evangelho de Lucas dá uma atenção especial às pessoas pobres e marginalizadas, insistindo na importância da partilha.

Estas são as passagens no Evangelho de Lucas:

- E disse: “Afirmo-lhes que esta viúva pobre colocou mais do que todos os outros. (Lc 21,3);”
- “Diante do seu portão fora deixado um mendigo chamado Lázaro, coberto de chagas (Lc 16,20);”
- “Chegou o dia em que o mendigo morreu, e os anjos o levaram para junto de Abraão. O rico também morreu e foi sepultado (Lc 16,22);”
- “Mas, quando der um banquete, convide os pobres, os aleijados, os mancos, e os cegos (Lc 14,13);”

---

<sup>89</sup> Mckenzie, “Pobres” p.731.

<sup>90</sup> Centro Bíblico Verbo, “Caminho aberto para o próximo: introdução ao evangelho de Lucas” p. 7.

- Olhando para os seus discípulos, ele disse: “Bem-aventurados vocês os pobres, pois a vocês pertence o Reino de Deus (Lc 6,20);”
- Mas Zaqueu levantou-se e disse ao Senhor: “Olha, Senhor! Estou dando a metade dos meus bens aos pobres; e se de alguém extorqui alguma coisa, devolvarei quatro vezes mais (Lc 19,8);”
- “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos (Lc 4,18);”
- “Todos esses deram do que lhes sobrava; mas ela, da sua pobreza, deu tudo o que possuía para viver (Lc 21,4);”
- Então ele respondeu aos mensageiros: “Voltem e anunciem a João o que vocês viram e ouviram: os cegos veem, os aleijados andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e as boas novas são pregadas aos pobres; (Lc 7,22);”
- Ao ouvir isso, disse-lhe Jesus: “Falta-lhe ainda uma coisa. Venda tudo o que você possui e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro nos céus. Depois venha e siga-me (Lc 18,22);”
- “O servo voltou e relatou isso ao seu senhor. Então o dono da casa irou-se e ordenou ao seu servo: ‘Vá rapidamente para as ruas e becos da cidade e traga os pobres, os aleijados, os cegos e os mancos (Lc 14,21);”
- João respondia: “Quem tem duas túnicas reparta-as com quem não tem nenhuma; e quem tem comida faça o mesmo (Lc 3,11).”

No evangelho de Lucas, perceber-se, no seu conteúdo, uma nítida opção pelos pobres e contra a pobreza, em que os ricos não são excluídos, mas chamados a abandonar a idolatria pelos bens materiais. Lucas é duro contra os ricos e a riqueza. “Mas ai de vós, ricos, porque tendes a vossa consolação!” (cf Lc 6,24).

A comunidade joanina era composta de pessoas pobres e marginalizadas, que começaram a viver de um jeito diferente: “irmãos e irmãs unidos não pela Lei, mas pelo

amor. É muito provável que essas pessoas vivessem sob a opressão da Lei. Elas conseguiram ver na proposta cristã um caminho alternativo.”<sup>91</sup> Viviam o amor mútuo e a certeza de que a presença do Verbo encarnado em cada pessoa humana era a base que sustentava e animava vida. Era comunidade mista, com pessoas provenientes de vários grupos e religiões<sup>92</sup>.

São as seguintes passagens:

- “Então os vizinhos, e aqueles que dantes tinham visto que era cego, diziam: Não é este aquele que estava assentado e mendigava?” (Jo 9,8);
- “Por que não se vendeu este unguento por trezentos dinheiros e não se deu aos pobres?” (Jo 12,5);
- “Porque os pobres sempre os tendes convosco, mas a mim nem sempre me tendes” (Jo 12,8).

Uma expressão importante, que merece um aprofundamento, sobre o pobre nos Evangelhos, é quando os pobres são chamados de bem-aventurados, sendo os textos de Mateus 5, 3-12<sup>93</sup> e Lc 6, 20-23<sup>94</sup>.

---

<sup>91</sup> Centro Bíblico Verbo, “Permanecei no meu amor para dar muitos frutos (Jo 15,8-9): introdução ao Evangelho de João” p. 7.

<sup>92</sup> Cf. Centro Bíblico Verbo, “Permanecei no meu amor para dar muitos frutos (Jo 15,8-9): introdução ao Evangelho de João” p. 7.

<sup>93</sup> “Bem-aventurados os que têm um coração de pobre, porque deles é o Reino dos céus! Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados! Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra! Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados! Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia! Bem-aventurados os puros de coração, porque verão Deus! Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus! Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus! Bem-aventurados sereis quando vos caluniarem, quando vos perseguirem e disserem falsamente todo o mal contra vós por causa de mim. Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que vieram antes de vós.”

<sup>94</sup> “Então ele ergueu os olhos para os seus discípulos e disse: Bem-aventurados vós que sois pobres, porque vosso é o Reino de Deus! Bem-aventurados vós que agora tendes fome, porque sereis fartos! Bem-aventurados vós que agora chorais, porque vos alegrareis! Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, vos expulsarem, vos ultrajarem, e quando repelirem o vosso nome como infame por causa do Filho do Homem! Alegrai-vos naquele dia e exultai, porque grande é o vosso galardão no céu. Era assim que os pais deles tratavam os profetas.”

Em Mateus, o conceito de pobres de espírito “se entende puramente religioso [...], segundo essa concepção, são os humildes, os pobres perante Deus, que diante de Deus se colocam como mendigos, de mãos vazias, conscientes de sua pobreza espiritual”<sup>95</sup>.

O propósito pelo qual Lucas e Mateus divergem nesse assunto é que Lucas pensa em pobres no sentido de “opressão externa”, e Mateus pensa na “angústia interna”. A tradição das bem-aventuranças em Mateus se deu a partir de uma igreja que estava lutando contra a tentação farisaica de autojustificação, e a tradição de Lucas em uma igreja que estava sob dura opressão e precisava de conforto<sup>96</sup>.

A expressão “Reino dos Céus,” no contexto de Mateus, tem um significado relevante, pois no ambiente judaico-cristão em que Jesus estava inserido não era comum, pois no Antigo Testamento “reino” é muito pouco usado no sentido de espaço, “de território, quase sempre quer dizer o poder de reinar, a autoridade, o poder de um rei”. Mas “reino” em tempo algum é compreendido abstratamente, mas sim como “estando em processo de realizar-se”. Portanto, o “Reino de Deus” não é uma definição “espacial nem estática, mas dinâmica”. Esta expressão significa a autonomia de Deus em atuação, em oposição à autoridade humana, e também igualmente contrária a toda soberania no céu e na terra. O fundamento central do “Reino de Deus” é de Ele estar promovendo o ideal da justiça real, sempre desejado, mas nunca cumprido na terra<sup>97</sup>.

Vendo as bem-aventuranças, encontra-se aí uma chave de leitura para compreender por que Deus escolhe os pobres e não a todos.

Outra análise muito importante dos dois textos foi realizada por Rinaldo Fabris, que se impressiona com a forma como Lucas, em relação a Mateus, faz um discurso direto: “Vós, não, os pobres, na terceira pessoa, mas sim vós, os pobres. Além disso, observa a falta de

---

<sup>95</sup> Jeremias Joachim, *Teologia do Novo Testamento*, p.180.

<sup>96</sup> Cf. *Jeremias*, Joachim, *Teologia do Novo Testamento* p.182.

<sup>97</sup> Cf. *Jeremias*, Joachim, *Teologia do Novo Testamento*, p.161-162.

um detalhe que indique o sentido de pobre: de espírito, o texto de Lucas diz somente pobres”<sup>98</sup>.

Outra diferença que é importante destacar é que em “lugar de reino dos céus, diz Reino de Deus. Não se trata de uma grande diferença, mas o reino dos céus dá um acento mais ao aspecto transcendental, espiritual – embora para dar nome a Deus – substitui por lugar. [...] O mais notável é a brevidade da edição lucana.”<sup>99</sup>

Importante perceber que Lucas trata as bem-aventuranças como condições, e Mateus as coloca como qualidades. Para Lucas são condições reais, os pobres, os famintos, os atribulados, os que choram e os perseguidos.

As bem-aventuranças significam bem mais do que a mensagem evoca: uma esperança eterna após a morte. Ela se enraíza na vida concreta. Todas as pessoas têm o direito à vida digna. Porém, na realidade de ontem e hoje há muitos famintos, aflitos e perseguidos.

Importante observar que, com as explicações sobre a realidade dos pobres nos Evangelhos, o cristianismo foi um movimento de muita importância no mundo romano, que teve seu desenvolvimento nas classes pobres e humildes. Percebe-se que Jesus conquistou mais a sociedade menos favorecida, isto é, os pobres. A partir dos exemplos e ensinamentos de Jesus, pode-se afirmar que a Igreja dos séculos primeiros foi a Igreja dos Pobres.

#### **1.4 Jesus chamado a pregar a Boas nova aos pobres**

Jesus fez assim em sua missão: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu, enviou-me a anunciar a boa nova aos pobres, para proclamar libertação aos cativos, a recuperação cego vista, para libertar os oprimidos e para proclamar o ano aceitável do Senhor” (cf Lc 4, 18-19). Então Jesus fala dele como cumprimento da Palavra: “e Ele começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu a Escritura que vocês acabaram de ouvir” (cf Lc 4, 21).

---

<sup>98</sup> Fabris, Rinaldo, *La opción por los pobres en la Biblia*, p. 27.

<sup>99</sup> Fabris, Rinaldo, *La opción por los pobres en la Biblia*, p. 28.

Esta passagem é basicamente uma citação de Isaías 61, 1, que, na sua versão original, refere-se à libertação dos cativos e oprimidos do exílio. Mas a citação de Isaías, em Lucas, sofre um ajuste importante quando se refere a Jesus. Deve-se notar, em primeiro lugar, a insistência sobre a liberdade ou libertação gratuita<sup>100</sup>.

O termo grego usado é “aphesis” (αφεσις)<sup>101</sup>, que significa remissão, perdão ou anistia e posterior liberação do cativo. No texto de Lucas, essa palavra aparece duas vezes, embora tenha sido necessário introduzir à citação de Isaías 61, 1 outra citação de Isaías 58, 6: “O jejum que desejo não é este: soltar as correntes da injustiça, desatar as cordas do jugo, pôr em liberdade os oprimidos romper todo jugo?”. Assim, fala-se não só para proclamar liberdade aos cativos, mas também de libertar os oprimidos; libertação efetiva, real, que não aparece em Isaías 61, 1, e responde à situação específica em que os pobres viviam.

Em segundo lugar, Lucas, ao citar Isaías 61, 1, se detém, inesperadamente, antes de chegar ao fim. Isaías termina da seguinte forma: “proclamar um ano de” “Lucas na sua citação suprime o do dia da vingança de nosso Deus e destaca o ano de graça, é aí que reside precisamente a boa notícia, porque os pobres tinham vivido muito o clima severo de raiva e vingança;”<sup>102</sup> agora serão anunciados a eles a mensagem de compaixão e misericórdia.

Em terceiro lugar, na citação de Lucas aparece uma tendência à universalidade: a passagem de Isaías 61, 1-3 acaba referindo-se à coroa concedida aos aflitos de Sião. “Jesus, segundo Lucas, também dispensa em sua leitura desta referência aos pobres de Sião, judeus, para manter um nível que vai além da área específica de Israel”<sup>103</sup>. É nessa realidade de pobreza, doença, opressão e cativo, que se manifesta máxima igualdade e universalidade do ser humano, e que também é onde vai se manifestar a universalidade do Deus de Jesus Cristo. E aí entendemos a parcialidade de Jesus pelos pobres e sofredores.

---

<sup>100</sup> Cf. Gesteira, Manuel, “Jesús y los pobres” p. 33.

<sup>101</sup> Cf. Gesteira, Manuel, “Jesús y los pobres” p. 33.

<sup>102</sup> Gesteira, Manuel, “Jesús y los pobres” p. 33.

<sup>103</sup> Gesteira, Manuel, “Jesús y los pobres” p. 33.

Outro estudo importante sobre essa passagem do Evangelho de Lucas foi realizada por Cesar Mora Paz e Aramando J. Levoratti, no qual se vê com mais clareza a missão de Jesus:

A frase “para levar boa nova aos pobres” mostra a finalidade mais importante e relevante da missão de Jesus: aliviar do sofrimento de todos os necessitados. Lc 7, 22 pode ser um excelente comentário desta passagem: Jesus ressalta o alívio do sofrimento humano como prova de sua missão messiânica. Assim se manifesto a pedagogia divina: quando Deus quis se manifestar como Pai, tirou Israel da escravidão e o levou maravilhosamente para o deserto até uma terra onde corre leite e mel<sup>104</sup>.

Já no Comentário Bíblico Internacional, Samuel Oyin Abogunrin faz um análise da passagem de Lucas 4, 18-19 a partir da realidade vivida pelo povo que ainda esperava a realização da profecia do profeta Isaías, “pois ainda viviam sobre opressão de estrangeiros: primeiro os persas, depois os gregos e mais tarde os romanos”<sup>105</sup>.

Diante desta realidade de opressão, Jesus deixa os judeus atônito quando leu a passagem do profeta Isaías, ‘hoje se cumpriu esta profecia’<sup>106</sup>. Ao usar a frase o Espírito do Senhor está sobre mim para proclamar a boa nova aos pobres e oprimidos, Jesus sabia que ele era o portador do e o inaugurador do Reino de Deus. Jesus se serve destas palavras do profeta Isaías para mostrar seu projeto de salvação<sup>107</sup>.

Interessante a reflexão de Samuel Oyin Abogunrin, no Comentário Bíblico Internacional, em relação à reação por parte dos que estavam presentes na sinagoga, sendo que uns ficaram profundamente impressionados e outros disseram:

Quem pensa que é, o Messias? Não podiam aceitá-lo especialmente se não dava uma prova milagrosa. Como podia Jesus, o filho de José, o carpinteiro, no qual a mãe e os irmãos estavam na mesma sinagoga afirmar que era o Messias? Depois de uns minutos se enfureceram e trataram de matá-lo. Esta confirma o que está escrito no evangelho de João: veio aos seus e ele não o receberam. Muitos o receberam, a todos aqueles que o receberam, e aos que creem no seu nome, deu-lhes poder de se tornarem filhos de Deus<sup>108</sup>.

---

<sup>104</sup> Paz e Levoratti, “Evangelho Segundo São Lucas,” p. 497.

<sup>105</sup> Abogunrin, “Lucas” p. 1256.

<sup>106</sup> Cf. Abogunrin, “Lucas” p. 1256.

<sup>107</sup> Cf. Abogunrin, “Lucas” p. 1256.

<sup>108</sup> Abogunrin, “Lucas” p. 1256.

Uma reflexão importante sobre a missão de Jesus foi realizada por Pe Benedito Ferraro:

Jesus anuncia O Evangelho do Reino (cf. Lc 4,18.43; Mt 11,5; Mc 1,14-15), num ambiente de dominação e opressão. Nesse sentido, ele procura resgatar a memória de salvação e libertação presente na história do povo de Israel. Ele “desengaveta” a promessa de vida e vida abundante para todos (cf. Jo 10,10), para mostrar que o Deus que ele prega é o Deus da Vida, o Defensor, o Goel do povo, cuja ação libertadora está presente na ação histórica de Deus (cf. Ex 3,7-10). Na Palestina do I século, sob dominação dos romanos, Jesus retoma o projeto de Deus, o projeto da Vida, presente no Antigo Testamento. Anuncia o Reino aos pobres e mostra-os como os primeiros destinatários de sua mensagem de salvação (cf. Mt 11,5; Lc 7,22)<sup>109</sup>.

E continua com sua reflexão dizendo que a missão principal de Jesus é evangelizar o Reino:

Evangelizar é, pois, resgatar a possibilidade da vida para quem não tem vida. É, na verdade, recriar a “utopia”, o “sonho”, para quem estava esmagado pela situação de opressão que inviabilizava a possibilidade da vida. Jesus, com sua prática, “refaz” a utopia, aponta para a possibilidade de se resgatar a vida dos pobres e excluídos: “Sempre em relação com a libertação dos pobres, deve-se considerar um ‘logion’ da fonte Q, testemunhado por Mt 11,5 e Lc 7,22. Para além do teor exato das palavras, pode-se reter, como provável, que este remonta substancialmente a Jesus. A referência a Is 61,1, quanto à alegre notícia dada aos pobres, e a Is 29,18-19, quanto às curas indicadas, mostra que em Jesus se cumpriram os sinais messiânicos do tempo escatológico preanunciado pelo profeta. Emerge além disso que a evangelização dos pobres, posta no fim do ‘logion’, recapitula os gestos de libertação antes indicados. Evidencia-se assim que os pobres são evangelizados não só com uma proclamação verbal, mas também por meio de gestos eficazes de cura dos doentes e da ressurreição dos mortos. Jesus é um evangelista eficaz e operativo. Os beneficiários naturais do Reino de Deus, isto é, os pobres, como resulta da bem-aventurança, encontram uma libertação efetiva na sua atividade taumaturgica. Por ela, irrompem na história os tempos escatológicos<sup>110</sup>.

Com estas passagens, entende-se bem a missão de Jesus, que é a de pregar a Boa Nova aos pobres e levá-los a um processo de libertação.

Pode-se chegar a seguintes conclusões nesta primeira parte do capítulo, que teve como objetivo, a partir dos Evangelhos, mostrar a realidade encontrada por Jesus em relação aos

---

<sup>109</sup> Ferraro, Benedito, “A utopia de Jesus” p. 12.

<sup>110</sup> Ferraro, Benedito, “A utopia de Jesus” p. 12.

pobres e, ao mesmo tempo, mostra a preocupação que Jesus tinha por toda a realidade de pobreza e injustiça e, também, mostrar o porquê da opção de Jesus por eles.

Em relação a isto, algumas conclusões importantes:

Os pobres, nos Evangelhos, são aqueles que sofrem exclusão social ou a marginalização, que são consequências da injustiça e da opressão.

Deus age em favor dos pobres e os livra de pobreza e opressão.

Jesus se soma aos profetas, que vê a pobreza como resultado da injustiça e da opressão, e não algum tipo de maldição divina.

A pobreza como uma virtude é essencialmente um ato de consequência e solidariedade com os pobres. A partir desta perspectiva, os “pobre de espírito” são aqueles que se simpatizam e se comprometem com os pobres.

A opção preferencial pelos pobres é um elemento essencial dos Evangelhos e, portanto, importante na vida de cada crente. Os pobres são sempre pessoas específicas, nos diversos aspectos de pobreza: econômica, cultural, política, social, religiosa, etc.

As formas concretas que esta opção deve tomar, tanto pessoal e comunitariamente, exigem visão profunda, adequada às circunstâncias e para destinatários específicos. O objetivo é sempre uma avaliação do pobre como pessoa e protagonista de sua própria libertação, como um sinal da presença de Deus em nossa caminhada, que exige a nossa conversão, os nossos esforços e nosso compromisso.

## **2. Os Santos Padres e a pobreza**

A questão da pobreza sempre foi uma realidade debatida e discutida na vida da Igreja e segue um tema muito complicado de se debater, que muitas vezes gera críticas e acusações; basta ver a realidade da Igreja atual no ministério do Papa Francisco. Uma pergunta que gera muita polêmica é se o cristão pode enriquecer? O que a Bíblia diz sobre as riquezas? E a questão se complica quando se cita aquele versículo em que Jesus, logo depois de conversar

com o jovem rico, diz: “Como é difícil para os ricos entrar no reino de Deus! É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus” (Mt 19, 23-24; Mc 10, 23-24; Lc 18, 24-25). A expressão é tão forte que os discípulos reagiram dizendo: “Quem então poderá salvar-se?”

É claro que, como em toda a visão cristã da ética, a questão aqui não é “pode” ou “não pode”. Cada cristão precisa, a partir dos olhos novos que a experiência do encontro com Jesus Cristo lhe dá, discernir de que maneira desenvolverá a sua relação com o dinheiro e com os bens materiais em geral. Como uma forma de apoio a esse discernimento, é bom dar uma olhada nos testemunhos que a experiência cristã deixou ao longo da história

Os Padres da Igreja, isto é, os grandes autores cristãos dos primeiros séculos do cristianismo, que tinham diante de si a tarefa de explicitar e sistematizar a doutrina cristã aos fiéis, detiveram-se bastante sobre esse assunto. Os seus ensinamentos sobre a relação entre o cristão e o dinheiro eram muito claros e bastante unânimes; estão bem longe daquele discurso meio raso que muitas vezes se ouve nas comunidades, de que a única coisa que importa é não ser apegado aos bens materiais.

A Igreja, nos primeiros séculos, defendeu “que os bens eram um dom de Deus para todos, devendo, por isso, ser divididos com todos aqueles que nada possuem”.<sup>111</sup> Santos Padres como Clemente de Alexandria (150 - 215 d.C.), São Basílio Magno (330 - 379 d.C.), Santo Ambrósio de Milão (337 - 397 d.C.), São João Crisóstomo (348 - 407 d.C.), defenderam o primado da pobreza na Igreja dos cinco primeiros séculos. Pobreza como opção de vida e pobreza como mal a ser combatido. Ninguém deveria se apegar aos bens terrestres, pois o verdadeiro tesouro estava em Cristo e na Salvação por ele prometida.<sup>112</sup> Tudo o que

---

<sup>111</sup> Kampling, Rainer, “Pobres y ricos en la Iglesia Antigua,” p. 229.

<sup>112</sup> João Crisóstomo trabalhou esta ideia como um grande propagador da Doutrina Social da Igreja. Ele sistematizou um conceito de cidade fraterna sem espaço para a pobreza e a injustiça: “a velha ideia da ‘polis’ grega é substituída por uma nova ideia de cidade inspirada na fé cristã. Crisóstomo defendia com Paulo (cf. 1 Cor 8, 11) a primazia de cada cristão, da pessoa como tal, também do escravo e do pobre. O seu projeto corrige assim a tradicional visão grega da “polis”, da cidade, na qual amplas camadas de população eram excluídas dos direitos de cidadania, enquanto na cidade cristã todos são irmãos e irmãs com iguais direitos. A primazia da pessoa é também a consequência do facto que realmente partindo dela se constrói a cidade, enquanto que na “polis” grega a pátria era superior ao indivíduo, o qual estava totalmente subordinado à cidade no seu conjunto.

fosse acumulado era como um atestado de roubo dos pobres. Assim, os cristãos seriam pobres possuindo só o que era necessário, repartindo o que lhes era supérfluo, eliminando a miséria e a pobreza de suas comunidades.

## 2.1 Clemente de Alexandria

Foi um grande teólogo que, provavelmente, nasceu em Atenas, em meados do segundo século. De Atenas herdou um notável interesse pela filosofia, que fez dele um dos promotores mais proeminentes do diálogo entre fé e razão na tradição cristã, em relação à pobreza. Primeiramente é importante retomar seu escrito do livro “O Pedagogo”, no qual fala do amor à pessoa humana; para falar de pobreza e pobre é preciso primeiro ter a clareza de que todo o ser humano é digno de ser amado:

Então, o homem que Deus criou é digno ser amado por si mesmo; isto é, o que por si só mesmo é amado está ligado com Aquele para quem é amado por si só e, portanto, também é aceito e amado por ele. Mas, pode algo ser digno de amor por alguém sem ser amado por ele? O ser humano, como temos visto, é um ser digno de ser amado; conseqüentemente, o ser humano é amado por Deus.

Como não será amado por quem o Unigênito, o Logos de nossa fé, desceu do seio do Pai? O Senhor, que é certamente a fé Salvador, afirma quando diz: “Pois o mesmo Pai vos ama, visto como vós me amastes” (Jo16,27); e novamente: “e os amaste como igualmente me amaste” (Jo17,23)<sup>113</sup>.

Em segundo momento, Clemente de Alexandria trabalha a relação com os bens materiais, isto é, a riqueza: “Em uma palavra, a riqueza, se não for bem administrada é uma cidadela do mal. E a maioria dos homens que se tronam vespugos por ela não poderão entrar no Reino dos Céus, enfermos pelas coisas mundanas e por viver arrogantemente por causa do luxo”<sup>114</sup>.

Outro ponto exposto por Clemente é uma pergunta que muito incomoda e motivo de grande reflexão: As riquezas são uteis? Clemente prefere que os cristãos tenham uma vida

---

Assim com Crisóstomo tem início a visão de uma sociedade construída pela consciência cristã. E ele diz-nos que a nossa "polis" é outra, "a nossa pátria está no céu" (Fl 3, 20) e esta nossa pátria também nesta terra nos torna iguais, irmãos e irmãs, e obriga-nos à solidariedade.” (Bento XVI, “Audiência geral sobre São João Crisostomo em 19 de setembro de 2007).

<sup>113</sup> Clemente de Alejandria, *El pedagogo*, p. 50.

<sup>114</sup> Clemente de Alejandria, *El pedagogo*, p. 178.

dirigida pelo amor a Deus e ao próximo e tenha o coração liberado da escravidão dos bens materiais. Para ele, o uso dos bens é determinado pela necessidade, que pode ser satisfeita com muito pouco. Deus nos deu a possibilidade do uso, mas apenas dentro dos limites do necessário. É, portanto, um absurdo que apenas uns poucos vivam entre delícias, enquanto muitos se acham na miséria<sup>115</sup>.

Para Clemente de Alexandria, os bens materiais podem encher o coração do ser humano e afastá-lo de Deus e das pessoas; tanto que, ao fazer a reflexão sobre o jovem rico do Evangelho de Marcos, mostra que os discípulos se colocam espantados quando Jesus conta a parábola, a ponto de se perguntarem quem poderá se salvar.

Os discípulos sentiram-se impressionados e assombrados. Que temiam? Acaso possuíam grandes bens? Não tinham abandonado a redes, os anzóis, os utensílios de pescas que era toda sua fortuna? Por que então este grito de espanto: Quem poderá se salvar? É que como, bons discípulos, haviam compreendido perfeitamente a misteriosa parábola de Jesus Cristo e haviam captado toda sua profundidade. Embora tivera desprendido de seus bens e tinham motivos para crer que estavam salvos, sentiam porem, em seu coração que não havia apagado todas as paixões<sup>116</sup>.

Seguindo na parábola do jovem rico, clemente tranquiliza os ricos, dizendo que o problema não são os bens materiais, mas sim a paixão por eles. Segundo ele, é preciso usar os bens, também, em benefícios dos pobres, isto é, não tem que abandonar as riquezas que Deus provê, mas colocá-las a serviço do ser humano:

Não tem que rejeitar os bens materiais que são capazes de ajudar nosso próximo. A natureza das posses é ser possuída. A dos bens é derramar os bens e Deus destinou este ultimo aos bens estar dos homens. Os bens são em nossas mãos como instrumento de grande utilidade se quem o usa sabe utiliza-los. Se serve dos bens com maestria, eles são muito uteis. Se é pouco experto, se converte em um brinquedo de sua ignorância. O mesmo acontece com a riqueza. Sabe usa-la justamente? Servira de justiça? Faz dela uso indecente? Estará destinado a fazer o mal. A natureza fez da riqueza uma escrava, não uma dona. Por conseguinte, não há que gritar contra ela, pois, não é boa nem má, mas totalmente inocente. Depende de nós o uso que fazemos, que pode ser bom o mau; nosso espírito, nossa consciência tem total liberdade

---

<sup>115</sup> Cf. Christophe, *Paul, Para leer la historia de la pobreza*, p. 20-22.

<sup>116</sup> Alejandria, Clemente de, *Quis dives salvetur?*, in Christophe, Paul, *Para leer la historia de la pobreza*, p. 21.

de dispor, a seu gosto, dos bens materiais que o foi confiado. Não destruímos os bens, mas sim, as paixões que perverte seu uso<sup>117</sup>.

Para Clemente de Alexandria, o importante é primeiro saber que o ser humano pode ser amado e respeitado, mesmo que seja pobre; os bens são destinados a todas as pessoas e que ser rico não é o problema, mas o problema é quando a riqueza não é colocada a serviço dos demais.

## **2.2 São Basílio Magno**

Por sua oratória maravilhosa, seus admiráveis escritos e suas inúmeras obras de assistência, que fez em favor do povo, foi chamado “Basílio Magno”. Era amado por cristãos, judeus e pagãos. Além de sua arrebatadora eloquência, Basílio mantinha uma intensa atividade em favor dos pobres. Doava tudo o que ganhava a eles. Foi o primeiro bispo a fundar um hospital para aos carentes e depois criou asilos e orfanatos.

Muito culto e profundo conhecedor de teologia, filosofia e literatura, seus sermões são repletos de citações da Sagrada Escritura. Como Bispo e Pastor da sua vasta Diocese, Basílio preocupou-se constantemente pelas difíceis condições materiais em que viviam os fiéis; denunciou com firmeza os males; comprometeu-se a favor dos mais pobres e marginalizados; interveio também junto dos governantes para aliviar os sofrimentos da população, sobretudo em momentos de calamidade<sup>118</sup>.

Seu pensamento era: depois do amor a Deus, ajudar, e fazer os outros ajudarem, os pobres e marginalizados.

Em um primeiro momento, São Basílio Magno questiona a origem da riqueza e função de cada um quando a recebe:

Que coisas chamam suas? De onde trouxeste o que recebeu? [...] não saíste nu do ventre de sua mãe? Não voltara nu para a sepultura? De onde vêm os bens que tem no presente? Se diz que por seus méritos, é um ímpio que não conhece o criador: e se confessa que recebeu de Deus, Diga-me o motivo e a razão pela qual o recebeu? Por acaso Deus é injusto que não

---

<sup>117</sup> Alejandria, Clemente de, *Quis dives salvetur?*, in Christophe, Paul, *Para leer la historia de la pobreza*, p. 22.

<sup>118</sup> Cf. Bento XVI, “Audiência geral sobre Basílio Magno” em 04 de julho de 2007

repartiu com igualdade as coisas necessárias para a vida? Por que você é rico e o outro pobre? Não por certo para que mereça o prêmio da benevolência e fiel distribuição e o outro ganhe o grande prêmio da paciência?<sup>119</sup>.

Entre suas reflexões, pode-se destacar a forma dura pela qual condenava a falta de caridade e de compromisso com os pobres; para ele, quem não partilha seu seus bens é um verdadeiro pobre: “Assim é a verdade: você é pobre e necessitado de todos os bens, você é pobre de amor e caridade, pobre de humanidade, pobre de confiança e fé em Deus e pobre da eterna esperança”<sup>120</sup>.

E um outro momento de sua homilia, chega a dizer todo “aquele que despoja um homem de suas vestes recebe o nome de ladrão. E aquele que, podendo fazê-lo, não veste a nudez do mendigo, merece por acaso outro nome? Ao faminto pertence o pão que você retém. Ao homem nu, o manto que você guarda até nos seus cofres. Ao que anda descalço, o calçado que apodrece em sua casa. Ao miserável, o dinheiro que você guarda escondido”<sup>121</sup>.

Basílio quer fazer com que os ricos entendam que, nesta terra, nada é de ninguém, pois o homem se preocupa à toa em adquirir bens, uma vez que o ser humano é um simples administrador das obras de Deus.

Em seu pensamento, está presente também certa disparidade entre pobres e ricos. Isso acaba por desumanizar o ser humano, pois o coloca em confronto com ele mesmo, ou seja, se o pobre sofre é porque o seu relacionamento para com os outros seres humanos e para com Deus é destruído e, por outro lado, a pobreza desumaniza os ricos, porque eles consideram os pobres como pessoas inferiores, e a Deus, como um ser supérfluo.

Se o ser humano, na época de Basílio, percebesse que o outro dele também é uma criatura de Deus e que, por isso mesmo, merece ser tratado como tal e com toda a dignidade, então não haveria nem pobres e nem ricos, isto é, se cada um tirasse para si o que lhe é

---

<sup>119</sup> Garmier, Julian, *Homilias de San Basilio Magn*, p. 100.

<sup>120</sup> Garmier, Julian, *Homilias de San Basilio Magno*, p. 100.

<sup>121</sup> Garmier, Julian, *Homilias de San Basilio Magno*, p. 101.

necessário e entregasse ao indigente o que sobra, ninguém seria rico, ninguém pobre. Porém, a ganância dos ricos lhes cegou o coração e os impediram de ver a necessidade do pobre<sup>122</sup>.

### 2.3 Santo Ambrósio

Ambrósio, que por eleição popular foi inesperadamente transferido das funções administrativas do Império para a tarefa de governar a Igreja mais importante do norte da Itália, uma vez eleito Bispo, tentou assimilar o melhor que tinha produzido os maiores pensadores do Oriente e do Ocidente: e ele fez isso com tanta perfeição que seu trabalho pode ser considerado como um compêndio de todo o pensamento cristão primitivo. No assunto aqui discutido, a pobreza, observa-se que ele insiste nos argumentos propostos por Basílio ou Crisóstomo, mas ele as elabora à sua maneira e de acordo com as necessidades de seu público.

Para entender o pensamento de Santo Ambrósio, basta ler uma de suas obras mais célebres, um comentário sobre a história bíblica de Naboth, escrito no ano 395, parece uma assembleia de vários de seus sermões contra os ricos, no qual Carlos Bach, Etchevarne<sup>123</sup> faz um bom apanhando e aqui foi feito uma síntese com os principais pontos que esta nos parágrafos seguintes:

1. A história de Nabot aconteceu há muito tempo, mas é renovada todos os dias. Quão rico não ambiciona continuamente o que é alheio? Qual deles não pretende tirar do pobre sua pequena posse e invadir a herança de seus antepassados? Quem está contente com o seu? Quão rico que não excita sua ganância pela posse vizinha? Assim, não houve apenas um Acab, mas, o que é pior, todo dia ele nasce de novo e sua semente nunca se extingue neste século. Se algum morre, muitos renascem; mais nascem para a rapina do que para a dádiva. Nem Nabot é o único pobre assassinado; todos os dias seu sacrifício é renovado, todos os dias os pobres são mortos. Embargado por esse medo, o pobre abandona suas terras e migra com seus filhos, uma prova de amor; sua esposa chorosa segue-o, como se acompanhasse seu

---

<sup>122</sup> Cf. Garmier, Julian, *Homilias de San Basilio Magno*, p. 98-101.

<sup>123</sup> Cf. Bach, Carlos, Etchevarne, *Padres de la Iglesia, parte II, la Edad de Oro de los Padres (Siglos IV-V)*, p. 1-14.

marido ao túmulo. É menos deplorável para ela comparecer ao enterro de sua família; porque mesmo que ela perdesse a ajuda do marido, ele teria um túmulo e, mesmo que ficasse sem filhos, não choraria o seu exílio nem seria afligido pela fome da sua terna descendência.

2. Quão longe você pretende carregar, oh rico, sua ganância tola? Vocês são os únicos habitantes da terra? Por que você expulsa de suas posses aqueles que têm sua própria natureza e reivindicam para si mesmos a posse de toda a terra? Em comum, a terra foi criada para todos, ricos e pobres; por que você arroga, oh rico, o direito exclusivo do solo? Ninguém é rico por natureza, pois gera igualmente pobres todos. Nascemos nus e sem ouro ou prata. Nus, vemos a luz do sol pela primeira vez, precisando de comida, roupas e bebidas; A terra recebe o nu daqueles que saíram dela, e ninguém pode colocar com ele em seu túmulo os limites de suas posses. Um pedaço estreito de terra é bastante no momento da morte, o mesmo para os pobres como para os ricos, e a terra, que não foi suficiente para acalmar a ambição dos ricos, cobre-a completamente. A natureza não distingue os homens no nascimento ou na morte. Ele também gera todos eles e da mesma forma os recebe no seio do sepulcro. Quem pode estabelecer classes entre os mortos? Cavar as sepulturas novamente, e se você puder distinguir os ricos. Desenterre um túmulo pouco depois e fale se reconhecer os necessitados. Talvez eles só possam ser distinguidos porque muitas mais coisas apodrecem com os ricos.

3. Os vestidos de seda e as vestes de ouro entrelaçadas, com as quais os corpos dos ricos são envoltos, são um dano para os vivos e não ajudam os mortos. Eles te ungem, oh rico, e você não deixa de ser fétido. Você perde a graça dos outros e não adquire os seus. Você deixa herdeiros para lutar uns contra os outros com ações judiciais. Mais do que um conjunto de bens que são aceitos voluntariamente, você transmite um depósito hereditário, e eles temerão diminuir ou violar o que lhes foi deixado. Se eles são herdeiros sóbrios, eles vão mantê-lo; Se for lascivo, eles irão dissipá-lo. Portanto, você condena os herdeiros que são bons a um pedido perpétuo e deixam para o mal o que eles podem ser condenados.

4. Mas talvez você pense que enquanto vive abundantemente em todas as coisas. Oh rico, você não sabe quão pobre você é e quão carente é porque acha que é rico! Quanto mais você tem, mais você quer; e mesmo se você adquirir tudo, no entanto, você ainda seria indigente.

A ganância aumenta, não extinta, com lucro. Esse processo segue a avareza: quanto mais média, mais apressado para atingir metas de onde a queda final é maior. O homem rico é mais tolerável quanto menos ele tem. Em relação à sua fazenda, ele se contenta com pouco; mas quanto mais sua riqueza aumenta, mais sua ganância cresce. Ele não quer ser pobre em anseios ou pobre em desejos. Reúne ao mesmo tempo dois sentimentos irreconciliáveis: a ambiciosa esperança das riquezas e não diminui o apego à vida miserável. Em suma, a Sagrada Escritura nos diz que a miséria de sua pobreza nos revela o quão abjetamente ele implora.

5. Havia um rei em Israel, Acab e um homem pobre, Nabot. O primeiro desfrutara das riquezas do reino; o segundo só tinha um pequeno pedaço de terra. Nabot nunca ambicionou as posses dos ricos, mas o rei sentia-se indigente porque não possuía a vinha do homem pobre, seu vizinho. Quem parece mais pobre: aquele que estava feliz com o seu, ou o outro, que queria o do outro? Nabot é pobre em bens e Acabe é pobre no coração. O desejo dos ricos não sabe ser pobre. A fazenda mais abundante não é suficiente para saciar o coração do avarento. É por isso que há uma divergência entre o avarento rico, que inveja as posses dos outros e os pobres. Mas considere agora as palavras da Sagrada Escritura.

6 Dê-me a sua plantação de uvas. Ela fica perto do meu palácio, e eu quero aproveitar o terreno para fazer uma horta. Em troca, eu lhe darei uma plantação de uvas melhor do que a sua ou, se você preferir, eu pagarei um preço justo por ela. Mas esta plantação de uvas é uma herança dos meus antepassados! respondeu Nabot. Que o Senhor Deus me livre de entregá-la ao senhor!

7. Mais tarde ele expôs a Sagrada Escritura que Eliseu, apesar de pobre, deixou seus bois e correu atrás de Elias, e então voltou, matou seus bois e os distribuiu entre o povo, e seguiu Elias. Para a condenação dos ricos, que este rei representa, este exposto anteriormente, em que, apesar de ter benefícios recebidos de Deus, como Acab, a quem Deus concedeu o reino e chuva na oração do profeta Elias, violam os mandamentos divinos.

8. Mas ouçamos que ele disse: "Dá-me", que palavra é essa, senão de pobre? Qual é a voz com a qual a caridade pública é implorada, mas "me dê"? Me dê, porque eu preciso; dá-me, porque não tenho outro modo de vida; Dá-me porque não tenho pão para comer, nem bebida, nem comida, nem roupa; Dá-me, porque a ti o Senhor te deu bens dos quais deves distribuir, e eu não; Dá-me, porque se você não me der, não terei nada; Dá-me, porque está escrito: "Dê esmola" ( Lc 11, 41). Quão abjeta e vil esta palavra neste caso! Ele não tem o afeto de humildade, mas o fogo da ganância. Na mesma expressão como sem vergonha! "Dê-me", ele diz, "sua vinha". Ele confessa que não é dele, então ele reconhece o pedido indevidamente.

9. "E eu te darei", diz ele, "outra vinha para ela". Os ricos desprezam os seus como vil e ambicionam o que é alheio como precioso.

10. "Se isso não te convém eu lhe darei seu dinheiro seu valor." Ele logo corrige seu erro, oferecendo dinheiro pela a vinha. Nada quer que outro possui que anseia tudo com suas posses.

11. "E eu terei", ele diz, "uma horta". Essa era a razão de toda a sua loucura e fúria, que procurava uma horta insignificante. Você, rico, não deseja tanto possuir o que é útil como tirar dos outros o que eles têm. Você se importa mais em saquear os pobres do que em sua vantagem. Você considera um insulto se os pobres possuem algo do que você julga digno da posse do homem rico. Você acredita que tudo o que é prejudicial tudo que é alheio. Por que te atraem tanto as riquezas da natureza? O mundo foi criado para todos e algumas pessoas ricas tentam reservá-lo para elas. Pois não apenas a posse da terra, mas mesmo céu, o ar, o mar, são exigidos para uso por alguns poucos ricos. Este espaço que você inclui em suas posses amplas, quantas multidões você poderia alimentar? Os anjos têm os espaços dos céus divididos, como você faz quando divide a terra com marcos?

12. O profeta exclama: "Ai daqueles que se juntam de casa em casa e de fazendas" ( Is 5, 8). Ele os acusa de ganância estéril. Os ricos fogem de viver com os homens e é por isso que excluem seus vizinhos. Mas eles não podem fugir completamente, porque quando eles foram excluídos, eles encontram os outros novamente, e quando eles são expulsos novamente eles

devem ter outros como vizinhos. Pois não é possível para eles viverem sozinhos na terra. Aves encontram pássaros e muitas vezes bandos enormes cobrem o céu com seu voo; animais juntam animais e os peixes se unem aos peixes; nem procura prejudicar, mas o comércio da vida quando eles abraçam a companhia dos outros e buscam proteção através da ajuda de uma sociedade mais frequente. Só você, homem, exclua os de sua própria natureza e inclua as bestas; você constrói abrigos para feras e destrói as dos homens. Você deixa o mar entrar em sua terra para que não te falte monstros e leva os limites de sua terra para frente para que você não possa ter vizinhos.

13. Escutando a voz do rico que pedia o alheio; ouçamos agora a voz do pobre homem que defendia o seu: "Deus não me deixe dar a herança de meus pais". Ele julga que o dinheiro do homem rico é uma espécie de infecção para ele, como se ele estivesse dizendo: "Que esse dinheiro seja para sua perdição" (Atos 8, 20), não posso vender a herança de meus pais. Aqui você tem um exemplo para imitar, oh rico, se você o entende bem: não venda seu campo para uma noite com uma prostituta; que você não transfere seu direito para pagar às despesas de banquetes e prazeres; Não penhore a sua casa para cobrir os riscos do jogo, para que você não perca o direito de piedade hereditária.

14. Ouvindo essas palavras, o avaro rei ficou perturbado em seu espírito: "Ele deitou-se na cama, virou o rosto e não quis comer". Os ricos choram se não conseguirem roubar o que é alheio. Eles não podem esconder a força de sua tristeza se os pobres não cederem às suas pretensões. Desejam dormir e esconder seu rosto para não ver que na terra algo que é posse de outra, que está no mundo algo que não é deles, não para ouvir que os pobres têm uma posse ao lado da dele, para não escutar aos pobres que o contradiz. As almas destes ricos são aquelas a que o profeta diz: "Mulheres ricas, levanta-se" ( Is 32, 9).

15. "E ele não comeu", disse, "seu pão", porque ele queria o que era do outro. Os ricos, de fato, mais do que o seu e o comem pão alheio, porque vivem do roubo e formam suas fazendas com o produto do roubo. Ou talvez Acab não comeu seu pão, querendo se punir com a morte, porque lhe haviam negado alguma coisa.

16. Compare agora as afeições dos pobres. Ele não tem nada, mas ele não sabe jejuar voluntariamente, exceto por Deus e necessidade. Rico, você rouba tudo dos pobres e não deixa nada para trás; no entanto, sua dor é maior que a deles. Os pobres jejuam se não tiverem; vocês, mesmo quando tem fazem jejum, você prejudica em si mesmo a penalidade que você inflige aos pobres. É você que sofre pela primeira sua paixão as tribulações da pobreza miserável. Os pobres, certamente, não têm o que viver, mas você não usa suas riquezas, nem as deixa usar outras. Você tira o ouro das veias de metais, mas novamente esconde. Quantas vidas você dá de fim com este ouro!

17. Para quem guarda as riquezas? Lemos sobre o rico avarento: "atesoura e não sabe que para reúne sua riqueza." herdeiro ocioso espera; ele descontente protesta porque você demora para morrer. Desdenha do aumentar da sua herança e tem pressa para agarrá-la. Que maior desgraça que nem mesmo merece agradecimento por aquele para quem você trabalha? Para ele você suportou todos os dias a triste fome e por jejuastes diariamente.

18. Eu conheci um homem rico ao sair para o campo acostumava-se a contar os pães pequenos que levava da cidade, de modo que o número de pães poderia saber quantos dias tinha estado no campo. Ele não queria abrir o celeiro para não diminuir o que tinha guardado. Um pão por dia foi o suficiente para sustenta-lo. Averigui com uma fonte confiável que quando o colocava um ovo deplorava o frango que foi perdido. Estou escrevendo isso para que você possa saber que a justiça que a Deus é vingativa, que castiga através de suas lágrimas de jejum dos pobres.

19. Qual obra de religião seria seu jejum se você não gasta com seu sustento o dirá com os pobres! Mais tolerável foi que aquele rico cuja mesa o pobre Lázaro, com fome, pegava as migalhas que caíam; mas também seus banquetes incluiu o sangue de muitos pobres, e seus os vasos estavam embaçados pelo sangue de muitos pegos em sua armadilha.

20. Quantos morrem para que você se deleite! Como terrível é sua ânsia e sua luxúria! Este cai de tetos altos por preparar grandes depósitos para seus grãos. Aquele que se precipita das copas mais altas das árvores, enquanto a procura as classes de uvas que preparam um vinho

digno de seus banquetes. Alguns se afogam nas porque temia mar por pensa que poderia faltar peixes ou ostras na sua mesa. Um perece por causa do frio de inverno para caçar lebres ou capturar aves redes. Outro, diante de seus olhos, se alguém por acaso, o desagrada, é espancado até a morte e seus respingos de sangue, respinga até o mesmo banquete. Finalmente, rico foi aquele quem mandou trazer a cabeça do profeta pobre e não encontrou outro prêmio para oferecer o dançarino, a não ser que mandar mata-lo.

Com estas mensagens, Santo Ambrósio faz duras criticas aos ricos que exploram os pobres e são avarentos, condena a riqueza, que é fruto da exploração do pobre.

Percebe-se com clareza que já no ano de 395 havia desigualdade social e as explorações e injustiças, mas também a luta e denúncia da Igreja em favor dos mais pobres.

### **2.3 São João Crisóstomo**

“Nascido por volta de 349 em Antioquia da Síria ali desempenhou o ministério presbiteral durante onze anos, até 397, quando, nomeado Bispo de Constantinopla, exerceu na capital do Império o ministério episcopal antes dos dois exílios, que foram um a pouco tempo do outro, entre 403 e 407”<sup>124</sup>.

Em suas homilias inúmeras vezes São João Crisóstomo tomou a defesa dos pobres e dos infelizes, dos que morriam de fome e sede. Com veemência, João-Boca-de-Ouro ergueu sua voz contra os flagelos sociais, o luxo e a cobiça. Lembrou a dignidade do homem, mesmo pobre, e os limites da propriedade.

São João Crisóstomo afirma que a fé celebrada e alimentada na Eucaristia não basta para a nossa salvação. Não é suficiente honrar o corpo de Cristo na Hóstia consagrada, tampouco o zelo com a ornamentação do altar e da igreja com toalhas e objetos preciosos e caros. Crisóstomo afirma:

Queres honrar de verdade o corpo de Cristo? Não consinta que esteja nu. Não o honres na celebração com vestes de seda e fora o deixes perecer de frio e desnudo. O mesmo que disse:

---

<sup>124</sup> Bento XVI, “Audiência geral sobre João Crisostomo,” em 14 de setembro de 2007.

este é o meu corpo e com sua palavra afirmou a nossa fé, disse também: me viste com fome e não me deste de comer. O que não fizeste a um dos pequeninos, a mim não o fizeste<sup>125</sup>.

Crisóstomo, em uma de suas homilias, fala de socorrer os pobres, dever anterior ao de enfeitar as igrejas; diz que o sacramento não necessita de preciosas toalhas, mas de uma alma pura. Os pobres exigem muito cuidado. Deve-se honrar a Deus empregando a riqueza para socorrer os pobres. Antes de adornos, que se ofereçam esmolas, pois Deus aceita as oferendas, mas aceita melhor que se deem esmolas. Que proveito tem ao Senhor uma mesa cheia de vasos de ouro, se ele é consumido pela fome?

Segue o texto:

Queres honrar o corpo de Cristo? Não o desprezes quando nu; não o honres aqui com vestes de seda e abandones fora no frio e na nudez o aflito. Pois aquele que disse: Isto é o meu corpo (Mt 26,26) e confirmou com o ato a palavra, é o mesmo que falou: Tu me viste faminto e não me alimentaste (cf. Mt 25,35); e: O que não fizeste a um destes mais pequeninos, não o fizeste a mim (cf. Mt 25,45). Este não tem necessidade de vestes, mas de corações puros, aquele, porém, precisa de grande cuidado.

Aprendamos, portanto, a raciocinar e a reverenciar a Cristo como lhe agrada. A honra mais agradável a quem se deseja honrar é aquela que ele prefere, não aquela que julgamos melhor. Pedro, por exemplo, julgava honrá-lo, não permitindo lavar-lhe os pés; mas o que queria não vinha a ser honra, mas exatamente o contrário. Assim, honra-o tu com a honra prescrita em lei, distribuindo tua fortuna com os pobres. Deus não precisa de vasos de ouro, mas de almas de ouro.

Digo isto, não para proibir que haja dádivas, mas que com elas e antes delas se deem esmolas. Porque ele aceita aquelas, porém, muito mais estas. daquelas só quem oferece tem lucro; destas, também aquele que recebe. Lá o dom parece ser ocasião de ostentação; aqui só pode ser compaixão e benignidade.

Que proveito haveria, se a mesa de Cristo está coberta de taças de ouro e ele próprio morre de fome? Sacia primeiro o faminto e, depois, do que sobrar, adorna sua mesa. Fazes um cálice de ouro e não dás um copo de água? Que necessidade há de cobrir a mesa com véus tecidos de ouro, se não lhe concederes nem mesmo a coberta necessária? Que lucro haverá? Dize-me: se vês alguém que precisa de alimento e, deixando-o lá, vais rodear a mesa, de ouro, será que te agradecerá ou, ao contrário, se indignará? Que acontecerá se ao vê-lo coberto de andrajos e morto de frio, deixando de dar as vestes, mandas levantar colunas douradas, declarando fazê-lo em sua honra? Não se julgaria isto objeto de zombaria e extrema afronta?

Pensa também isto a respeito de Cristo, quando errante e peregrino vagueia sem teto. Não o recebes como hóspede, mas ornas o pavimento, as paredes e os capitéis das colunas, prendes com cadeias de prata as lâmpadas, e a ele, preso em grilhões no cárcere, nem sequer te atreves

---

<sup>125</sup> Crisostomo, San Juan, *Homilias sobre el Evangelio de San Mateo (46-90)*, p. 71.

a vê-lo. Torno a dizer que não proíbo tais adornos, mas que com eles haja também cuidado pelos outros. Ou melhor, exorto a que se faça isto em primeiro lugar. Daquilo, se alguém não o faz, jamais é acusado; isto, porém, se alguém o negligencia, provoca-lhe a geena e fogo inextinguível, suplicio com os demônios. Por conseguinte, enquanto adorna a casa, não desprezes o irmão aflito, pois ele é mais precioso que o templo<sup>126</sup>.

Mesmo depois de mais de mil e seiscentos da morte de Crisóstomo, seu pensamento é de muita atualidade e também os desafios sociais. Sua mensagem é uma inspiração para os dias atuais e sua coragem na defesa dos mais pobres um estímulo para a ação da Igreja. Sem dúvida, assumir esta opção é se dispor a correr os riscos de sofrer incompreensões e perseguições, como as que São João Crisóstomo sofreu no seguimento de Jesus Cristo.

Em nível de conclusão com os escritos dos Padres da Igreja acima citados, percebe-se que eles tiveram não só uma percepção dos problemas sociais que encontravam em suas comunidades e na sociedade imperial, mas realizaram algo em vista da mudança da vida daqueles povos. Eles tinham como ponto fundamental a palavra de Deus e o paradigma de Jesus Cristo, o Salvador da humanidade, a sua atuação em favor de todos, mas sobretudo dos pobres.

Dessa forma, os Padres da Igreja procuraram estar ao lado dos que mais sofrem, dos últimos da sociedade, buscando alternativas de transformação da realidade, reforçando a conversão das pessoas e autoridades.

### **3. A pobreza na Doutrina Social da Igreja**

O ano de 1891 assinala o nascimento do que hoje chamamos de Doutrina Social da Igreja (DSI), esse “conjunto de princípios de reflexão, critérios de juízo e diretivas para a ação”<sup>127</sup>, com até agora doze documentos, que formam o seu corpo doutrinal, sendo a maioria deles encíclicas sociais, mas também rádio mensagem e Carta apostólica. A Doutrina Social é permanente em seus princípios, emanados das Sagradas Escrituras e da fé viva da Igreja, sobretudo o princípio personalista. No entanto, ela evolui para responder aos desafios apresentados em cada época, que se poderia chamar de “questão social”:

---

<sup>126</sup> Crisostomo, San Juan, *Homilias sobre el Evangelio de San Mateo* (46-90), p. 71.

<sup>127</sup> Cf. Paulo VI, *Octogesima Adveniens*, n. 4.

Uma questão social não surge por si só. Um problema se transforma efetivamente em “questão social” quando é percebido e assumido por um setor da sociedade que tenta por algum meio equacioná-lo, torná-lo público, transformá-lo em demanda política, o que implica em tensões e conflitos”<sup>128</sup>.

Percebe-se que, desde 1891 até hoje, a doutrina social da Igreja foi um ensinamento constante por parte de todos os papas. Vejamos:

– Leão XIII (1878-1903), na *Rerum Novarum* (1891), denunciou as condições miseráveis em que vivia a classe operária, protagonista da revolução industrial.

– Pio XI (1922-1939), na *Quadragesimo Anno* (1931), amplia a doutrina social cristã. Aborda o difícil tema do totalitarismo, encarnado nos regimes fascista, comunista, socialista e nazista.

– Pio XII (1939-1958), papa durante a guerra e o pós-guerra, focaliza a atenção nos “sinais dos tempos”. Ainda que não tenha publicado uma encíclica social, em seus numerosos discursos há uma imensa variedade de ensinamentos políticos, jurídicos, sociais e econômicos.

– João XXIII (1958-1963), na *Mater et Magistra* (1961) e na *Pacem in Terris* (1963), abre a doutrina social “a todos os homens de boa vontade” e, assim, a questão social se torna um tema universal que afeta e é responsabilidade de todos os homens e povos

– Com a Constituição pastoral *Gaudium et spes* (1965), o Concílio Vaticano II sublinha o rosto de uma Igreja realmente solidária com o gênero humano e sua história. Já na declaração *Dignitatis humanae* (1965), o Concílio enfatiza o direito à liberdade religiosa.

– Paulo VI (1963-1978), na *Populorum Progressio* (1967) e na *Octogesima adveniens* (1971), afirma que o desenvolvimento “é o novo nome da paz” entre os povos. Ele cria o Pontifício Conselho “Justiça e Paz”.

– João Paulo II (1978-2005) compromete-se na difusão do ensinamento social em todos os continentes. Escreve três encíclicas sociais: *Laborem Exercens* (1981), *Sollicitudo Rei*

---

<sup>128</sup> Wanderley, Luiz Eduardo, “A questão social no contexto da globalização: o caso latino-americano e o caribenho,” p. 63.

Socialis (1987) e Centesimus Annum (1991). Além disso, o Compêndio da Doutrina Social da Igreja (2004) leva a sua assinatura apostólica.

– Bento XVI (2005), em sua encíclica social Caritas in veritate (2009), defende o desenvolvimento integral da pessoa pautado caridade e na verdade.

E por fim a do Papa Francisco:

O Papa Francisco conheceu na Argentina a “Teologia do Povo”, que surgiu na mesma época da Teologia da Libertação (TL). No Seminário ocorrido em 1973, no Instituto de Teologia em Petrópolis, participaram, dentre outros teólogos, o peruano Gustavo Gutierrez e o argentino Lucio Gera, principal teólogo da chamada “Teologia do Povo”. Esta teologia se diferenciava da TL por não utilizar o método marxista na análise da realidade, privilegiando mais a análise sociocultural do que a sócio-estrutural. Além disso, valoriza a piedade popular como forma da inculturação da fé cristã, o povo como sujeito histórico-cultural e a opção pelos pobres<sup>129</sup>.

Os referenciais da Doutrina Social do Papa Francisco são:

- A Exortação Apostólica Evangelii Gaudium (EG – A alegria do Evangelho), especialmente em seu capítulo IV: “A dimensão social do querigma”;
- O discurso aos movimentos populares em Santa Cruz (Bolívia);
- A Encíclica social Laudato Si’ (Louvado Sejas).

Poderia identificar-se a DSI Papa Francisco a partir de duas realidades da igreja muito importantes: chamar de “Igreja em saída”, conforme se lê na EG 49:

Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma

---

<sup>129</sup> Cf. Scannone Juan Carlos, “A teologia do povo. Entrevista com Juan Carlos Scannone”.

multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: «Dai-lhes vós mesmos de comer» (Mc 6, 37).

Outra hipótese é o paradigma, que poderia ser chamado de Franciscano. A escolha do nome “Francisco” denota um projeto de Igreja “pobre, simples, evangélica e destituída de todo poder. É uma Igreja ecológica que chama todos os seres com a doce palavra de ‘irmãos e irmãs’”. O conselho de Dom Cláudio Humes, imediatamente após a sua eleição, foi “não se esqueça dos pobres” e logo veio ao coração do Cardeal Jorge Mario Bergoglio um nome com o qual poderia ser chamado: “Francisco”, o santo amante dos pobres, da pobreza, da paz e da criação. Dentro deste paradigma, o grande princípio ético-teológico é a misericórdia, da qual o Papa se faz um paladino, até mesmo porque ele a experimentou de maneira muito viva, como descreve na explicação de seu braço pontifício. Longe de um assistencialismo, esta misericórdia se baseia na opção pelos pobres e por uma vida simples e modesta, que deveria caracterizar a Igreja enquanto instituição e cada cristão. Dentro deste paradigma, o povo é protagonista da história, que deve ser transformada para se adequar às exigências do Reino.<sup>130</sup>

E por último, a DSI do Papa Francisco refere-se à opção pelos pobres, um dos princípios da Doutrina Social da Igreja.

“Ah, como eu desejo uma Igreja pobre e para os pobres!”<sup>131</sup>, disse aos jornalistas em audiência após sua eleição. Com sua postura, o Papa Francisco retorna à intenção originária de João XXIII, de quem emprestou a expressão “Igreja dos pobres”<sup>132</sup>. Isto reporta, também, ao chamado “Pacto das catacumbas”, feito por um grupo de Bispos durante o Concílio, com o objetivo de viverem a pobreza quando retornassem às suas Dioceses, renunciando a tudo que fosse ostentação de glória e riqueza.

Com estas indicações, Francisco vem radicalizar a opção preferencial pelos pobres. Para ele não se trata de algo abstrato ou de um princípio puro, mas os pobres devem ser agentes da própria história e atores sociais, devem ter participação ativa nas decisões que se

---

<sup>130</sup> Boff, Leonardo, “Será a primavera depois de um duro inverno. Entrevista com Leonardo Boff”.

<sup>131</sup> Francisco, “Discurso do Santo Padre Francisco no encontro com os representantes dos meios de comunicação social,” em 16 de março de 2013.

<sup>132</sup> João XXIII, “Radio mensagem um mês antes da abertura do Concílio Vaticano II,” em 11 de setembro de 1962.

referem à sua vida (EG 49). No discurso em Santa Cruz, falando sobre as mudanças que todos desejam nas estruturas sociais, o Papa foi mais enfático:

O futuro da humanidade está, em grande medida, nas vossas mãos, na vossa capacidade de vos organizar e promover alternativas criativas na busca diária dos “3 T” (trabalho, teto, terra), e também na vossa participação como protagonistas nos grandes processos de mudança nacionais, regionais e mundiais. Não se acanhem!”<sup>133</sup>.

A radicalização da opção pelos pobres no Papa Francisco atinge seu ápice quando ele afirma que se deve ter um encontro pessoal com o mundo dos pobres, tocar na carne sofredora de Cristo presente nessas pessoas (EG 270).

Infelizmente algumas pessoas olham com desconfiança a DSI por julgarem-na reacionária e favorável à manutenção do status quo burguês. Para outras, esta é uma temática enfadonha por causa de citações de documentos de Igreja e nomes de Papas. O Papa João XXIII, em 1961, pedia que essa doutrina fosse conhecida e praticada por todos os filhos da Igreja e pessoas de boa vontade, insistindo para que fosse ensinada nas paróquias, bem como nas escolas e universidades católicas e associações de leigos (MM 220-222).

Atualmente o Papa Francisco tem recomendado, também, o estudo e aprofundamento da DSI (EG 184), sobretudo aos jovens, lançando na última JMJ, em Cracóvia o Docat, o compêndio da DSI para jovens, pedindo que eles fossem a DSI viva e em movimento. O fato é que a DSI ganha visibilidade com o atual Pontífice, não somente pelos seus ensinamentos, mas pelo que ele é. Vida longa ao Papa Francisco.

A DSI é um caminho para a Prática do Evangelho e, por isso, deve ser fonte inspiradora da Ação Social da Igreja e de todos os batizados para que, iluminados por ela, chegar-se a uma Igreja pobre para os pobres e em saída, como pede o Papa Francisco.

---

<sup>133</sup> Francisco, “Discurso aos Movimentos Populares,” 09 de julho de 2015.

## **Conclusão**

Com um mundo tão cheio de exclusões, de desigualdades, de xenofobia, de homofobia, de discriminação racial, de falta de vontade política de mudar a realidade e de tantas coisas que tornam o mundo mais injusto e desigual, necessitamos de luzes para iluminar esta realidade de escuridão que paira sobre o mundo de hoje.

Por este motivo que, neste capítulo, se resgatou a experiência de Jesus em relação ao pobres a partir dos Evangelhos, a realidade de indignação dos Santos Padres da Igreja em relação à pobreza e o acúmulo e, por fim, a Doutrina Social da Igreja, mostrando caminhos para que possamos ter um mundo mais justo, fraterno e que os pobres tenham uma Igreja que seja deles e caminhem com eles.

No próximo Capítulo vamos nesta perspectiva de buscar, a partir de do Papa João XXII, do Concílio Vaticano II e do Papa Francisco, mostrar as propostas transformadoras para uma igreja pobre para os pobres.

**CAPÍTULO III**  
**PROPOSTAS TRANSFORMADORAS**  
**PARA UMA IGREJA POBRE PARA OS POBRES**

Depois de ver a realidade de pobreza, julgar a realidade a partir de do Evangelho, que é um ponto de referência de uma ação pastoral transformadora, mostrando caminhos através dos Santos padres e da Doutrina Social da Igreja, neste capítulo, a agir, veremos a proposta de transformadoras a partir do magistério universal no Papa João XXIII, do Concílio Vaticano II, no magistério latino americano, nas conferencias do episcopado latino americano de Medellin, Puebla, Santo Domingo e Aparecido e também no magistério do Papa Francisco, quem vem buscado mostrar novos caminhos, para que se tenha uma Igreja mais próximo do povo, de modo especial os pobres e que a Igreja tem uma vida desapego longe do clericalismo e buscando ter o caminho de sua ação pastoral libertadora que esteja sempre em “saída” ao encontros dos excluídos e excluídas.

**1. No magistério Universal**

Em relação ao magistério universal a Igreja pobre pobres foi desenvolvido primeiramente com Joao XXIII, com um bom desdobramento de pelo grupo “Igreja dos pobre” que perpassou pelo Vaticano II, de modo especial no documento de LG e AG.

O papel de João XXIII no Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) foi de singular importância. Não somente pelo ato de conclamar o referido concílio, mas por introduzir nele uma perspectiva de atualização para a Igreja mundial, João XXII convida a Igreja a “ver o tempo presente, considerando as novas condições e formas de vida introduzida no mundo moderno, que abril novas rotas ao apostolado católico”<sup>134</sup> o Papa aqui esta falado de um “aggiornamento”<sup>135</sup> na Igreja. É inegável que grande foi a surpresa quando o "papa bom", até então considerado um papa de transição, abriu as portas da Igreja que pareciam

---

<sup>134</sup> Echeverria, Eduardo, *El Papa Francisco el legado del Vaticano II*, p. 30.

<sup>135</sup> Eduardo Echeverria diz que “‘aggiornamento’ é essencialmente uma questão de contextualização nova e mais ampla, com o objetivo de encontrar novas maneiras de repensar e reformular as afirmações fundamentais da fé cristã a fim de comunicar o Evangelho de uma maneira mais criativa”.

seladas para o mundo moderno. O Espírito acordara de um sono duradouro, era, portanto, hora de trabalhar para abri-lhe caminho<sup>136</sup>.

Foi o Papa João XXIII que, usou pela primeira vez a expressão “Igreja pobre para os pobres”<sup>137</sup>. Em sua mensagem ao mundo no dia 11 de setembro de 1962, falando de Cristo como luz do mundo e da missão da Igreja de irradiar essa luz, o que qualifica como um ponto luminoso: “Pensando nos países subdesenvolvidos, a Igreja se apresenta e quer realmente ser a Igreja de todos, em particular, a Igreja dos pobres”<sup>138</sup>. Importante a explanação Joan Planellas faz a necessidade entender bem a frase de João XXIII:

Destaca a importância de não interpretar esta frase em um sentido reducionista ou dualista, como se dentro da igreja houvesse uma Igreja dos pobres e outra não. O conceito supõe tão pouco viver do passado ou sentir-se dispensado de diminuir a necessidade dos pobres [...] Segundo o Papa João XIII, a expressão implica a transformação constante de toda a Igreja em um estilo de vida e uma forma de atuar que produz o seguimento a Cristo, luz do mundo, aspecto que supõe a conversão constante da Igreja até os pobre, já que a Igreja há de se apresentar como Igreja de todos y cada um, e sobre tudo ou particularmente dos pobres<sup>139</sup>.

João XXIII aponta para um viés que até então era pouco debatido: o de uma Igreja que deve assumir em si a perspectiva dos que estão à margem do mundo. “Trata-se de um texto breve, mas no qual cada palavra é importante. Sua sobriedade e modéstia não devem fazer-nos esquecer seu caráter de fonte”<sup>140</sup>. E, de fato, ele se tornou uma das fontes de um movimento de extrema importância no processo de renovação conciliar da Igreja: sua relação essencial com os pobres deste mundo.

O Papa João XXIII soube ler os sinais dos tempos entendendo que a realidade de pobreza de muitos povos era um apelo para Igreja no anúncio da fé cristã. A “Igreja se apresenta tal como é e como deve ser;” com esta frase o Papa mostra a Igreja como uma realidade já presente, com seus trabalhos e tudo que já fez pelos pobres, mas ao mesmo tempo mostra a

---

<sup>136</sup> Cf. Santos, Carlo César, “Teologia da Libertação: obra de Deus ou do diabo?” p.19.

<sup>137</sup> Embora que Joan Planellas, afirma que, segundo Alberigo, João XXIII tomou emprestado a frase do Cardeal Léon-J. Suenens, que havia apresentado ao Papa um projeto geral sobre os temas do concílio. *La iglesia pobre en el Vaticano II* na p. 25.

<sup>138</sup> João XXIII, “Radio mensagem um mês antes da abertura do Concílio Vaticano II” em 11 de setembro de 1962.

<sup>139</sup> Planellas, Joan, *la Iglesia de los pobres en el Vaticano II*, p. 26.

<sup>140</sup> Gutiérrez, Gustavo, “O Concílio Vaticano II na América Latina” p. 30.

Igreja do futuro, mostra que a Igreja pobre para os pobres deve ser o ponto de partida da ação pastoral<sup>141</sup>.

Outro ponto importante da radio mensagem é quando o Papa usa a expressão “a Igreja de todos,” onde João XXIII mostra que a Igreja deve levar o amor de Deus a todos os seres humanos, sem exceção, mas aos mesmos tempos ele recorda que a predileção da Igreja, que a mesma de Jesus Cristo, que são os pobres.

João XXIII “Sublinha ao mesmo tempo a universalidade e a preferencia: dois conceitos bíblicos que vão intimamente unidos. Se escolhe somente um aspecto, deixando de lado o outro, na hora da verdade se perdem os dois. Se trata, pois, de ter os dois em consideração: e este é o desafio da Igreja de hoje”<sup>142</sup>.

Havia no concílio um corpo de bispos que representavam os países do “terceiro mundo” e que gozavam de bastante simpatia do papa João XXIII. Nele estava presente nosso saudoso Dom Helder Câmara. Astuto e movido por uma insistência evangélica torna-se uma das referências do grupo da “Igreja dos pobres”. Certa vez, perguntado por um jornalista se esse grupo consistia mais um grupo de pressão, respondeu:

Gosto muito da expressão que nos vem de nossos irmãos franceses: “Igreja servidora e pobre”. O Santo Espírito nos interpelou, nos convocou. Abriu-nos os olhos sobre o dever de cristãos, sobretudo de pastores, a fim de agirmos como o Cristo que, pertencendo a todos, se identificou com os pobres, os oprimidos, com todos aqueles que sofrem. Começamos a procurar como a Igreja toda, especialmente cada um de nós, poderia ser servidor e pobre<sup>143</sup>.

Essa “pressão” vira “expressão” “de vida” quando, ao término do Concílio, celebrando a eucaristia na catacumba de Domitila, o grupo da Igreja dos pobres firma um pacto de propagação de uma Igreja servidora e pobre, para obterem a graça de serem plenamente fiéis ao Espírito de Jesus que vos consagrou e vos enviou para evangelizar os pobres (cf. Lc 4,18). Esse compromisso ficou conhecido como o “Pacto das Catacumbas”. Nele os bispos tiveram por objetivo expressar com verdade aos irmãos no Episcopado o

---

<sup>141</sup> Cf. Planellas, Joan, *la Iglesia de los pobres em el Vaticano II*, p. 28.

<sup>142</sup> Planellas, Joan, *la Iglesia de los pobres em el Vaticano II*, p. 28.

<sup>143</sup> Cf. Beozzo, José Oscar, *A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo*, p. 95.

compromisso de viverem uma vida de pobreza, de rejeitar todos os símbolos ou privilégios do poder e de fazer dos pobres o local por excelência para se exercer os ministérios episcopais. Os bispos encerram o pacto falando que eles reunidos no Concílio Vaticano II, esclarecidos sobre as deficiências de nossa vida de pobreza segundo o Evangelho; incentivados uns pelos outros, numa iniciativa em que cada um de nós quereria evitar a singularidade e a presunção; unidos a todos os nossos Irmãos no Episcopado; contando sobretudo com a graça e a força de Nosso Senhor Jesus Cristo, com a oração dos fiéis e dos sacerdotes de nossas respectivas dioceses; colocando-nos, pelo pensamento e pela oração, diante da Trindade, diante da Igreja de Cristo e diante dos sacerdotes e dos fiéis de nossas dioceses, na humildade e na consciência de nossa fraqueza, mas também com toda a determinação e toda a força de que Deus nos quer dar a graça, comprometemo-nos ao que se segue<sup>144</sup>:

1) Procuraremos viver segundo o modo ordinário da nossa população, no que concerne à habitação, à alimentação, aos meios de locomoção e a tudo que daí se segue (cf. Mt 5,3; 6,33s; 8,20).

2) Para sempre renunciaremos à aparência e à realidade da riqueza, especialmente no traje fazendas ricas, cores berrantes, nas insígnias de matéria preciosa devem esses signos ser, com efeito, evangélicos, (cf. Mc 6,9; Mt 10,9s; At 3,6).

3) Não possuiremos nem imóveis, nem móveis, nem conta em banco, etc., em nosso próprio nome; e, se for preciso possuir, poremos tudo no nome da diocese, ou das obras sociais ou caritativas, (cf. Mt 6,19-21; Lc 12,33s).

4) Cada vez que for possível, confiaremos a gestão financeira e material em nossa diocese a uma comissão de leigos competentes e cômicos do seu papel apostólico, em mira a sermos menos administradores do que pastores e apóstolos, (cf. Mt 10,8; At. 6,1-7).

5) Recusamos ser chamados, oralmente ou por escrito, com nomes e títulos que signifiquem a grandeza e o poder (Eminência, Excelência, Monsenhor...). Preferimos ser chamados com o nome evangélico de Padre, (cf. Mt 20,25-28; 23,6-11; Jo 13,12-15).

---

<sup>144</sup> Cf. Bezzo, José Oscar, *Pacto das catacumbas: por uma igreja servidora e pobre*, p. 29-49.

6) No nosso comportamento, nas nossas relações sociais, evitaremos aquilo que pode parecer conferir privilégios, prioridades ou mesmo uma preferência qualquer aos ricos e aos poderosos (ex.: banquetes oferecidos ou aceitos, classes nos serviços religiosos), (cf. Lc 13,12-14; 1Cor 9,14-19).

7) Do mesmo modo, evitaremos incentivar ou lisonjear a vaidade de quem quer que seja, com vistas a recompensar ou a solicitar dádivas, ou por qualquer outra razão. Convidaremos nossos fiéis a considerarem as suas dádivas como uma participação normal no culto, no apostolado e na ação social, (cf. Mt 6,2-4; Lc 15,9-13; 2Cor 12,4).

8) Daremos tudo o que for necessário de nosso tempo, reflexão, coração, meios, etc., ao serviço apostólico e pastoral das pessoas e dos grupos laboriosos e economicamente fracos e subdesenvolvidos, sem que isso prejudique as outras pessoas e grupos da diocese. Ampararemos os leigos, religiosos, diáconos ou sacerdotes que o Senhor chama a evangelizarem os pobres e os operários compartilhando a vida operária e o trabalho, (cf. Lc 4,18s; Mc 6,4; Mt 11,4s; At 18,3s; 20,33-35; 1Cor 4,12 e 9,1-27).

9) Côncios das exigências da justiça e da caridade, e das suas relações mútuas, procuraremos transformar as obras de "beneficência" em obras sociais baseadas na caridade e na justiça, que levam em conta todos e todas as exigências, como um humilde serviço dos organismos públicos competentes, (cf. Mt 25,31-46; Lc 13,12-14 e 33s).

10) Poremos tudo em obra para que os responsáveis pelo nosso governo e pelos nossos serviços públicos decidam e ponham em prática as leis, as estruturas e as instituições sociais necessárias à justiça, à igualdade e ao desenvolvimento harmônico e total do homem todo em todos os homens, e, por aí, ao advento de uma outra ordem social, nova, digna dos filhos do homem e dos filhos de Deus, (cf. At. 2,44s; 4,32-35; 5,4; 2Cor 8 e 9; 1Tim 5, 16).

11) Achando a colegialidade dos bispos sua realização a mais evangélica na assunção do encargo comum das massas humanas em estado de miséria física, cultural e moral - dois terços da humanidade - comprometemo-nos: a participarmos, conforme nossos meios, dos investimentos urgentes dos episcopados das nações pobres; a requerermos juntos ao plano dos organismos internacionais, mas testemunhando o Evangelho, como o fez o Papa Paulo VI na ONU, a adoção de estruturas econômicas e culturais que não mais fabriquem nações

proletárias num mundo cada vez mais rico, mas sim permitam às massas pobres saírem de sua miséria.

12) Comprometemo-nos a partilhar, na caridade pastoral, nossa vida com nossos irmãos em Cristo, sacerdotes, religiosos e leigos, para que nosso ministério constitua um verdadeiro serviço; assim:

esforçar-nos-emos para "revisar nossa vida" com eles;  
suscitaremos colaboradores para serem mais uns animadores segundo o espírito, do que uns chefes segundo o mundo; procuraremos ser o mais humanamente presentes, acolhedores...; mostrar-nos-emos abertos a todos, seja qual for a sua religião, (cf. Mc 8,34s; At 6,1-7; 1Tim 3,8-10).

13) Tornados às nossas dioceses respectivas, daremos a conhecer aos nossos diocesanos a nossa resolução, rogando-lhes ajudar-nos por sua compreensão, seu concurso e suas preces.

Ajude-nos Deus a sermos fiéis.

Assinaram o documento final do pacto das catacumbas 42 bispos de 25 países nos vários continentes, com exceção da Oceania,<sup>145</sup> sendo a maioria de bispos da América Latina que foram no total de 23<sup>146</sup>.

---

<sup>145</sup> Cf. Beozzo, José Oscar, *Pacto das catacumbas: por uma igreja servidora e pobre*, p. 61.

<sup>146</sup>**Do Brasil**

Dom Antônio Batista Fragoso, Bispo de Crateús, Ceará  
Dom Francisco Austresquilo de Mesquita Filho, Bispo de Afogados da Ingazeira, Pernambuco  
Dom João Batista da Mota e Albuquerque, arcebispo de Vitória  
Padre Luiz Gonzaga Fernandes, que deveria ser consagrado Bispo Auxiliar de Vitória  
Dom Jorge Marcos de Oliveira, Bispo de Santo André, São Paulo  
Dom Helder Camara, Bispo de Recife  
Dom Henrique Hector Golland Trindade, OFM, Arcebispo de Botucatu, São Paulo  
Dom José Maria Pires, arcebispo da Paraíba

**Da Colômbia**

Dom Tulio Botero Salazar, arcebispo de Medellín  
Dom Antonio Medina Medina, bispo auxiliar de Medellín  
Dom Aníbal Muñoz Duque, Bispo de Nueva Pamplona  
Dom Raúl Zambrano de Facatativá  
Dom Angelo Cuniberti, Vigário Apostólico de Florença

**Da Argentina**

Dom Alberto Devoto, Bispo de Goya  
Dom Vicente Faustino Zazpe, Bispo de Rafaela  
Dom Juan José Iriarte, Bispo da Reconquista  
Dom Enrique Angelelli, bispo auxiliar de Córdoba

Queremos finalizar este primeiro ponto afirmando que a mensagem radiofônica de João XXII e Pacto das Catacumbas deram frutos que até hoje colhemos e que esta é fonte na qual a Igreja deve continuar bebendo, onde o compromisso com os pobres deve estar no centro de toda ação evangelizadora e romper com a realidade clerical e com a falta de compromisso com os excluídos e excluídas da nossa igreja como vimos no primeiro capítulo deste trabalho. Este ponto é uma proposta renovadora, pois apela diretamente aos bispos, que são os responsáveis pelas Igrejas particulares.

Apesar de não ter tido a influência que se pensava no Concílio estes tiveram exceto em alguns documentos, nos quais se explicitará no próximo ponto.

## **2. No Vaticano II**

O Concílio inaugurou uma nova forma de ser Igreja seguramente na medida em que a Igreja Católica hoje não é mais uma Igreja de cultura apenas ocidental ou europeia. O Vaticano II, teologicamente, deu legitimidade a outras culturas para acolher o Evangelho e desenvolver uma compreensão própria da mensagem cristã, sem ter que depender de modo escravizante da herança greco-romano-medieval.

Para entender momento de renovação e o tema de Igreja pobre para os pobres no Vaticano II importante lembrar do impulso que deu o Papa Paulo VI através da *Populorum Progressio*, de modo especial no número 21<sup>147</sup>, ao levar a sério o drama da pobreza de

---

### **De outros países da América Latina**

Dom Alfredo Viola, Bispo de Salto, Uruguai

Dom Marcelo Mendiharat, bispo auxiliar de Salto, Uruguai

Dom Manuel Larraín Errázuriz, Bispo de Talca, Chile

Dom Marcos Gregorio McGrath, Bispo de Santiago, de Veraguas, mais tarde Arcebispo da Arquidiocese do Panamá, Panamá

Dom Leonidas Eduardo Proaño Villalba, Bispo de Riobamba, Equador

Dom Sergio Méndez Arceo, Bispo de Cuernavaca, Morelos, México

<sup>147</sup> “Deve-se dizer que vivem em condições menos humanas, primeiramente os que são privados do mínimo vital pelas carências materiais ou que por carências morais são mutilados pelo egoísmo. E depois os que são oprimidos por estruturas opressivas, quer provenham dos abusos da posse ou do poder, da exploração dos trabalhadores ou da injustiça das transações. Mais humanas: a passagem da miséria à posse do necessário, a vitória sobre os flagelos sociais, o alargamento dos conhecimentos, a aquisição da cultura. São condições mais humanas também: a consideração crescente da dignidade dos outros, a orientação para o espírito de pobreza, a cooperação no bem comum, a vontade da paz; o reconhecimento, pelo homem, dos valores supremos, e de Deus que é a origem e o termo deles. E finalmente e sobretudo, a fé, dom de Deus acolhido pela boa vontade do

milhões pessoas e suas exclusões de bens necessário para viver e ter vida digna, como alimento, educação e moradia. O Papa conseguiu discernir a história a luz de realidades e processos que favoreciam a vida humana e reprovar os que levava o ser humano a não ter dignidade, isto é, a “vida menos humana”<sup>148</sup>.

Como o tema deste trabalho de investigação é de uma Igreja pobre para os pobres, é desta perspectiva que abordaremos os documentos finais do Concílio Vaticano II. Para Joan Planellas<sup>149</sup> é preciso examinar alguns documentos fundamentais, neste trabalho analisaremos dois, que nosso ver são os mais importantes, que é o parágrafo terceiro do numero 8 de *Lumen gentium* e no numero 5 de *Ad gentes* que trata da atividade missionaria da Igreja.

## **2.1 A Igreja dos pobres na constituição *Lumen Gentium***

Sem sombra de dúvidas, a *Lumen Gentium* (LG) é um dos documentos mais importantes do Concílio Vaticano II, pois trouxe aos leigos e leigas, e à própria Igreja enquanto Instituição hierárquica, conhecida e respeitada no período pré-conciliar como uma nova imagem da Igreja como “Povo de Deus”, formada por todos os batizados em Cristo, e com Ele transformados em um Reino de sacerdotes para Deus. Sacerdotes, profetas e reis que, independentemente do sacerdócio comum ou do sacerdócio ministerial, participam do Sacerdócio único de Cristo (Heb 5,1-10).

Boaventura Kloppenburg, diz que pelo conteúdo e pelas profundas implicações para o futuro, a elaboração e a votação da LG foram um tanto conturbadas e muito discutidas. Ao texto inicial, elaborado em quatro capítulos, foram apresentadas cerca de quatro mil emendas, o que resultou em sua alteração para sete capítulos, originando a primeira Constituição Dogmática deste Concílio. Afirma, também que, tal como a *Dei Verbum*, a *Lumen Gentium* é dogmática porque teve a intenção formal de ensinar, propor doutrinas e mesmo doutrinas novas. Com o texto consolidado, o Documento foi aprovado e solenemente promulgado pelo

---

homem, e a unidade na caridade de Cristo que nos chama a todos a participar como filhos na vida do Deus vivo, Pai de todos os homens”.

<sup>148</sup> Cf. Luciani, Rafael, “La opción por los pobres desde um Iglesia pobre y para los pobres,” p. 354.

<sup>149</sup> Cf. Planellas, Joan, *la Iglesia de los pobres em el Vaticano II*, p. 19-20.

Papa Paulo VI em 21/12/1964, porém a novidade deste Documento provocou, e provoca até hoje, uma certa dificuldade de aceitação dentro da própria Igreja<sup>150</sup>.

Segundo Planella “a LG constitui o documento mais importante do Vaticano II sobre a questão da pobreza, sobre tudo, o denso terceiro parágrafo do número 8,<sup>151</sup> dentro do primeiro capítulo, dedicado ao Mistério da Igreja”<sup>152</sup>. Este texto começa indicando como a Igreja deve atuar, mostra que o caminho da Igreja deve ser o mesmo de Cristo, que é passar pela pobreza e pela perseguição.

Neste ponto existe uma proposta de rompimento com a Igreja que existia antes do Vaticano II, uma centrada no clero, na burguesia, pois nestas primeiras linhas a Igreja já é chamada a dar testemunho da pobreza. “O Concílio reconhece que entre a Igreja e a pobreza existe uma relação intrínseca, um nexó constitutivo sob um fundamento bíblico, consiste em sua raiz cristológica. A obra de redenção realizada por Cristo é colocada sob o signo da pobreza e da perseguição: este é o caminho através do qual a Igreja deve entrar sem qualquer hesitação”<sup>153</sup>. Fica claro que na “Igreja não justifica nenhuma reivindicação de poder. [...] o concílio queria acabar com uma determinada figura de Igreja”<sup>154</sup>.

Planellas, citando Jacques Dupont afirma que a constituição fala de um Cristo, que vive uma opção pelos pobres e que esta afirmação faz que a fundamentação da opção da Igreja pelos pobres seja fundamentalmente cristológica. E que este parágrafo supera a visão

---

<sup>150</sup> Cf. Kloppenburg, Boaventura, *Introdução Geral aos Documentos do Concílio, Compêndio do Vaticano II*, p. 15-18.

<sup>151</sup> “Mas, assim como Cristo realizou a obra da redenção na pobreza e na perseguição, assim a Igreja é chamada a seguir pelo mesmo caminho para comunicar aos homens os frutos da salvação. Cristo Jesus «que era de condição divina... despojou-se de si próprio tomando a condição de escravo (Fil. 2, 6-7) e por nós, «sendo rico, fez-se pobre» (2 Cor. 8,9): assim também a Igreja, embora necessite dos meios humanos para o prosseguimento da sua missão, não foi constituída para alcançar a glória terrestre, mas para divulgar a humildade e abnegação, também com o seu exemplo. Cristo foi enviado pelo Pai «a evangelizar os pobres... a sarar os contritos de coração» (Luc. 4,18), «a procurar e salvar o que perecera» (Luc. 19,10). De igual modo, a Igreja abraça com amor todos os afligidos pela enfermidade humana; mais ainda, reconhece nos pobres e nos que sofrem a imagem do seu fundador pobre e sofredor, procura aliviar as suas necessidades, e esforça-se a servir neles a Cristo. Enquanto Cristo «santo, inocente, imaculado» (Hebr. 7,26), não conheceu o pecado (cfr. 2 Cor. 5,21), mas veio apenas expiar os pecados do povo (Hebr. 2,17), a Igreja, contendo pecadores no seu próprio seio, simultaneamente santa e sempre necessitada de purificação, exercita continuamente a penitência e a renovação” (LG 8).

<sup>152</sup> Planellas, Joan, *la Iglesia de los pobres em el Vaticano II*, p. 77.

<sup>153</sup> Planellas, Joan, *la Iglesia de los pobres em el Vaticano II*, p. 78.

<sup>154</sup> Pottmeyer, Hermann, “La iglesia en camino para configurarse como pueblo de Dios,” p. 83

da pobreza como uma opção individual do cristão e diz que a opção pelos pobres é uma vocação que requer uma resposta de toda a Igreja<sup>155</sup>.

Ainda na linha do paralelismo entre Cristo e a Igreja, mostra que, mesmo sabendo que a Igreja necessita de meios de sobrevivência, estes bens devem somente para a manutenção, isto é, a Igreja deve viver uma vida modesta e que o mais importante é evangelizar os pobres a partir do testemunho:

Cristo Jesus «que era de condição divina... despojou-se de si próprio tomando a condição de escravo (Fil. 2, 6-7) e por nós, «sendo rico, fez-se pobre» (2 Cor. 8,9): assim também a Igreja, embora necessite dos meios humanos para o prosseguimento da sua missão, não foi constituída para alcançar a glória terrestre, mas para divulgar a humildade e abnegação, também com o seu exemplo (LG 8)

A pobreza de Cristo não consiste unicamente na privação de bens, “se definiria, antes de tudo, como uma renúncia a todas as vantagens pessoais; Cristo se fez pobre abandonando os privilégios de sua condição divina para vim a terra e padecer o suplício da cruz”<sup>156</sup>.

Neste ponto, percebe-se que a pobreza esta inserida na missão de Jesus, que ao cume na sua entrega total na sua paixão e morte e a Igreja deve seguir este caminho, isto é, da exemplo de humildade, de renúncia, a Igreja já mais poderia perder o sentido de servidora, servidora dos pobres, dos excluídos e excluídas que necessitam do serviço e acompanhamento da Igreja em suas lutas por vida digna.

Seguindo a linha do paralelismo entre Igreja e Cristo, tendo Cristo como o exemplo mais importante para as comunidades a LG indica qual deve ser o caminho que a Igreja deve seguir:

Cristo foi enviado pelo Pai a evangelizar os pobres... a sarar os contritos de coração (LC. 4,18), a procurar e salvar o que perecera» (LC. 19,10). De igual modo, a Igreja abraça com amor todos os afligidos pela enfermidade humana; mais ainda, reconhece nos pobres e nos que sofrem a imagem do seu fundador pobre e sofredor, procura aliviar as suas necessidades, e esforça-se a servir neles a Cristo (LG 8).

---

<sup>155</sup> Cf. Planellas, Joan, *la Iglesia de los pobres em el Vaticano II*, p. 78-79.

<sup>156</sup> Dupont, Jacques, *L'Église est la pauvreté en Barnosell*, Joan Planellas, *la Iglesia de los pobres em el Vaticano II*, p. 80.

Em todas as passagens da LG está apresentando a questão da pobreza de duas formas distintas, mas ao mesmo tempo unidas que constituem dois pontos essenciais para o nosso tema: Por um lado a pobreza que tem que viver a Igreja, a imitação de Cristo; por outro, o dever da Igreja em relação aos pobres deste mundo [...] o Concílio indica duas perícopas de Lucas como resposta da Igreja aos pobres. A Primeira de Lc 4,18<sup>157</sup> e a segunda de Lc 19, 10<sup>158</sup>. E por último mostra que a Igreja deve amar os pobres de forma concreta e não somente com palavras, sem excluir aqueles que são pobres de ordem moral. Isto é, a Igreja deve amar concretamente a todos os homens e mulheres sem pensar nas suas opções sexuais, religiosas, cor e etnia<sup>159</sup>.

Concluindo, o número 8 do primeiro capítulo da LG vem trazer luzes para uma Igreja pobres, que mesmo depois de 50 anos, em grande parte, busca o privilégio, o poder e se tornando uma Igreja clerical, sem muitas vezes espaço para os leigos, de modo especial as mulheres, que são a maioria que frequenta a Igreja.

Importante retomar a proposta de uma Igreja que atua de acordo com a vida de Cristo, que no qual “foi ungido para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos” (Lc 4, 18).

Importante lembrar também, que “A terceira Sessão do Concílio Ecumênico propõe-se esta questão como uma das principais: investigar e declarar a doutrina relativa à natureza e à missão da Igreja [...] O Concílio traçará as linhas desta figura e missão do Episcopado, desejando apenas interpretar, na sua fonte e nas conclusões que dela derivam, o pensamento de Jesus Cristo<sup>160</sup>” em conclusão poderia dizer que os bispos deveriam ser os primeiros a colocar em prática as decisões do Concílio, em nosso caso, fazer a experiência de uma Igreja pobre para os pobres como podemos confirmar no número 18<sup>161</sup> da LG. Mas não

---

<sup>157</sup> “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para pregar boas novas aos pobres. Ele me enviou para proclamar liberdade aos presos e recuperação da vista aos cegos, para libertar os oprimidos.

<sup>158</sup> Pois o Filho do homem veio buscar e salvar o que estava perdido”.

<sup>159</sup> Cf. Planellas, Joan, *la Iglesia de los pobres em el Vaticano II*, p. 82-83.

<sup>160</sup> Cf. Paulo VI, “Discurso do Papa Paulo VI na inauguração da terceira sessão do Concílio Ecumênico Vaticano II” em 14 de setembro de 1964.

<sup>161</sup> “Este Sacrossanto Sínodo, seguindo os passos do Concílio Vaticano I, com ele ensina e declara que Jesus Cristo, Pastor Eterno, fundou a santa Igreja, enviando os Apóstolos, assim como Ele mesmo fora enviado pelo Pai (cf. Jo 20,21). E quis que os sucessores dos Apóstolos, isto é, os Bispos, fossem em Sua Igreja Pastores até à consumação dos séculos. E para que o próprio Episcopado fosse uno e indiviso, prepôs aos demais

esquecendo que “a atividade missionária da Igreja é um direito e dever fundamental de todos os batizados, de todos os membros do Povo de Deus (cf. AG 35<sup>162</sup>) que, abraçando a causa de Jesus Cristo, se tornam testemunhas, dando razão de sua própria fé (cf. 1Pd 3,15) na família, no trabalho, na comunidade, no lazer”<sup>163</sup>.

## 2.2 A Igreja dos pobres no Decreto *Ad Gentes*

O decreto sobre a atividade missionária da Igreja, *Ad Gentes* (AG), é um documento especial para o tema que estamos trabalhando, onde menciona diretamente a questão da pobreza, pode-se ver nos números 3, 5, 19- 20 e 24<sup>164</sup>.

Porem os dois primeiros são os mais importantes, porem o 5 do capítulo I que é dedicado precisamente aos princípios doutrinários e a ação evangelizadora e missionária da Igreja.

---

Apóstolos o bem-aventurado Pedro e nele instituiu o perpétuo e visível princípio e fundamento da unidade da fé e comunhão. Esta doutrina sobre a instituição, perpetuidade, poder e natureza do sacro Primado do Romano Pontífice e sobre seu infalível Magistério, o Sagrado Sínodo novamente a propõe para ser crida firmemente por todos os fiéis. E continuando na mesma iniciativa, resolveu declarar e professar diante de todos a doutrina sobre os Bispos, sucessores dos Apóstolos, que junto com o Sucessor de Pedro, Vigário de Cristo e Cabeça visível de toda a Igreja, regem a casa de Deus vivo”.

<sup>162</sup> “Dado que a Igreja é toda ela missionária, e a obra da evangelização é um dever fundamental do Povo de Deus, o sagrado Concílio exorta todos a uma profunda renovação interior, para que tomem viva consciência das próprias responsabilidades na difusão do Evangelho e assumam a parte que lhes compete na obra missionária junto dos gentios”.

<sup>163</sup> Santos, Claudiano Avelino dos, *A missão no Vaticano II / Memore Restori*, p. 15.

<sup>164</sup> AG 3: “Cristo Jesus, de facto, foi enviado ao mundo como verdadeiro mediador entre Deus e os homens. Como é Deus, n'Ele habita corporalmente toda a plenitude da divindade (Col. 2,9); e sendo o novo Adão pela sua natureza humana, é constituído cabeça da humanidade renovada, cheio de graça e de verdade (Jo. 1,14). Assim, o Filho de Deus, pelo caminho duma verdadeira Encarnação, veio para fazer os homens participantes da sua natureza divina e, sendo rico, fez-se por nós necessitado para que nos tornássemos ricos da sua pobreza (13). O Filho do Homem não veio para que o servissem, mas para ser ele a servir e para dar até a sua vida em redenção por muitos, isto é, por todos (14). Os santos Padres constantemente proclamam nada estar remido que não tivesse sido primeiro assumido por Cristo (15). Ora ele assumiu por inteiro a natureza humana tal qual ela existe em nós, pobres e miseráveis, rejeitando dela apenas o pecado (16). De si mesmo disse Cristo, a quem o Pai santificou e enviou ao mundo (cfr. Jo. 10,36): «O Espírito do Senhor está sobre mim; por isso me ungiu e me enviou a anunciar a boa nova aos pobres, a sarar os contritos de coração, a proclamar a libertação dos cativos e a restituir a vista aos cegos» (Lc. 4,18). E outra vez: «Veio o Filho do Homem para buscar e salvar o que estava perdido» (Lc. 19,10)”.

AG 5: “O Senhor Jesus, logo desde o princípio «chamou a Si alguns a quem Ele quis, e escolheu doze para andarem com Ele e para os mandar a pregar» (Mc. 3,13) [...] Continuando esta missão e explicitando através da história a missão do próprio Cristo, que foi enviado a evangelizar os pobres, a Igreja, movida pelo Espírito Santo, deve seguir o mesmo caminho de Cristo: o caminho da pobreza, da obediência, do serviço e da imolação própria até à morte, morte de que Ele saiu vencedor pela sua ressurreição. Foi assim também que todos os

A história das discursões durante o Concílio foi muito importante para questão da pobreza e existem falas que são importantes destacar para ver como se desenvolvia as discursões e o desenvolvimentos dos documentos, neste caso a do *Ad Gentes*. Entre as mais de 20 paginas de emendas recebidas pela a comissão missionaria do Vaticano II importante retomar a fala do Bispo Auxiliar de Nova Iorque Fulton J. Shenn que dizia: Assim como a castidade foi fruto do Concílio de Trento e a obediência do Vaticano I, espero que a pobreza seja fruto do Vaticano II. Com esta fala ele estava referindo-se a grande expansão que estava tendo a pobreza nos países do terceiro mundo. E seguiu dizendo que como Cristo mostrou suas chagas para converter a Tomé, assim a Igreja ferida com as chagas da pobreza converterá o mundo incrédulo<sup>165</sup>.

Quando se lê o numero 5 de AG se vê com clareza que a fundamentação esta em LG 8, isto é, tem todo um fundamento cristológico sobre a pobreza, apoiados no novo testamento. “o numero 5 faz uma passagem de Cristo para a Igreja, iniciando concretamente no mesmo paragrafo, como a Igreja deve avançar por este caminho sob impulso do espírito de Cristo”<sup>166</sup>.

---

Apóstolos caminharam na esperança completando com muitas tribulações e fadigas o que faltava aos trabalhos de Cristo pelo seu corpo, que é a Igreja. Muitas vezes, mesmo, a semente foi o sangue dos cristãos”.

AG 19: “Nestas igrejas jovens, a vida do Povo de Deus deve adquirir a maturidade em todos os sectores da vida cristã, renovada segundo as normas deste Concílio: os grupos de fiéis tornam-se de dia em dia mais conscientemente comunidades de fé, de liturgia e de caridade; pela sua atividade cívica e apostólica, os leigos trabalham por instaurar na sociedade uma ordem de caridade e de justiça; os meios de comunicação social são empregados de maneira oportuna e prudente; graças a uma vida verdadeiramente cristã, as famílias tornam-se viveiros do apostolado dos leigos e das vocações sacerdotais e religiosas. A fé, enfim, é ensinada por meio duma catequese adaptada, é celebrada numa liturgia conforme ao génio do povo, e, por uma legislação canónica conveniente, passa para as instituições e para os costumes locais”.

AG: 20: “A Igreja particular, pela obrigação que tem de representar o mais perfeitamente possível a Igreja universal, deve ter consciência que foi também enviada aos habitantes do mesmo território que não creem em Cristo, a fim de ser, pelo testemunho da vida de cada um dos fiéis e de toda a comunidade, um sinal a mostrar-lhes Cristo. [...] do mesmo zelo em relação aos seus concidadãos, sobretudo os mais pobres, devem sentir-se animados os religiosos e as religiosas, bem como os leigos”.

AG 24: “Porém, ao chamamento de Deus, o homem deve responder de forma tal que, [...] Anunciando o Evangelho aos povos, dê a conhecer confiadamente o mistério de Cristo, do qual é legado, de maneira que ouse falar d'Ele como convém, não se envergonhando do escândalo da cruz. Seguindo os passos do seu mestre, manso e humilde de coração, mostre que o Seu jugo é suave e leve a Sua carga. Mediante uma vida verdadeiramente evangélica, com muita paciência, longanimidade, suavidade, caridade sincera, dê testemunho do seu Senhor até à efusão do sangue, se for necessário. Alcançará de Deus virtude e força para descobrir a abundância de gozo que se encerra na grande prova da tribulação e da pobreza absoluta”.

<sup>165</sup> Cf. Planellas, Joan, la Iglesia de los pobres em el Vaticano II, p. 245.

<sup>166</sup> Planellas, Joan, la Iglesia de los pobres em el Vaticano II, p. 250.

Segundo Planellas ao afirmar que Cristo se fez pobre por nós, para que com sua pobreza nós nos enriqueçamos e que o Espírito do Senhor repousa sob ele, unguindo-o para evangelizar os pobres, tem umas consequências muito claras para a missão da Igreja e uma missão individual para todo os cristãos, que também unguido como Cristo são membro da pelo batismo. Esta passagem de Cristo é essencial, pois mostra que todos devem seguir os mesmos passos de Cristo que deixou seus atributos divinos para esta do lado dos pobres e perseguidos, que muitas vezes são excluídos da sociedade.

Concluído AG percebe-se que a vida do Cristão missionário deve ser uma vida de desprendimento total, como sinal nos meios pobres e excluídos da sociedade. O missionário que se identifica com Cristo tem que se dispor a viver a pobreza com uma verdadeira alegria. Esta experiência o coloca mais perto de Jesus como também aos pobres, de modos especial os que estão excluídos e excluídas de nossa sociedade, as mulheres que sofrem da violência, homossexuais que sofrem homofobia, os negros que sofrem discriminação, as pessoas que vivem em situação de rua, os ciganos que muitas vezes não são nem considerados como filhos e filhas de Deus, os indígenas que são expulsos de suas terras, os migrantes, os refugiados, todos estes que estão na periferias existenciais e geográficas.

Concluído este ponto deve-se levar em conta que tanto a LG 8 e AG 5 são as duas passagens conciliares mais importantes sobre reconhecimento da vocação da Igreja para com os pobres, mostrando que Igreja deve seguir os passos de Cristo, de fazer a opção pelos pobres. Ao ver a realidade da Igreja nos dias atuais e lendo LG 8 AG 5 vemos a necessidade de uma volta da Igreja ao Vaticano II, que apesar de ter passado de 50 anos ainda não temos uma Igreja que anda nos seus caminhos e com certeza esta é uma proposta que ainda segue sendo revolucionário para o mundo de hoje e para toda a Igreja.

“A opção pelos pobres, no Vaticano II foi uma resposta concreta e encarnada para essa realidade, e a articulação da fé com a consciência social traduziu a inspiração conciliar

de uma Igreja que deixa de olhar para si mesma para olhar para a realidade e tentar responder a ela”<sup>167</sup>.

### **3. No Magistério latino americano**

Um tema de grande importância que perpassou as Conferências de Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida e contribui ainda hoje é a opção preferencial da Igreja pelos pobres e contra a pobreza: a Igreja como povo de Deus identificada com os pobres.

#### **3.1 Documento de Medellín (1968)**

Um passo importante e decisivo no projeto de uma Igreja dos pobres se deu na II Conferência do Episcopado latino-americano e caribenho em Medellín. Ela foi pensada e articulada em vista de uma recepção e atualização da teologia pastoral do Concílio na América Latina e deu um salto qualitativo para além da concepção centro-europeia<sup>168</sup>. E, de fato, a Conferência de Medellín significou “a transposição da perspectiva do Concílio e de suas intuições ao contexto específico do continente latino-americano. Sem o Concílio, não teria existido Medellín, mas Medellín não teria sido Medellín sem o esforço corajoso de repensar o acontecimento conciliar a partir da realidade de pobreza e de injustiça que caracterizava a América Latina”<sup>169</sup>. Esta é marca fundamental e decisiva de Medellín: pensar a identidade e a missão da Igreja em sua referência “essencial e primordial” aos pobres, que constituem a grande maioria dos povos latino-americano e caribenhos, o que significou, em última instância, pensá-la como “Igreja dos pobres”.

Segundo Clodovis Boff o “‘fruto maior’ de Medellín foi ter dado à luz a Igreja latino-americana como latino-americana. Seus documentos representam o ‘ato de fundação’ da

---

<sup>167</sup> Velez, Olga Consuelo, “Um acontecimento de graça e de novidade,” p. 37.

<sup>168</sup> Cf. Libano, João Batista, “Concílio Vaticano II: os anos que seguiram, citado por Aquino Junior, Francisco, “50 anos de Medellín e 5 de Francisco,” *Perspectiva Teológica*, p. 47.

<sup>169</sup> Palácio, Carlos, “Trinta anos de teologia na América Latina: um depoimento,” p. 53.

Igreja da América Latina a partir de seus povos e culturas ele constituem a ‘carta magna no continente’<sup>170</sup>.

Medellín conclama todos os batizados a ser uma Igreja pobre, para dar testemunho de uma Igreja solidária, samaritana, com a situação e a causa dos pobres, que é um mundo justo e solidário para todos. “A pobreza da Igreja deve ser sinal e compromisso de solidariedade com os que sofrem” (DM 14,7). Medellín, ao optar pelo ser humano, dada a situação dos excluídos, que são os proferidos de Deus, opta antes pelos pobres (DM 14,9).

Por isso, a opção pelos pobres, mais que um trabalho prioritário, é uma ótica que leva a todos a partir do pobre, em vista de um mundo inclusivo de todos<sup>171</sup>.

A opção pelos pobres baseia-se no serviço profético, expressada na vivência da fé cristã fiel a esta opção, diante da injustiça, opressão e exclusão das estruturas sociais existentes, “fazendo do pobre não um objeto de caridade, mas sujeito de sua própria libertação, ensinando-lhe a ajudar-se a si mesmo” (DM14,10).

Medellín, ao fazer a opção pela pessoa humana, dada a situação dos excluídos, que são os prediletos de Deus, opta antes pelos pobres (MD14,9), pois se trata de promover a fraternidade de todo os seres humano, dos filhos e filhas de Deus. Esta opção consiste em fazer do pobre, não um objeto de caridade, mas sujeito de sua própria história e da libertação. Diz Medellín que “a promoção humana será a perspectiva de nossa ação em favor do pobre, respeitando sua dignidade pessoal e ensinando-lhe a ajudar-se a si mesmo” (DM 14,10). Por isso, a opção pelos pobres, mais que um trabalho prioritário, é uma ótica que leva a todos a partir do pobre, em vista de um mundo inclusivo de todos<sup>172</sup>.

“Medellín, radicaliza [...] tirando consequências para a ação evangelizadora e missionária da Igreja no mundo de hoje. Medellín faz da Igreja-comunidade, uma Igreja em

---

<sup>170</sup> Boff, Clodovis, “A originalidade histórica de Medellín, p. 568.

<sup>171</sup> Brighenti, Agenor, “A opção pelos Pobres e a urgência da Missão. 40 anos de Medellín”.

<sup>172</sup>Cf. Brighenti, Agenor, “A opção pelos Pobres e a urgência da Missão. 40 anos de Medellín”.

pequenas comunidades de base; da comunidade enquanto sujeito eclesial, a comunidade toda ela missionária; da Igreja Povo de Deus, a Igreja dos pobres para ser a Igreja de todos”<sup>173</sup>.

Medellín não foi uma conferência entre outras ele foi um acontecimento que soube entender a unidade profunda que existe entre o projeto salvífico de Deus, realizado em Cristo, e as aspirações da pessoa humana; entre a história de salvação e a história humana; entre a Igreja, povo de Deus e as comunidades temporais; entre a ação reveladora de Deus e a experiência humana; entre os dons e carismas sobrenaturais e os valores humanos<sup>174</sup>.

### 3.2 Documento Puebla (1979)

Puebla, procura continuar o processo, fundamentando, explicitando e valorizando a dimensão teológico-pastoral, na busca de “assumir para redimir” (DP 400), fazendo-se presente na vida dos pobres e na sua resistência, mesmo com certa tentativa de minimizar a expressão “opção pelos pobres” de Medellín; Puebla usa “opção preferencial pelos pobres”, “amor aos pobres”, “opção evangélica, universal, piedosa”, sendo “as CEBs expressão da opção preferencial da Igreja pelo povo simples” (DP 643).

Puebla, após reconhecer a brecha crescente entre ricos e pobres como um “pecado social” (cf. DP 28) e compreender que no rosto do pobre reconhecemos o rosto do Cristo sofredor, o Senhor que nos questiona e interpela, afirma “a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação” (DP 1134).

A opção preferencial pelos pobres não é um ponto isolado no documento de Puebla. Esta é uma preocupação real que envolve todo o documento (28, 382, 707, 711, 733, 769, 1134, 1217<sup>175</sup>).

Na quarta parte do documento, outras insistências pastorais também são feitas: a opção preferencial pelos pobres, a ação da igreja com os construtores da sociedade pluralista na América Latina e a ação da pessoa na sociedade.

---

<sup>173</sup> Brighenti, Agenor, “A opção pelos Pobres e a urgência da Missão. 40 anos de Medellín”.

<sup>174</sup> Cf. Luciani, Rafael, “Medellín: 50 años después de Iglesia reflejo a Iglesia fuente,” p. 23.

<sup>175</sup> DP 28: “Vemos, à luz da fé, como um escândalo e uma contradição com o ser cristão, a brecha crescente entre ricos e pobres. O luxo de alguns poucos converte-se em insulto contra a miséria das grandes

Tudo leva, então, à afirmação Central de Puebla. A opção preferencial pelos os pobres constituem o fundamento próprio da evangelização da Igreja na América Latina.

Assim, sob o aspecto doutrinário, os fios condutores do documento são a evangelização, como tema central, a comunhão e participação como a meta, a libertação, como o caminho pelo qual a evangelização impulsiona tudo e a todos em direção da meta, e os pobres, os sujeitos preferenciais<sup>176</sup>.

As suas linhas de força e as grandes orientações são a realidade; o primado da evangelização; a constatação da violação dos direitos humanos no continente, seguida da reflexão antropológica e de uma fundamentação bíblica, que mostram a dignidade humana; a opção pelos pobres e por uma evangelização libertadora; a cultura e as culturas na América Latina e a sua evangelização; a necessidade de espiritualidade própria para a evangelização e evangelizadores da América Latina<sup>177</sup>.

---

massas. Isto é contrário ao plano do Criador e à honra que lhe é devida. Nessa angústia e dor, a Igreja discerne uma situação de pecado, cuja gravidade é tanto maior quanto se dá em países que se dizem católicos” (Puebla, 28).

DP 382: “O amor preferencial e a solicitude para com os pobres e necessitados.

DP 707: “Num espírito de fidelidade total ao Evangelho e sem perder de vista o nosso carisma de sinal de unidade e pastor, dar a entender por nossa vida e atitudes a nossa preferência pela evangelização e serviço aos pobres.

DP 711: No seu ministério, dêem os presbíteros prioridade ao anúncio do Evangelho a todos, mas muito especialmente aos mais necessitados (operários, camponeses, indígenas, marginalizados, grupos afro americanos), incluindo a promoção e defesa de sua dignidade humana”.

DP 733: “A abertura pastoral das obras e a opção preferencial pelos pobres é a tendência mais notável da vida religiosa latino-americana. De fato, os religiosos acham-se cada vez mais em zonas marginais e difíceis, nas missões entre indígenas, num trabalho humilde e silencioso. Esta opção não supõe exclusão de ninguém, mas pelo contrário, uma preferência e aproximação do pobre”.

DP 769: “Incentivar os religiosos para que assumam um compromisso preferencial pelos pobres, levando em consideração o que disse João Paulo II: “Sois sacerdotes e religiosos; não sois dirigentes sociais, líderes políticos ou funcionários dum poder temporal. Por isso vos repito: não tenhamos a ilusão de servir o Evangelho se permitimos que o nosso carisma se “dilua” através dum exagerado interesse pelo vasto campo dos problemas temporais”

DP: 1134: “A Conferência de Puebla volta a assumir, com renovada esperança na. força vivificadora do Espírito, a posição da II Conferência Geral que fez uma clara e profética opção preferencial e solidária pelos pobres”.

DP 1217: “A preocupação preferencial em defender e promover os direitos dos pobres, marginalizados e oprimidos”.

<sup>176</sup> Cf. Alessandri, Hernán, *O futuro de Puebla: repercussão social e eclesial*, 1982, p. 30-33.

<sup>177</sup> Cf. Galilea, Segundo, *A mensagem de Puebla*, p. 30-33.

### 3.3 Documento de Santo Domingo (1992)

Santo Domingo, embora com menor vigor, devido a influência do Vaticano e outras entidades eclesiais<sup>178</sup> e da não participação oficial de muitos teólogos, continua falando da necessidade da opção pelos pobres diante do empobrecimento e do aumento da brecha entre ricos e pobres<sup>179</sup>, ao dizer que “evangelizar é fazer o que Jesus Cristo fez, quando mostrou na sinagoga que veio para evangelizar os pobres (cf. Lc 4,18-19)”, e continua afirmando: “Esta é a fundamentação que nos compromete numa opção evangélica e preferencial pelos pobres, firme e irrevogável, mas não exclusiva e nem excludente, tão solenemente afirmada nas Conferências de Medellín e Puebla” (...). “Descobrir nos rostos sofredores dos pobres o rosto do Senhor (Mt 25,31-46) é algo que desafia todos os cristãos a uma profunda conversão pessoal e eclesial”. Os bispos tomam consciência da realidade da vida dos pobres e afirmam: “Comove-nos até as entranhas ver continuamente a multidão de homens e mulheres, crianças e jovens e anciãos que sofrem o insuportável peso da miséria, assim como diversas formas

---

<sup>178</sup> “O texto final de Santo Domingo é fruto de um parto doloroso, no qual tantas forças intervieram: as diferentes práticas eclesiais latino-americanas, lá representadas por bispos e assessores, o CELAM e a CAL. O estatuto interno da Conferência, elaborado por instâncias alheias à América Latina, fazia alusão somente a um “eventual documento”. A CAL não era favorável a nenhum documento, mas somente conclusões provisórias, que como num sínodo, seriam apresentadas ao Papa para que este elaborasse um texto sobre o assunto. Portanto, o próprio fato de existir um documento, assumido por nossos bispos, como uma palavra atual do episcopado latino-americano, é significativo. Apesar de não desejado por aqueles que apostam no centralismo crescente e na uniformidade da Igreja católica, malgrado a imensa censura interna e as fórmulas de compromisso, nós temos um texto do episcopado latino-americano. Um pobre texto, marcado pela violência que acompanhou a sua gestação, numa luta na qual “o outro lado” tinha as armas mais fortes e “jogou pesado”. Talvez o documento seja um “filho feio”, bem aquém do que se sonhava. Mas, graças a Deus, é o filho que temos. Fruto da resistência e do espírito de comunhão de tantos: bispos, padres, teólogos e uma imensa multidão de leigos. João Cabral de Melo Neto, em “Morte e Vida Severina”, rompe o triste cenário de denúncia da pobreza com o anúncio do nascimento do filho. A Igreja latino-americana analogicamente faz o mesmo. Temos um pobre texto! Mas Deus no-lo deu e nós contribuimos para que existisse. Ele será inspirador da caminhada da Igreja na América Latina nos próximos anos, pois mesmo na sua pobreza possibilita uma interpretação positiva e estimuladora. Demos a volta por cima!” Murad Afonso, “Documento de Santo Domingo: princípios hermenêuticos de leitura,” p. 28.

<sup>179</sup> “O empobrecimento e a agudização da brecha entre ricos e pobres golpeiam de modo grave as grandes maiorias de nossos povos devido à inflação, à redução dos salários reais e à falta de acesso a serviços básicos, ao desemprego e ao aumento da economia informal e da dependência científico-tecnológica.

– Difunde-se uma mentalidade e um estilo de vida consumista e egoísta, amplamente divulgados pelos meios de comunicação social. Isto dificulta ou impede uma organização social mais justa e digna.

– Diante da crise de sistemas econômicos que conduziram a fracassos e frustrações, costuma apresentar-se como solução uma economia de livre mercado, assumida por não poucos sob o rótulo de neoliberalismo e com um alcance que vai além do puro campo econômico, e que parte de interpretações estreitas ou reducionistas da pessoa e da sociedade” (DSD199).

de exclusão social, étnica e cultural; são pessoas humanas concretas e irrepetíveis que veem seus horizontes cada vez mais fechados e sua dignidade desconhecida”<sup>180</sup>.

No texto de Santo Domingo Afonso murada explica bem sobre a realidade de pobreza, no que o texto passa usar o termo promoção humana<sup>181</sup> substituindo pela a palavra libertação, mas mostra, de certo modo, o seguimento de conferências anteriores, para Santo Domingo promoção humana e evangelização devem andar de mãos dadas:

É a Promoção humana, que em parte substitui a palavra "libertação" (DSD 157) Embora a sua área de incidência maior seja o capítulo 2 da segunda parte, a promoção humana deve pervadir toda a interpretação do documento. Como o próprio texto sustenta, existem laços

---

<sup>180</sup> “O crescente empobrecimento a que estão submetidos milhões de irmãos nossos, que chega a intoleráveis extremos de miséria, é o mais devastador e humilhante flagelo que vive a América Latina e Caribe. Assim o denunciamos tanto em Medellín como em Puebla e hoje voltamos a fazê-lo com preocupação e angústia. – As estatísticas mostram com eloquência

que na última década as situações de pobreza cresceram tanto em números absolutos como em relativos. A nós, pastores, comove-nos até as entranhas ver continuamente a multidão de homens e mulheres, crianças e jovens e anciãos que sofrem o insuportável peso da miséria assim como diversas formas de exclusão social, étnica e cultural; são pessoas humanas concretas e irredutíveis que veem seus horizontes cada vez mais fechados e sua dignidade desconhecida.

– Vemos o empobrecimento de nosso povo não só como um fenômeno econômico e social, registrado e quantificado pelas ciências sociais. Nós o vemos dentro da experiência de muita gente com quem compartilhamos, como pastores, sua luta cotidiana pela vida.

– A política de corte neoliberal que predomina hoje na América Latina e no Caribe aprofunda ainda mais as consequências negativas destes mecanismos. Ao desregular indiscriminadamente o mercado, eliminar partes importantes da legislação trabalhista e despedir empregados, ao reduzir os gastos sociais que protegem as famílias dos trabalhadores, foram aumentadas ainda mais as distâncias na sociedade.

– Temos de aumentar a lista dos rostos sofridos que já havíamos assinalado em Puebla (cf. P 31-39), todos eles desfigurados pela fome, aterrorizados pela violência, envelhecidos por condições de vida infra-humanas, angustiados pela sobrevivência familiar. O Senhor nos pede que saibamos descobrir seu próprio rosto nos rostos sofridos dos irmãos.

– Por outro lado, comprovamos com alegria os múltiplos esforços que diversos grupos e instituições da América Latina e do Caribe estão fazendo a fim de transformar esta realidade. A Igreja, chamada a ser cada vez mais fiel à sua opção preferencial pelos pobres, tem tido crescente participação nos mesmos. Damos graças a Deus por isto e convocamos a alargar o caminho já aberto, porque muito mais são os que ainda têm de caminhar por ele” (DSD 179).

<sup>181</sup> “Tanto a libertação como promoção Humana incluem uma dimensão imprescindível e urgente para a vida crista no nosso continente: o empenho real pela mudança qualitativa das condições de vida e trabalho das grandes maiorias e "massas sobrantes". "Libertação" tem mais impacto, por denotar os aspectos estruturais (especialmente de natureza social e política) e o conflito, compreendidos neste empenho. Permite, além disso, uma extrapolação semântica, podendo ser elevada ao nível de categoria teológica (ex.: "Cristo nos libertou", "A libertação como salvação e a salvação como libertação"). "Libertação" pode assim assumir uma perspectiva globalizante para a vida cristã. Mas tem a desvantagem de ser um termo polêmico, duramente perseguido pelos setores conservadores já no documento de Puebla, e apresenta um certo desgaste, "Promoção humana" soa como termo mais brando, menos conflitivo, e com menor mordência. Não pode se arvorar em categoria teológica. É, neste sentido, mais consensual e restrito”. Murad Afonso, “Documento de Santo Domingo: princípios hermenêuticos de leitura,” p. 16.

muito fortes entre evangelização e promoção humana (DSD 157), e a promoção humana é uma dimensão privilegiada da Evangelização na América Latina (DSD 159-163). Longe de fazer mais uma doutrina sobre a promoção humana, o documento final contempla "os novos sinais dos tempos no campo da promoção humana" (DSD 164-209). Cada um desses sinais é descrito inicialmente sob o ponto de vista teológico. Apresentam-se a seguir os desafios pastorais e por fim as linhas pastorais. São elencados: os direitos humanos (DSD 164-168), a ecologia (DSD 169-170), a terra (DSD 171-177), o empobrecimento e a solidariedade (DSD 178-181), o trabalho (DSD 182-185), a migração (DSD 186-189), a ordem democrática (DSD 190-193), a nova ordem econômica (DSD 194-200) e a integração latino-americana (DSD 204-209). Ao final é introduzida a cunha "a família e a vida: desafios de especial urgência para a promoção humana", de enfoque predominantemente conservador, mas que não consegue desfigurar a beleza e incisividade deste capítulo. Ele assegura a continuidade com Medellín-Puebla, adotando a ótica da opção pelos pobres e do empenho de uma sociedade justa e fraterna. Ao mesmo tempo dá sinais explícitos de uma ruptura positiva, introduzindo novos temas, os dos "Sinais dos tempos" característicos do atual momento.

A promoção humana se integra com os outros elementos constitutivos do eixo de leitura do documento. Ela não é a finalidade da Evangelização, mas uma dimensão privilegiada. Configura um objetivo operacional e um critério de juízo para a revitalização eclesial. Situa aspectos relevantes nos quais a caridade cristã deve ser exercitada. Assim caracterizada, não se reduz ao mero ativismo ou prática social desprovida de uma explícita motivação e referência evangélicas. A promoção humana é compreendida na sua relação com a inculturação do evangelho, que de certa forma a abarca sem destruir a especificidade. A cultura é mais ampla do que a promoção humana, enquanto engloba todos os fatores que constituem a identidade de um grupo humano, as raízes mais profundas da própria identidade e do sentido da sua vida (Cf. Documento de Trabalho, 166)<sup>182</sup>.

### **3.4 Documento de Aparecida (2007)**

Aparecida acontece numa virada de época, marcada pela questão cultural e pelo fenômeno da globalização; ruptura do modelo cultural vigente (a última mudança de modelo foi no séc. XVI quando surgiu a época moderna).

A conferência teve como eixo principal a missão e como consequência de um revitalizado encontro pessoal com Cristo recriando a vocação e a identidade do discípulo e discipula. A Igreja convidada a converter-se, rever suas estruturas pastorais e configuração eclesial.

O documento de Aparecida apresenta também, um forte apelo ao seguimento a Jesus que conduz o discípulo missionário à configuração com o Mestre. A resposta será livre e consciente, dada por meio do Espírito Santo. A configuração com Jesus Cristo significa

---

<sup>182</sup> Murad, Afonso, "Documento de Santo Domingo: princípios hermenêuticos de leitura," p. 16.

assumir a centralidade do mandamento do amor, colocando em prática as bem-aventuranças do Reino. É assumir o estilo de vida de Jesus, no amor e obediência ao Pai (cf. DA139). Por essa razão, o texto do Documento realça a necessidade de um encontro pessoal entre Jesus Cristo e o discípulo, para se estabelecer o processo de seguimento de Jesus<sup>183</sup>.

O discípulo missionário, configurado com Cristo será enviado a anunciar o Evangelho do Reino da vida: “Ao chamar os seus para que o sigam, Jesus lhes dá uma missão muito precisa: anunciar o Evangelho do Reino a todas as nações (cf. Mt 28,129; Lc 24, 46-48). Por isso, todo discípulo é missionário, pois Jesus o faz participe de sua missão, ao mesmo tempo que o vincula a Ele como amigo e irmão” (DA 144). “Quando cresce no cristão a consciência de pertencer a Cristo, em razão da gratuidade e alegria que produz, cresce também o ímpeto de comunicar a todos o dom desse encontro” (DA 145).

Outro fator importante em Aparecida é que, contra tudo que se esperava, “a conferência de Aparecida reafirmou e reassumiu a tradição latino-americana. O texto final reafirma e radicaliza a opção preferencial pelos pobres; reassumiu as CEBs, como Medellín, como célula inicial da estrutura eclesial”<sup>184</sup>.

“A opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza” (cf. 2Cor 8,9). Tal afirmação de Bento XVI, no discurso inaugural da 5ª Conferência, retomando a opção pelos pobres presente em Medellín e Puebla e enraizando-a na fé cristológica, indica nova etapa no aprofundamento dessa opção.

Papa Bento XVI afirma que o Deus revelado em Jesus de Nazaré é “o Deus de rosto humano; é o Deus-Conosco, o Deus do amor até a cruz”<sup>185</sup>. Esta afirmação aproxima-se também da afirmação de Puebla<sup>186</sup>, retomada pela Conferência de Aparecida: Se esta opção está implícita na fé cristológica, os cristãos, como discípulos e missionários, estamos chamados a contemplar nos rostos sofredores de nossos irmãos e irmãs o rosto de Cristo que

---

<sup>183</sup> Cf. Hackmann, Geraldo Luiz Borges, “O referencial teológico do documento de Aparecida,” p. 327.

<sup>184</sup> Brighenti, Agenor, “Critérios para a leitura do Documento de Aparecida o pre-texto, o con-texto e o texto,” p. 333.

<sup>185</sup> Bento XVI, “Discurso na sessão inaugural da V Conferência-Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe,” p. 671.

<sup>186</sup> Cf. Puebla 31-39.

nos chama a servi-lo neles: Os rostos sofredores dos pobres são os rostos sofredores de Cristo'. Eles interpelam o núcleo do agir da Igreja, da pastoral e de nossas atitudes cristãs. Tudo o que tem a ver com Cristo tem a ver com os pobres e tudo o que estiver relacionado com os pobres está relacionado com Jesus Cristo: Todas as vezes que vocês fizeram isso a um dos menores de meus irmãos, foi a mim que o fizeram (Mt 25,40) (DA 393)<sup>187</sup>.

Padre Benedito Ferraro<sup>188</sup> a opção pelos pobres e com os pobres contra a injustiça e a miséria segue duas direções de interpretações no documento de Aparecida.

A primeira, daqueles e daquelas que veem os pobres e excluídos como objeto de misericórdia, comiseração, atenção e cuidado. Certamente, com base nessa concepção, surgirá uma dinâmica de assistência, que no texto está sinalizada como a conveniência de dar mais tempo aos pobres, de atendê-los em suas necessidades imediatas, de modificar minimamente o estilo de vida burguês de bispos, padres, religiosos, religiosas. Apesar de apontar para o perigo do paternalismo, os bispos afirmam que “se nos pede dedicar tempo aos pobres, prestar-lhes amável atenção, escutá-los com interesse, acompanhá-los nos momentos difíceis, escolhendo-os para partilhar horas, semanas ou anos de nossas vidas e buscando, a partir deles, a transformação de sua situação” (DA 397).

Daquelles e daquelas que veem os pobres como novos sujeitos emergentes e apontam para novo modelo eclesial e de sociedade. Essa posição está em consonância com a análise da presente realidade latino-americana e caribenha que os bispos reconhecem ser de iniquidade social, de intoleráveis desigualdades sociais e econômicas que clamam ao céu (DA 395) e fruto de um processo promotor de iniquidades e injustiças<sup>189</sup>. Nessa ótica, a 5ª Conferência nos indica que “a opção pelos pobres deve conduzir-nos à amizade com os pobres” (cf. DA 398) e a vê-los como sujeitos de sua própria libertação: “De nossa fé em Cristo brota também a solidariedade como atitude permanente de encontro, fraternidade e

---

<sup>187</sup> Cf. Ferraro, Benedito “Opção pelos pobres no documento de Aparecida,” p. 10-14.

<sup>188</sup> Cf. Ferraro, Benedito “Opção pelos pobres no documento de Aparecida,” p. 10-14.

<sup>189</sup> “Lamentavelmente, a face mais conhecida e exuberante da globalização é sua dimensão econômica, que se sobrepõe e condiciona todas as demais dimensões da vida humana. Na globalização, a dinâmica do mercado absolutiza com facilidade a eficiência e a produtividade como valores reguladores de todas as relações humanas. Este peculiar caráter faz da globalização um processo promotor de iniquidades e injustiças múltiplas” (DA, 61).

serviço, que se há de manifestar em opções e gestos visíveis, principalmente na defesa da vida e dos direitos dos mais vulneráveis e excluídos e no permanente acompanhamento de seus esforços por serem sujeitos de mudança e de transformação de sua situação” (DA 394).

Diante da realidade de pobreza em que vive a grande maioria dos jovens latino-americanos e caribenhos, entende-se o valor da opção pelos pobres assumida igualmente pelos jovens (cf. DA 443-446).

Podemos também verificar, à luz da opção pelos pobres, todo o anseio por mudanças que estamos percebendo na América Latina e no Caribe. Os pobres eram invisibilizados, mas hoje estão se fazendo presentes em vários países latino-americanos e caribenhos e indicam a necessidade de mudanças estruturais assim como a possibilidade de um outro mundo possível, para que haja vida abundante para todos os seres humanos e também vida para toda a natureza.

A opção preferencial pelos pobres nos documentos das Conferências dos Bispos Latino Americanos foi uma abertura, e segue sendo, para que a Igreja vivenciasse a opção preferencial pelos pobres e de uma Igreja pobre para os pobres, porém esta realidade não foi levada a diante, ainda hoje se vê Igrejas particulares que negam ou desconhecem e trabalham contra toda realidade que aproxima a Igreja dos vários rostos de excluídas e excluídos que vivem a margem da sociedade e da Igreja.

Quando se retoma estes documentos, acima citados, do magistério Latino Americano vemos neles uma proposta transformadora que é capaz de levar a Igreja a uma realidade onde o Reino de Deus se faz presente no meio do povo.

#### **4. No Magistério do Papa Francisco**

Percebendo que a Igreja se move em uma história onde a história humana pessoal e história da salvação se entrelaçam, é coerente que a Igreja tem a intenção de caminhar entre as pessoas, não como uma instituição de proteção de doutrinas, mas como uma mãe que anda e acompanha seus filhos, solidarizando-se com eles compartilhando suas alegrias, tristezas, triunfos, fracassos e progresso.

Daí se compreende o interesse de indicar o valor da dignidade humana, a preocupação com a comunidade na qual o ser humano se desenvolve e, acima de tudo, as ações

desenvolvidas por elas, em seguida, essas ações podem não ser contra a pessoa, uma vez que suas ações devem ser uma consequência da fé que professam naquele Deus que é constantemente revelado na história.

Em meio a essa perspectiva, tanto a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* como a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* estão sintonizadas, tanto a primeira, que propõe uma nova perspectiva eclesial, onde a partir do humano está tentando justificar a moralidade social, como a segunda, *Evangelii Gaudium*, que à luz desses critérios tem como objetivo retomar esse espírito que marcou o Concílio, que foi um “atualização” da Igreja.

No entanto, quando se tem um olhar mais profundo no pensamento de Francisco, um elemento equivalente pode ser encontrado: a pobreza e os pobres. Não só *Evangelii Gaudium* tem interesse por estas questões, uma vez que todo o ensinamento de Francisco é marcado pelo interesse fundamental nas categorias teológicas pobre e pobreza, também o desejo de Igreja pobre e solidária.

Era necessário fundamentar a fé que era professada em Cristo, pois Ele que era rico se fez pobre e um a mais no meio de todos, era incoerente pensa em uma igreja isolada e condenadora. A partir daí Francisco retoma a questão da pobreza, não mais a partir de um plano sociológica ou econômica (cf. EG 50), mas a partir de um plano teológico, onde fica evidente a intenção de voltar a Jesus Cristo, a este Deus que se fez homem e compartilhou as necessidades e sofrimentos de seu povo.

Na categoria teológica da pobreza, Francisco expressa a necessidade de sair para os lugares que ele chama de periferias existenciais<sup>190</sup>. Lugares desprovidos do amor de Deus e dos homens, lugares onde o indivíduo precisa, não apenas a resposta às suas necessidades materiais, mas também uma resposta às suas necessidades interiores e espirituais.

Nestas duas categorias teológicas, expressas na *Evangelii Gaudium*, o Papa expressa a necessidade de renovação eclesial, isto é, retomar interesse em defender o valor da dignidade humana, interesse e preocupação para com comunidade em que atua o ser humano

---

<sup>190</sup> Cf. Francisco, “Encontro com o clero, os consagrados e os membros dos conselhos pastorais,” em 04 de outubro de 2013.

e logicamente as ações que são realizadas nesta comunidade, sob a lógica de uma igreja pobre e para os pobres.

#### **4.1 A pobreza como categoria teológica em Francisco<sup>191</sup>.**

Aos poucos dias depois de ser eleito como bispo de Roma, Francisco se manifestava publicamente aos participantes do encontro dos meios de comunicação o desejo de ter uma Igreja pobre para os pobres<sup>192</sup>. Esta proposta foi colocada em prática na *Evangelii Gaudium* 198, e para Francisco isto não era somente uma proposta, pois fez uma reflexão muito profunda sobre o tema, e diz claramente que a pobreza não somente um problema social, mas é uma categoria teológica:

Para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica. Deus «manifesta a sua misericórdia antes de mais» a eles. Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos, chamados a possuírem os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus (Fl 2, 5). Inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma opção pelos pobres, entendida como uma «forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja (EG 198).

“No coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres” (EG 197<sup>193</sup>) e “esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cristãos” (EG 198) e do

---

<sup>191</sup> Segundo Gustavo Gutierrez no livro *Igreja pobre e para os pobres* “lugares teológicos se trata de um aporte decisivo para a metodologia teológica de Mechor Cano, teólogo da Escola de Salamanca. A nova valorização da história humana, em sua época, no século XVI, na dica longe da realidade atual sobre o lugar teológico. Cano tenta ter em conta este feito e propõe de maneira sistemática, e talvez com certa rigidez, o que chama de lugares teológicos, os vê como fontes que alimentam a maneira do reflexionar teológico. Cano fala de dez lugares teológicos, sendo que a Sagrada Escritura e a Tradição são os fundamentais e o ponto de partida; entre os outros oito estão a vida da Igreja e seu Magistério, assim como a história humana. Mantendo o caráter de fonte, existem tendências atuais que considera que o lugar teológico é também um lugar eclesial e social do qual se elabora o discurso sobre a fé. O que da fundamento a esta função, incluindo os matizes mencionados, é o dado bíblico da presença de Deus na história”.

<sup>192</sup> Cf. Francisco, “discurso aos representantes dos meios de comunicação” em 10 de março de 2013.

<sup>193</sup> “No coração de Deus, ocupam lugar preferencial os pobres, tanto que até Ele mesmo «Se fez pobre» (2 Cor 8, 9). Todo o caminho da nossa redenção está assinalado pelos pobres. Esta salvação veio a nós, através do «sim» duma jovem humilde, duma pequena povoação perdida na periferia dum grande império. O Salvador nasceu num presépio, entre animais, como sucedia com os filhos dos mais pobres; foi apresentado no Templo, juntamente com dois pombinhos, a oferta de quem não podia permitir-se pagar um cordeiro (cf. Lc 2, 24; Lv 5, 7); cresceu num lar de simples trabalhadores, e trabalhou com suas mãos para ganhar o pão. Quando começou a anunciar o Reino, seguiam-No multidões de deserdados, pondo assim em evidência o que Ele mesmo dissera: «O Espírito do Senhor está sobre Mim, porque Me ungiu para anunciar a Boa No-va aos pobres» (Lc 4, 18). A quantos sentiam o peso do sofrimento, acabrunhados pela pobreza, assegurou que Deus os tinha no âmago do seu coração: «Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus» (Lc 6, 20); e com eles Se identificou: «Tive fome e destes-Me de comer», ensinando que a misericórdia para com eles é a chave do Céu (cf. Mt 25, 34-40)”.

conjunto da Igreja. “Inspirada por tal preferência, a Igreja fez uma opção pelos pobres, entendida como uma forma especial de primado da prática da caridade cristã, testemunhada por toda tradição da Igreja;” uma opção que “está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza” (EG 198). Neste contexto, apresenta e justifica seu desejo de “uma Igreja pobre para os pobres” (EG 198).

Percorrendo vários textos da Escritura e a reflexão da Igreja ao longo dos séculos, particularmente nas últimas décadas, Francisco vai mostrando como “todo o caminho da nossa Redenção está assinalado pelos pobres” (EG 197) e insistindo, a partir daí, na “conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana” (EG 178<sup>194</sup>), bem como no primado ou privilegio dos pobres na ação evangelizadora da Igreja:

Não devem subsistir dúvidas nem explicações que debilitem esta mensagem claríssima. Hoje e sempre, ‘os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho’, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre nossa fé e os pobres (EG 48<sup>195</sup>).

---

<sup>194</sup> ‘Confessar um Pai que ama infinitamente cada ser humano implica descobrir que «assim lhe confere uma dignidade infinita». Confessar que o Filho de Deus assumiu a nossa carne humana significa que cada pessoa humana foi elevada até ao próprio coração de Deus. Confessar que Jesus deu o seu sangue por nós impede-nos de ter qualquer dúvida acerca do amor sem limites que enobrece todo o ser humano. A sua redenção tem um sentido social, porque «Deus, em Cristo, não redime somente a pessoa individual, mas também as relações sociais entre os homens». Confessar que o Espírito Santo atua em todos implica reconhecer que Ele procura permear toda a situação humana e todos os vínculos sociais: «O Espírito Santo possui uma inventiva infinita, própria da mente divina, que sabe prover a desfazer os nós das vicissitudes humanas mais complexas e impenetráveis». A evangelização procura colaborar também com esta ação libertadora do Espírito. O próprio mistério da Trindade nos recorda que somos criados à imagem desta comunhão divina, pelo que não podemos realizar-nos nem salvar-nos sozinhos. A partir do coração do Evangelho, reconhecemos a conexão íntima que existe entre evangelização e promoção humana, que se deve necessariamente exprimir e desenvolver em toda a ação evangelizadora. A aceitação do primeiro anúncio, que convida a deixar-se amar por Deus e a amá-Lo com o amor que Ele mesmo nos comunica, provoca na vida da pessoa e nas suas ações uma primeira e fundamental reação: desejar, procurar e ter a peito o bem dos outros”.

<sup>195</sup> “Se a Igreja inteira assume este dinamismo missionário, há de chegar a todos, sem exceção. Mas, a quem deveria privilegiar? Quando se lê o Evangelho, encontramos uma orientação muito clara: não tanto aos amigos e vizinhos ricos, mas sobretudo aos pobres e aos doentes, àqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos, «àqueles que não têm com que te retribuir» (Lc 14, 14). Não devem subsistir dúvidas nem explicações que debilitem esta mensagem claríssima. Hoje e sempre, «os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho», e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos”.

Ficar “surdo” ao clamor dos pobres, “coloca-nos fora da vontade do Pai e do seu projeto”; “a falta de solidariedade, nas suas necessidades, influi diretamente sobre nossa relação com Deus” (EG 187<sup>196</sup>). E nisso não há dúvidas, titubeio ou meias palavras. A opção pelos pobres pertence ao coração do Evangelho do reinado de Deus e, enquanto tal, ela é constitutiva (e não meramente consecutiva e opcional!) da fé cristã.

Neste sentido, pode-se compreender o fato de Francisco falar, às vezes, simplesmente, de “opção pelos pobres” (EG 195 e 198), sem os receios, os escrúpulos e as ponderações que, em décadas anteriores, se traduziam numa série de adjetivos que, mais que explicitar e precisar seu sentido, terminavam por enfraquecê-la e torná-la irrelevante na vida da Igreja.

E, neste mesmo sentido, pode-se compreender também sua reação contra as tentativas de relativizar e enfraquecer a opção pelos pobres. É uma mensagem tão clara, tão direta, tão simples e eloquente que nenhuma hermenêutica eclesial tem o direito de relativizá-la. A reflexão da Igreja sobre estes textos não deveria ofuscar nem enfraquecer seu sentido exortativo, mas antes ajudar a assumi-los com coragem e ardor. Para que complicar o que é tão simples? As elaborações conceituais hão de favorecer o contato com a realidade que pretendem explicar, e não nos afastar dela. Isso vale, sobretudo, para as exortações bíblicas que convidam, com tanta determinação, ao amor fraterno, ao serviço humilde e generoso, à justiça, à misericórdia para com o pobre (EG 194<sup>197</sup>).

---

<sup>196</sup> “Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo. Basta percorrer as Escrituras, para descobrir como o Pai bom quer ouvir o clamor dos pobres: «Eu bem vi a opressão do meu povo que está no Egito, e ouvi o seu clamor diante dos seus inspetores; conheço, na verdade, os seus sofrimentos. Desci a fim de os libertar (...). E agora, vai; Eu te envio...» (Ex 3, 7-8.10). E Ele mostra-Se solícito com as suas necessidades: «Os filhos de Israel clamaram, então, ao Senhor, e o Senhor enviou-lhes um salvador» (Jz 3, 15). Ficar surdo a este clamor, quando somos os instrumentos de Deus para ouvir o pobre, coloca-nos fora da vontade do Pai e do seu projeto, porque esse pobre «clamaria ao Senhor contra ti, e aquilo tornar-se-ia para ti um pecado» (Dt 15, 9). E a falta de solidariedade, nas suas necessidades, influi diretamente sobre a nossa relação com Deus: «Se te amaldiçoa na amargura da sua alma, Aquele que o criou ouvirá a sua oração» (Sir 4, 6). Sempre retorna a antiga pergunta: «Se alguém possuir bens deste mundo e, vendo o seu irmão com necessidade, lhe fechar o seu coração, como é que o amor de Deus pode permanecer nele?» (1 Jo 3, 17). Lembremos também com quanta convicção o Apóstolo São Tiago retomava a imagem do clamor dos oprimidos: «Olhai que o salário que não pagastes, aos trabalhadores que ceifaram os vossos campos, está a clamar; e os clamores dos ceifeiros chegaram aos ouvidos do Senhor do universo» (5, 4)”.

<sup>197</sup> “É uma mensagem tão clara, tão direta, tão simples e eloquente que nenhuma hermenêutica eclesial tem o direito de relativizar. A reflexão da Igreja sobre estes textos não deveria ofuscar nem enfraquecer o seu sentido exortativo, mas antes ajudar a assumi-los com coragem e ardor. Para quê complicar o que é tão simples?”

Continua tendo “uma grande atualidade” o “critério-chave de autenticidade” eclesial indicado pelo chamado Concílio de Jerusalém: não esquecer os pobres (Gl 2,10). Se há “um sinal que nunca deve faltar” entre nós, é “a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora” (EG 195). Aqui se joga e se mede a autenticidade, a fidelidade e a credibilidade evangélicas da Igreja<sup>198</sup>.

Na mesma linha está a proposta do Papa Francisco na bula *Misericordiae Vultus*, seguindo a Paulo VI, mostra necessidade de a Igreja ser servidora do ser humanos em todas as suas necessidades:

E, no mesmo horizonte, havia de colocar-se o Beato Paulo VI, que assim falou na conclusão do Concílio: « Desejamos notar que a religião do nosso Concílio foi, antes de mais, a caridade. [...] Aquela antiga história do bom samaritano foi exemplo e norma segundo os quais se orientou o nosso Concílio. [...] Uma outra coisa, julgamos digna de consideração: Toda esta riqueza doutrinal orienta-se apenas a isto: servir o homem, em todas as circunstâncias da sua vida, em todas as suas fraquezas, em todas as suas necessidades<sup>199</sup>.

Um dos critérios que direcionará o Magistério de Francisco é o de uma Igreja Samaritana, que já denota o retorno ao critério antropológico delineado pelo Concílio Vaticano II, critério que manifesta continuidade com este acontecimento eclesial. Para ele a Igreja deve apresentar esta realidade, a de ser samaritana, a Igreja deve ser servidora, isto é, uma Igreja seja aberta para todos e todas, que vai ao encontro do ser humano, não por obrigação, mas sim, no ser humano está o rosto de Deus.

É evidente que o magistério Latino Americano está presente no magistério de Francisco, um evidente exemplo está no documento conclusivo de Puebla<sup>200</sup>, no qual já se

---

As elaborações conceptuais não de favorecer o contato com a realidade que pretendem explicar, e não nos afastar dela. Isto vale sobretudo para as exortações bíblicas que convidam, com tanta determinação, ao amor fraterno, ao serviço humilde e generoso, à justiça, à misericórdia para com o pobre. Jesus ensinou-nos este caminho de reconhecimento do outro, com as suas palavras e com os seus gestos. Para quê ofuscar o que é tão claro? Não nos preocupemos só com não cair em erros doutrinários, mas também com ser fiéis a este caminho luminoso de vida e sabedoria. Porque «é frequente dirigir aos defensores da “ortodoxia” a acusação de passividade, de indulgência ou de cumplicidade culpáveis frente a situações intoleráveis de injustiça e de regimes políticos que mantêm estas situações”.

<sup>198</sup> Cf. Aquino Junior, Francisco, “Uma Igreja pobre e para os pobres: abordagem teológico-pastoral” p. 631-657.

<sup>199</sup> Francisco, Bula *Misericordiae Vultus*, p. 4.

<sup>200</sup> “A evangelização não seria completa se não levasse em consideração a inter-pelação recíproca que, decurso dos tempos, se estabelece entre o Evangelho e a vida concreta, pessoal e social, do homem. Precisamente por isso, a evangelização traz consigo uma mensagem explícita, adaptada às diversas situações e constantemente atualizada, sobre os direitos e deveres de toda pessoas humana, sobre a vida familiar, sem a

manifesta a necessidade de a Igreja está a serviço do ser humanos desde a perspectiva samaritana.

Sobre a Igreja de Samaritana está presente também no documento de Aparecida, quando se menciona que “que iluminados por Cristo, o sofrimento, a injustiça, e a cruz nos interpelam a viver como Igreja Samaritana, recordando que a evangelização vai sempre unida com a promoção humana e a autêntica libertação Cristã” (DA 26). E Aparecida segue mostrando quais os critérios que deve acompanhar a evangelização da Igreja: “Evangelizar a cultura, longe de abandonar a opção preferencial pelos pobres e pelo compromisso com a realidade, nasce do amor apaixonado por Cristo, que acompanha o Povo de Deus na missão de inculturar o Evangelho na história, ardente e infatigável em sua caridade humana” (DA 491).

Levando em consideração o aporte do magistério Latino Americano, Francisco manifesta que dentro do povo de Deus os pobres ocupam um lugar privilegiado, sendo que, que para a Igreja é uma categoria teológica, incluso existência, pois todo ser humano, membro do povo de Deus, esta chamado a ter os mesmo sentimentos desse Deus que se fez carne e se revelo ao ser humano, desta maneira, mostrou a plenitude do seu amor<sup>201</sup>.

Desde ai se compreende o fundamento teológico da pobreza, se compreende o desejo de uma Igreja pobre para os pobres que rompe que com a facilidade do assistencialismo e se converte em uma Igreja que em suas atitudes e em seu estilo de vida se identifica com os pobres, assim como fez Jesus.

---

qual o progresso pessoal é quase impossível (60); sobre a vida em comum na sociedade, sobre a vida internacional, a paz, a justiça e o desenvolvimento; uma mensagem sobre-maneira vigorosa nos nossos dias, ainda, sobre a libertação” (EN 29). “Se a Igreja está presente na defesa ou promoção da dignidade do homem, ela o faz na linha de sua missão que, embora de caráter religioso e não social ou político, não pode deixar de considerar o homem na integridade de seu ser. O Senhor, na parábola do bom samaritano, traçou o modelo da atenção de-vida a todas as necessidades humanas (Lc 10,29s) e declarou que, em última instância, se identificará com os deserdados – enfermos, encarcerados, fa-mintos, solitários – a quem se haja estendido a mão (Mt 25,31s). A Igreja aprendeu dessas e de outras páginas do Evangelho (cf. Mc 6,35-44) que sua missão evangelizadora tem como parte indispensável a ação em prol da justiça e as tarefas de promoção do homem (cf. Documento final do Sínodo dos bispos, outubro de 1971) e que entre evangelização e promoção humana há laços muito fortes de ordem antropológica, teológica e caridade” (cf. EN 31). (João Paulo II, Discurso Inaugural III, 2, p. 199)”. Nota de rodapé do número 1254 do documento de Puebla.

<sup>201</sup> Cf Planellas, Joan, “La Iglesia de los pobres: del Vaticano II al Papa Francisco, p. 1-18.

Deste modo a Igreja muda de visão em relação ao mundo secular, a Igreja passa a ser solidária com a humanidade e não fica parada, quieta e somente escutando as interrogações do mundo atual, ao contrario, busca responder estas interrogações, onde em vez de criar polemicas, gera diálogo, e em vez de conquistas, da testemunho que convence<sup>202</sup>.

Como conclusão pode-se dizer que Francisco considera importante a Igreja sair ao encontro, do que chama de periferias existenciais, onde poderá se observa com clareza a existências das realidades trabalhadas e aprofundada na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*.

#### **4.2 As periferias existenciais como lugar teológico**

Se tivesse que destacar critério para compreender o rumo e os pontos orientadores de um pontificado, se pode realizar o exercício de prestar atenção as expressões que são recorrentes em um pontificado. Francisco tem feito direto o uso da categoria “periferias existenciais,” na qual pode-se compreender como uma chave hermenêutica para compreender seu governo pontifício<sup>203</sup>.

O uso do termo “periferias existencial,” foi usada por Francisco ainda como Cardeal Bergoglio em suas palavras antes do conclave: ““Evangeliza supõe na Igreja a sair de si mesma e ir até as periferias, não só as geográficas, mas também as periferias existenciais: [...] as da dor, as da injustiça, as da ignorância, [...] e de toda miséria”<sup>204</sup>.

Então as denominadas periferias existenciais pelo Papa Francisco são os lugares onde o ser humano está privado do amor de Deus e das pessoas. Estas periferias são uma condição do ser humano atual onde a esquizofrenia entre riqueza e pobreza é magnificada por uma globalização insensível as condições de vida dos homens e mulheres do mundo atual<sup>205</sup>.

Depois de Papa, Francisco expressou pela primeira vez sobre periferia existencial para os movimentos eclesiais na véspera da vigília de pentecostes no ano de 2013:

Não se fechem, por favor! Isto é um perigo: fecharmo-nos na paróquia, com os amigos, no movimento, com aqueles que pensam as mesmas coisas que eu... Sabeis o que sucede? Quando a Igreja se fecha, adocece, fica doente. Imaginai um quarto fechado durante um ano; quando lá entras, cheira a mofo e há muitas coisas que não estão bem. A uma Igreja fechada

---

<sup>202</sup> Cf. Küng, Hans, “¿El concilio olvidado?”, p. 127-138, 132.

<sup>203</sup> Cf. Garcia, Carlos, “Las periferias del Papa Francisco,” 26-30.

<sup>204</sup> Magister, Sandro, “Las últimas palabras de Bergoglio antes del cónclave”.

<sup>205</sup> Cf. Borghessi, Massimo. “Periferias del mundo y de la existencia, la nueva frontera de Francisco”.

sucede o mesmo: é uma Igreja doente. A Igreja deve sair de si mesma. Para onde? Para as periferias existenciais, sejam eles quais forem..., mas sair. Jesus diz-nos: «Ide pelo mundo inteiro! Ide! Pregai! Dai testemunho do Evangelho!» (cf. Mc 16, 15). Entretanto que acontece quando alguém sai de si mesmo? Pode suceder aquilo a que estão sujeitos quantos saem de casa e vão pela estrada: um acidente. Mas eu digo-vos: Prefiro mil vezes uma Igreja acidentada, caída num acidente, que uma Igreja doente por fechamento! Ide para fora, saí! Pensai também nisto que diz o Apocalipse (é uma coisa linda!): Jesus está à porta e chama, chama para entrar no nosso coração (cf. Ap 3, 20)<sup>206</sup>.

Mais adiante na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* o Papa voltar ao tema, no qual vai buscar direcionar seu pastoreio: “[...] prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos” (EG 49).

Desta maneira Francisco na *Evagelli Gaudium* reafirma que a opção pelos pobres, aqueles pobres que se encontram nas periferias existenciais, é uma categoria teológica e não somente sociológica ou política, pois não se pode falar de um cristianismo que tem por opção a fé em Cristo não sinta indiferença frente as carências existenciais dos que os rodeia (EG198).

Segundo Alberto Parra<sup>207</sup> a reflexão teológica de corte profético e libertado não pode se reduzir ou ficar em uma variável, frente a proposta das ciências positivas de reduzi a pobreza a simples categoria econômica, pois pobre e pobreza abarcam perspectivas muito mais complexas e amplas. Para ele pobre é:

- No sentido econômico pobre é o carente de recurso monetários;
- No sentido cultural é o subjugado por mobilidades de vida e expressão aleias a suas;
- No sentido político é o violentado e oprimido pelos poderes abusivos, os injustamente encarcerados, os refugiados;
- No sentido clínico é o enfermo;

---

<sup>206</sup> Francisco, “palavras do santo padre, vigília de pentecostes com os movimentos eclesiais” em 18 de maio de 2013.

<sup>207</sup> Cf. Parra, Alberto, “La Iglesia pobre y de los pobres: la nueva dimensión de la iglesia en la sociedad,” p. 9.

- No sentido psicológico é o alienado, é o estranho de si mesmo;
- No sentido educativo é o analfabeto;
- No sentido étnico é o negro, o índio, o cigano, o latino, a minoria;
- No sentido sexual é o anormal;
- No sentido epidemiológico é o infectado;
- No sentido familiar é o que vice só, o triste, o orfano, o abandonado, a viúva;
- No sentido de gênero é a mulher vitimada e excluída;
- No sentido teológico é o que se fecha para a misericórdia e o amor;
- No sentido religioso é aquele que é violentado em sua consciência e a quem se nega ou pede buscar e encontrar a razão de seu sentido histórico.

“Com e para estes pobres, que possuem em comum o fato de carência real e que estão presentes em todas partes do planeta, é para quem Deus trabalha na história e com quem pactua sua aliança reveladora e salvadora”<sup>208</sup>. E são estes lugares existenciais que a Igreja deve ir ao encontro, sendo que sua preocupação não deve ficar somente no assistencialismo, mas também, preocupar com o todo do ser humano.

Em consequência, se realiza um chamado para se aproximar daqueles que necessitam de Deus e que mesmo o conhecendo atravessam momentos dificuldades. A Igreja sai e leva Cristo a essas periferias existenciais onde paradoxalmente se encontra com o rosto de outros Cristo sofredores e esquecidos, eles os pobres, necessitam do Evangelho, pois eles são o meio mais eficaz para libertar autenticamente os pobres; como afirma Jesus: “ide e contai a João o que viu e ouviu: os cegos vem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a todos eles se anuncia ao Reino dos céus” (Lc 7,22)<sup>209</sup>.

É estas periferias existenciais que o Papa Francisco nos convida a ir quando manifesta que “[...] entretanto o Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro, com a sua presença física que interpela, com o seu sofrimento e suas reivindicações, com a sua alegria contagiosa permanecendo lado a lado” (EG 88).

---

<sup>208</sup> Parra, Alberto, “La Iglesia pobre y de los pobres: la nueva dimensión de la iglesia en la sociedad”, p. 10.

<sup>209</sup> Pérez, Luis, “La Iglesia que sale a las periferias existenciales evangeliza y es evangelizada”.

Desta maneira pode-se ver concretamente a atualização do Vaticano II que abre as portas da Igreja e se preocupa integralmente pela pessoa humana, isto é, com todas suas angustias e tristezas, com todas suas alegrias e conquistas sem deixar de lado o interesse pela comunidade e pelo social (cf. GS 1).

É que ao sair ao encontro dos pobres nas periferias existenciais não se deveria expressar de modo retrógrado, isto é, somente pela lei (cf. EG 101), pois o coração de Deus tem um lugar especial para os pobres, tanto assim que Ele se fez pobre e se identificou com ele quando disse que “teve fome e não me deste de comer” (Mt, 25,35) ensinando que a misericórdia com os pobres é a chave para o céu (cf. EG 197).

Tomando como exemplo São Paulo, Francisco mostra que por mais que possamos ser, muitas vezes, impedidos de evangelizar e de se aproximar de Deus, uma atitude não deve faltar nunca, a opção pelos últimos, esta opção é a base do atuar cristão:

Quando São Paulo foi ter com os Apóstolos em Jerusalém para discernir «se estava a correr ou tinha corrido em vão» (Gal 2, 2), o critério chave de autenticidade que lhe indicaram foi que não se esquecesse dos pobres (cf. Gal 2, 10). Este critério, importante para que as comunidades paulinas não se deixassem arrastar pelo estilo de vida individualista dos pagãos, tem uma grande atualidade no contexto atual em que tende a desenvolver-se um novo paganismo individualista. A própria beleza do Evangelho nem sempre a conseguimos manifestar adequadamente, mas há um sinal que nunca deve faltar: a opção pelos últimos, por aqueles que a sociedade descarta e lança fora (EG 195).

Ao compreender esta passagem, deixa de viver na defensiva, deixa de viver pensando somente em si, sai da lógica capitalista do acumular e ter uma vida egoísta e entra na dinâmica do Reino de Deus que é sair de si e buscar o bem comum, busca vida digna para todos e todas. Com estes escritos não somente emite uma forma de viver interessante onde a experiência de Igreja não se reduz a seguir os preceitos e custodiar o depósito doutrinal, mas viver uma verdadeira experiência de Igreja e sair de si e servir, comunicar a vida e fazer presente o rosto misericordioso de Deus<sup>210</sup>.

Como já foi mencionado anteriormente, as periferias existenciais não são lugares geográficos ou físicos, elas podem ser encontradas na esquina de sua casa, no seu bairro, no

---

<sup>210</sup> Cf. Fernández, Paolo, *La Iglesia del Papa Francisco: Los desafíos desde Evangelii Gaudium*, p. 82-83.

seu grupo de amigos, no seu trabalho, pois estes pobres clamam por atenção não somente em nível material, mas sim integralmente. Ao falar das periferias o Papa Francisco “retoma a dimensão humana em sua integralidade, superando a realidade mais próxima e evidente, passando ao coração humano, cheio de vazios e necessidades, que talvez, como afirmava Santo Agostinho, somente pode saciar-se em encontrar a plenitude com sua presença: me fizestes Senhor para ti e meu coração está inquieto ate que não descanse em ti”<sup>211</sup>.

A retomada de Francisco das categorias teológicas a pobreza periferia existência, além de ser uma retomada do Vaticano II e além de ser um fio condutor do seu ministério é uma nova luz para que a Igreja volte mais para o evangelhos buscando ser uma Igreja em saída e libertadora onde os pobres fazem e parte Igreja e com ela busca uma libertação onde todos e todas possam ter vida e vida em abundância (Jo, 10,10).

### **4.3 Uma Igreja em saída**

No ponto anterior foram trabalhados como propostas inovadoras o retorno as categorias teológicas da “pobreza” e as “periferias existenciais,” dando seguimento a estas propostas importante ir mais adiante pensando um pouco no futuro e na ação concreta da Igreja, para isso importante da um passo adiante com a “Igreja em saída,” mas retomando uma realidade antiga e nova que é ação libertadora com seus fundamento na teologia da libertação, que como diz Gustavo Gutierrez é a pioneira na missão da Igreja.

Despertar a cultura do encontro. Ir às periferias existenciais e geográficas. Abandonar as estruturas pesadas e retrógradas. Sair da própria comodidade. Mostrar o rosto misericordioso de Deus. Anunciar a Alegria do Evangelho. [...] Eis a nova agenda evangelizadora da Igreja proposta pelo Papa Francisco para superar “o pragmatismo cinzento da vida cotidiana da Igreja, no qual aparentemente tudo procede dentro da normalidade, mas na realidade a fé vai-se deteriorando e degenerando na mesquinhez” (EG 83<sup>212</sup>).

Como vimos acima com o Concílio Vaticano II, a Igreja deu um impulso muito grande no sentido de abrir-se às mais diversas realidades carentes de evangelização. O conceito de

---

<sup>211</sup> Velez, Olga Consuelo, “Las periferias geograficas y existenciales: desafio para la teologia,” p. 323.

<sup>212</sup> “Assim se gera a maior ameaça, que «é o pragmatismo cinzento da vida cotidiana da Igreja, no qual aparentemente tudo procede dentro da normalidade, mas na realidade a fé vai-se deteriorando e degenerando na mesquinhez». Desenvolve-se a psicologia do túmulo, que pouco a pouco transforma os cristãos

evangelização também ganhou um desenvolvimento ulterior e foi associado à questão antropológica e cultural. Tratava-se mesmo de procurar nas culturas as sementes do Verbo que aí já estão presentes e levar em conta a realidade de cada povo para que o encontro do Evangelho do Reino com novas realidades produzisse o que Jesus e sua ação produziram no seu tempo: o protagonismo das pessoas por Ele libertadas.

A verdadeira missão supõe movimento semelhante ao de Jesus, isto é, ninguém evangeliza impondo conceitos ou doutrinas, mas anunciando Jesus Cristo e a sua ação libertadora. Nesta perspectiva de sermos Igreja em saída, o Papa Francisco chama o povo de Deus a assumir com ousadia a missão: “Cada cristão e cada comunidade há de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG 20<sup>213</sup>).

Quando o Papa fala de uma Igreja em saída, uma pastoral com chave missionária, ele está falando do próprio sentido de existir da Igreja, da sua essência. Pois, “uma Igreja que não sai, mais cedo ou mais tarde, adoece na atmosfera viciada de seu confinamento”. Sair é, portanto, a única forma de a Igreja não adoecer e manter-se fiel ao mandato do Senhor: “ide, pois, fazei discípulos de todos os povos” (Mt 28, 19).

Dom Helder Câmara já dizia que “missão é partir, caminhar, deixar tudo, sair de si, quebrar a crosta do egoísmo que nos fecha no nosso Eu. É parar de dar volta ao redor de nós mesmos como se fôssemos o centro do mundo e da vida. É não se deixar bloquear nos problemas do pequeno mundo a que pertencemos: A humanidade é maior. Missão é sempre

---

em múmias de museu. Desiludidos com a realidade, com a Igreja ou consigo mesmos, vivem constantemente tentados a apegar-se a uma tristeza melosa, sem esperança, que se apodera do coração como «o mais precioso elixir do demônio». Chamados para iluminar e comunicar vida, acabam por se deixar cativar por coisas que só geram escuridão e cansaço interior e corroem o dinamismo apostólico. Por tudo isto, permiti que insista: Não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização!”.

<sup>213</sup> “Na Palavra de Deus, aparece constante- mente este dinamismo de «saída», que Deus quer provocar nos crentes. Abraão aceitou a chamada para partir rumo a uma nova terra (cf. Gn 12, 1-3). Moisés ouviu a chamada de Deus: «Vai; Eu te envio» (Ex 3, 10), e fez sair o povo para a terra prometida (cf. Ex 3, 17). A Jeremias disse: «Irás aonde Eu te enviar» (Jr 1, 7). Naquele «ide» de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova «saída» missionária. Cada cristão e cada comunidade há-de discernir qual é o caminho que o Senhor lhe pede, mas todos somos convidados a aceitar esta chamada: sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”.

partir, mas não devorar quilômetros. É, sobretudo, abrir-se aos outros como irmãos, descobri-los e encontrá-los. E, se para descobri-los e amá-los, é preciso atravessar os mares e voar lá nos céus, então missão é partir até os confins do mundo<sup>214</sup>”. Mas sair de nosso ambiente seguro e confortável é perigoso. Toda saída traz riscos. Quando saímos ficamos expostos, mostramos nossa beleza, nossa força, mas também aparecem nossas fragilidades. Por isso Francisco não tem medo de repetir, “prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo seu fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG 49<sup>215</sup>).

A missão exige, portanto, envolvimento, diálogo e encarnação:

O Senhor envolve-Se e envolve os seus, pondo-Se de joelhos diante dos outros para lavá-los; mas, logo a seguir, diz aos discípulos: ‘Sereis felizes se o puserdes em prática’ (Jo 13,17). Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até a humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o ‘cheiro de ovelha’, e estas escutam a sua voz” (EG 24).

Francisco diz que Igreja em nossos dias tem a tarefa de tomar consciência de que o destino do Povo de Deus não é diferente do destino de toda a humanidade e de que, portanto, a missão da Igreja consiste em inserir-se no mundo e abrir-se às alegrias e às esperanças, às tristezas e às angústias dos homens e das mulheres de hoje, sobretudo dos pobres e atribulados. Daí a tarefa urgente: reabrir-se ao mundo para exercer o serviço da evangelização. Isto implica uma reconstrução da Igreja a partir do Evangelho e dos últimos deste mundo, uma Igreja que não se deixe seduzir pelo poder e pela riqueza, mas antes esteja

---

<sup>214</sup> Câmara, Helder, Arcebispo de Olinda & Recife, em “O Deserto é Fértil”.

<sup>215</sup> “Saíamos, saíamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! Repito aqui, para toda a Igreja, aquilo que muitas vezes disse aos sacerdotes e aos leigos de Buenos Aires: prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos. Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a foça, a luz e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida. Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: «Dai-lhes vós mesmos de comer» (Mc 6, 37)”.

centrada nos valores evangélicos procurando atuar profeticamente no mundo por sua presença e seu serviço.

Assim, exige-se uma Igreja que seja capaz de escutar a sociedade, de ter sensibilidade para as gigantescas desigualdades sociais, considerar com toda seriedade e sem temor todas as questões que a sociedade levanta, conhecendo e respeitando o ser humano em todas as suas dimensões, mostrando profunda compaixão diante do sofrimento e confrontando-se com as inúmeras formas de injustiça. Os gritos que pedem justiça continuam ainda hoje muito fortes: “[...] não podemos esquecer que a maior parte dos homens e mulheres do nosso tempo vive o seu dia a dia precariamente, com funestas consequências [...] O medo e o desespero apoderam-se do coração de inúmeras pessoas[...].” (EG 52).

Esta é missão que a Igreja de hoje deve assumir, para que possa estar novamente nos caminhos de Cristo e para isso seja realidade importante voltar, como Diz Gustavo Gutierrez, na teologia da libertação que é a pioneira no evangelizar da Igreja.

#### **4.4 Igreja libertadora**

Desde o início de seu ministério petrino, como se pode constatar de numerosos discursos e homilias e, sobretudo, da *Evangelii gaudium*, o Papa Francisco pediu, com eficácia de sinais e de palavras, para ser ajudado a dar rosto a uma Igreja pobre, dos pobres e para os pobres.

Predileção pelos pobres e oprimidos está no centro do anúncio do Reino, trata-se de um aspecto distintivo da fé, visto que se identificou com os pobres de modo impressionante propriamente aquele que é o seu autor e aperfeiçoador, Cristo Jesus. A questão da pobreza permanece um ponto crucial na vida da Igreja. A predileção de Deus pelos pobres, os oprimidos, os desprezados estão no centro do anúncio do Reino, mas a fidelidade dos discípulos de Jesus a esta palavra de seu Senhor foi historicamente uma pedra de tropeço para a comunidade cristã e até nos dias atuais segue sendo uma realidade muito complexa para a Igreja.

Uma Igreja pobre, significa uma Igreja que em sua vida e em seu dinamismo não se compromete com a riqueza e com o poder; significa uma Igreja que está da parte dos pobres e não da parte dos poderosos.

Nos pobres a Igreja reconhece seu Senhor humilhado e sofredor. Os pobres são sacramento do Senhor. Por isso, ela é também o lugar da memória e da dedicação aos pobres, para que a “carne ferida” do Crucificado Ressuscitado não seja esquecida e negligenciada, mas cuidada e protegida. O cuidado com os pobres revela o rosto de uma Igreja “santa”, não distraída e atarefada.

Esta Igreja citada acima é a Igreja que tem anunciado por todos os cantos o Papa Francisco, mas para concretizar esta proposta do Papa é necessário retoma a teologia da libertação que foi a pioneira na América Latina em colocar em prática a missão da Igreja, este Igreja que liberta e se aproxima dos pobres e é para os pobres, que hoje é uma proposta que deve ser retomada pela Igreja universal.

Para falar de teologia da libertação importante saber o que é e o que não é Teologia de Libertação.

Muitas vezes a teologia da libertação foi equivocadamente comparada com um sistema político, de modo especial com o Marxismo, pois sempre lutou contra o sistema vigente, o capitalismo.<sup>216</sup> Para Gustavo Gutierrez é justamente o contrário, pois a Teologia da Libertação não é um sistema político e muito menos tem seu fundamento em um sistema político, pois o que “distingue fundamentalmente a teologia da libertação do marxismo e do capitalismo é justamente o que o une interiormente os dois sistemas, por oposto que sejam: uma imagem do homem e uma concepção da sociedade na qual não permite que Deus, Jesus e o evangelho desempenhem papel algum para a humanização do homem no sentido individual e social”<sup>217</sup>.

“A teologia da libertação significa crer em Deus como um Deus da vida e garante uma salvação da pessoa humana entendida de forma integral e resistir os ídolos que significam morte prematura, pobreza, pauperização e degradação do ser humanos”<sup>218</sup>.

---

<sup>216</sup> Explica Gustavo Gutierrez diz que “Capitalismo na América Latina representa o desejo excessivo de riqueza pessoal elevado a categoria de princípio único de ação humana. Este tipo de capitalismo não tem nada haver com um sistema de empresa onde os homens aportam seus trabalhos e suas capacidades ao funcionamento de uma economia social de mercado no contexto de um estado de direito democraticamente constituído.” Citação do livro Igreja pobres para os pobres na página 43 escreve que.

<sup>217</sup> Gutierrez, Gustavo, “La teología de la liberación hoy,” p. 43.

<sup>218</sup> Gutierrez, Gustavo, “La teología de la liberación hoy,” p. 44.

Como vimos acima na *evangelii Gaudium* e muitos discurso do Papa Francisco pode-se afirmar que a teologia libertação é uma fonte da qual se alimenta o Papa Francisco, pois a “teologia da libertação que esboçada por Gustavo Gutierrez não é uma sociologia revestida de teologia: é teologia no sentido estrito. Não predica a luta de classe, senão a superação do antagonismo existente entre as classes e grupos de poder, de racismo, de onde provem a miséria o atentado a dignidade humana de grande parte da humanidade”<sup>219</sup>.

E segue dizendo Gutierrez a missão e o fundamento da Igreja libertadora, fundamento este, que prega hoje o Papa Francisco:

O fundamento é a fé de que Deus criou o homem a sua imagem e de que, seu Filho Jesus Cristo, se comprometeu pelo ser humano até assumir a morte a que os adversários condenaram a Jesus. O objetivo é fazer Deus reconhecido em todas as dimensões da vida humana com o Deus da vida e vencedor da morte. Teologia da libertação esta contra todos os dualismos que querem colocar Deus fora da realidade e reduzir a salvação como algo meramente interior. O ser humano se encontra na tensão interior de ser interpelado por Deus na criação, na história de salvação, e esperada mais adiante dos limites da morte individual e do fim universal da história. A fé cristã significa participar com entendimento e ação no processo de transformação da história que Deus inaugurou definitivamente no atuar salvífico de Jesus Cristo como movimento até Ele<sup>220</sup>.

Vendo a realidade eclesial nos tempos hodiernos importante retomar a antiga e nova compreensão de Igreja que já pregava o Vaticano II que foi reafirmada nas conferencias gerais do episcopado latino americano e agora mais uma vez o Papa Francisco vem colocando em tona, com o intuito de tornar a igreja mais libertadora e pobre para os pobres. Uma Igreja que tenha um verdadeiro fundamento da tradição, tradição que diz que todos “os leigos, homens e mulheres, sacerdotes, catequistas, religiosos se sintam como portadores da missão integral da Igreja. [...] a Igreja não é somente para o povo, nem tão pouco igreja do povo, mas sim a igreja é povo de Deus, esta no seio dos povos e a partir dos povos da terra”<sup>221</sup>.

Esta Igreja libertadora que retoma o Papa Francisco não pode ser uma Igreja que fica somente na teoria, Igreja se “trata de uma encarnação em práticas existenciais e sociais,

---

<sup>219</sup> Gutierrez, Gustavo, “La teologia de la liberación hoy,” p. 54.

<sup>220</sup> Gutierrez, Gustavo, “La teologia de la liberación hoy,” p. 54.

<sup>221</sup> Müller, Ludwig Gerhard, *del lado de los pobres*, p. 34.

inclusive estruturais, que torna realidade a encanação do evangelho e a revolução da ternura (EG 88)”<sup>222</sup>.

“Não é o Papa, mas o Evangelho que nos pede – e o Espírito de Deus nos pressiona amorosamente – a voltar ao amor primeiro, a simplicidade evangélica, a santidade de vida e retornar as origens da Igreja. Isso implica em nos colocar ao pé da cruz e dos crucificados, manter fixo os olhos no Senhor”<sup>223</sup>.

Como se viu acima a Igreja tem em sua missão o dever de sair de ir ao encontro dos mais pobres, dos excluídos e excluídas da sociedade, de chegar nas periferias existenciais e geográficas e com estes, busca uma sociedade mais justa e fraterna.

Importante que a Igreja vai na realidade das mulheres, que morrem por femicídio, por aborto mal feitos, mulheres que são excluídas da sociedade e da Igreja simplesmente por ser mulheres, mulheres que tem seus direitos negados, no trabalho tem salários inferiores aos dos homens. Importante que a Igreja defenda a vida desde a concepção até a morte natural, não dividindo a vida em etapas, mas defender a vida em sua totalidade. Abrir espaço para a mulher na Igreja para que seja protagonista na ação evangelizadora não simplesmente como alguém que ajuda nas coisas praticas da Igreja.

Importante também a igreja ir até as comunidades tradicionais buscando a defesa dos índios, dos negros, ciganos e varias comunidades que tem sua cultura desrespeitada e muitas vezes são tirados de suas terras para beneficio do agronegócio, das mineradoras e muitos deles perdem o direito de ir vir e permanecer como são o caso do povo ciganos.

Que a Igreja acolha e ajuda os idosos a viver com dignidades e que não fiquem as margens da sociedade, pois já não produzem, a partir do ponto de vista do mercado, mas sejam acolhidas como fonte de sabedoria e de amor.

A Igreja deve estar presente junto aos migrantes respeitando o direito de migrar e a Igreja como mãe deve acolher e conscientizar os católicos de acolher e de dar oportunidade para que os migrantes tenham sua dignidade resgatada.

---

<sup>222</sup> Scannone, Juan Carlos, *La teología del pueblo, raíces teológicas del papa Francisco*, p. 217.

<sup>223</sup> Bernabé, José Luiz Segovia y Gozalo, Luiz Aranguren, *No te olvides de los pobres, notas para apuntar un giro social de la Iglesia*, p.155.

A Igreja que acolhe a pessoa com sua orientação sexual, uma Igreja que permite que as pessoas se relacionem com Deus em sua consciência sem tentar manipula-las, deixando que a pessoa humana seja protagonista de suas decisões e possa sentir este amor ilimitado que Deus tem para cada ser humano.

Importante que a Igreja esteja presente nos bairros pobres das grandes cidades, no campo ajudando o camponês a ganhar sua libertação e ser protagonista e tenha seu trabalho valorizado e juntos trabalhem para uma reforma agrária onde todos tenham acesso à terra para que possam tirar daí o seu sustento e de sua família e que a terra não fique nas mãos de poucos latifundiários que oprimem e escravizam os moradores do campo.

Importante que a Igreja tenha verdadeiros pastores, não simplesmente funcionários da Igreja e administradores de sacramentos, mas que os padres e bispos, como diz o Papa Francisco tenham cheiro das ovelhas e não sejam homens de gabinetes, mas que vão ao encontro das ovelhas que estão à margem e nas periferias.

Uma igreja que não sai, uma igreja que não tem uma ação libertadora é uma Igreja que deve repensar sua missão pois esta, com certeza, longe da missão profética da igreja que tem a missão de “anunciar a boa nova aos pobres, curar os quebrantados de coração e proclamar a liberdade dos cativos, a libertação dos que estão presos” (Is 61, 1).

### **Conclusão**

Antes do Vaticano tinha-se uma Igreja fechada em si mesma, uma Igreja que necessitava de abertura para que se renovasse e voltasse para o caminho do evangelho.

Foi neste sentido que o João XXIII anunciou o Concílio do Vaticano II no qual anunciou a necessidade de uma “Igreja pobre para os pobres,” tema este que tinha todo seu fundamento nos chamados grupos Igreja dos pobres, dos quais vemos como fruto o pacto das catacumbas e a influência em vários documentos do Vaticano II como LG 8 e AG 5, que falam diretamente de uma Igreja pobre para os pobres.

No Magistério Latino Americano, de Medellín a Aparecida, os temas Igreja pobres para os pobres e opção preferencial pelos pobres, estão como uma atualização e o colocar em prática do Vaticano II.

Francisco busca retoma esta temática em seus documentos, de modo especial em EG, onde mostra a necessidade de uma Igreja que esteja sempre em saída para se aproximar das periferias geográficas e existenciais, que para ele é uma categoria teológica e não é somente uma realidade socioeconômica.

Com a proposta de João XXII, o Vaticano II e o Magistério Latino Americano e o resgate destas propostas por parte do Papa Francisco e com suas novas metas em seu pontificado chega-se a conclusão da necessidade da Igreja sair em missão, pois uma missão libertadora que ajudar o povo de Deus no seu processo de libertação para que vivam com dignidade, como a muito vem sendo pregado pela teologia da libertação.

## CONCLUSÃO GERAL

A pobreza sempre foi um problema na realidade humana, e nos dias atuais não é diferente, pode-se ver a partir do primeiro capítulo deste trabalho com a análise de conjuntura que foi realizada.

Diante dos vários tipos de pobreza importante busca uma resposta por parte da Igreja, reposta está, que já vem sendo trabalhada a mais de 50 anos, porém parte da Igreja não tem levado em consideração e segue, como que, deixando de lado esta realidade que, como foi visto nos capítulos acima, é uma realidade importante para Cristo e deveria ser para a Igreja.

A questão da Igreja Pobre para os pobres é uma resposta antiga e atual para as realidades de pobreza em todos os seus âmbitos.

Começando pela realidade socioeconômica, cultural política, desde o tempo de Jesus, onde busca está presente juntos dos pobres, dos excluídos e excluídas do seu tempo, das viúvas, dos enfermos e de outros mais, sempre buscando a libertação deste povo e mostrando a necessidade de que todos são responsáveis pelo cuidado destas pessoas e criticando firmemente os poderes que excluem e matavam e não cuidava dos esquecidos, mostrando que passar pelos pobres é o caminho para se chegar ao céu, (cf. Mt 25,). Jesus mostra o caminho que a Igreja deve seguir para na Evangelização que é a libertação do povo, de modo especial que estão escravizados pelos sistemas econômicos que nega o direito da pessoa humana de ter vida e vida em abundância.

Os Padres da Igreja tiveram não só uma percepção dos problemas sociais que encontravam em suas comunidades e na sociedade imperial, mas realizaram algo em vista da mudança da vida daqueles povos. Eles tinham como ponto fundamental a palavra de Deus e o paradigma de Jesus Cristo, o Salvador da humanidade, a sua atuação em favor de todos, mas sobretudo dos pobres.

Dessa forma, os Padres da Igreja procuraram estar ao lado dos que mais sofrem, dos últimos da sociedade, buscando alternativas de transformação da realidade, reforçando a conversão das pessoas e autoridades.

A Doutrina Social da Igreja tem mostrados caminhos para que a Igreja possa percorrer na defesa dos pobres e da necessidade de estar junto com eles em suas lutas, isso podemos perceber nos vários documentos dos Papas:

Leão XIII (1878-1903), na *Rerum Novarum* (1891), denunciou as condições miseráveis em que vivia a classe operária, protagonista da revolução industrial. Pio XI (1922-1939), na *Quadragesimo Anno* (1931), amplia a doutrina social cristã. Aborda o difícil tema do totalitarismo, encarnado nos regimes fascista, comunista, socialista e nazista.

Pio XII (1939-1958), papa durante a guerra e o pós-guerra, focaliza a atenção nos “sinais dos tempos”. Ainda que não tenha publicado uma encíclica social, em seus numerosos discursos há uma imensa variedade de ensinamentos políticos, jurídicos, sociais e econômicos.

João XXIII (1958-1963), na *Mater et Magistra* (1961) e na *Pacem in Terris* (1963), abre a doutrina social “a todos os homens de boa vontade” e, assim, a questão social se torna um tema universal que afeta e é responsabilidade de todos os homens e povos. Com a Constituição pastoral *Gaudium et spes* (1965), o Concílio Vaticano II sublinha o rosto de uma Igreja realmente solidária com o gênero humano e sua história. Já na declaração *Dignitatis humanae* (1965), o Concílio enfatiza o direito à liberdade religiosa. Paulo VI (1963-1978), na *Populorum Progressio* (1967) e na *Octogesima adveniens* (1971), afirma que o desenvolvimento “é o novo nome da paz” entre os povos. Ele cria o Pontifício Conselho “Justiça e Paz”.

João Paulo II (1978-2005) compromete-se na difusão do ensinamento social em todos os continentes. Escreve três encíclicas sociais: *Laborem Exercens* (1981), *Sollicitudo Rei Socialis* (1987) e *Centesimus Annum* (1991). Além disso, o Compêndio da Doutrina Social da Igreja (2004) leva a sua assinatura apostólica.

Bento XVI (2005), em sua encíclica social *Caritas in veritate* (2009), defende o desenvolvimento integral da pessoa pautado caridade e na verdade.

O Papa Francisco conheceu na Argentina a “Teologia do Povo”, que surgiu na mesma época da Teologia da Libertação (TL). No Seminário ocorrido em 1973, no Instituto de Teologia em Petrópolis, participaram, dentre outros teólogos, o peruano Gustavo Gutierrez e

o argentino Lucio Gera, principal teólogo da chamada “Teologia do Povo”. Esta teologia se diferenciava da TL por não utilizar o método marxista na análise da realidade, privilegiando mais a análise sociocultural do que a sócio-estrutural. Além disso, valoriza a piedade popular como forma da inculturação da fé cristã, o povo como sujeito histórico-cultural e a opção pelos pobres<sup>224</sup>. Os referenciais da Doutrina Social do Papa Francisco são: A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG – A alegria do Evangelho), especialmente em seu capítulo IV: “A dimensão social do querigma”; O discurso aos movimentos populares em Santa Cruz (Bolívia); A Encíclica social *Laudato Si*” (Louvado Sejas).

A Igreja em Sua Doutrina Social tem um caminho que deve ser seguido para uma boa pastoral social que ajuda e se compromete os pobres em suas lutas por direitos e dignidade.

Nesta parte social vemos que a Igreja tem todo um caminho de defesa dos pobres, o que falta é vontade de muitos membros da Igreja, de modo especial, os bispos, que são responsáveis pelas Igrejas particulares, de colocar esta ação como prioridade e não se afastar das propostas da Igreja e do Evangelhos.

Do ponto de vista eclesial a Igreja pobre está bem longe da realidade que a muito tempo foi proposta e hoje vem sendo retomada pelo Papa Francisco.

Como foi visto no segundo capítulo o Papa João XXIII já fazia este pedido na mensagem radiofônica que antecedia o Concílio Vaticano II, foi bem refletida pelo “grupo Igreja dos pobres” e daí saiu uma boa reflexão que ajudou muito em alguns documentos do Vaticano II, como por exemplo em LG 8 e AG 3, onde fala diretamente de uma Igreja pobre para os pobres e da necessidade de que a Igreja deve cumprir sua missão a partir da perspectiva dos pobres.

Nos dias atuais o Papa Francisco vem retomando todos estes documentos e propostas com intuito de colocar a Igreja mais próxima do Evangelho e dos excluídos e excluídas que estão nas periferias geográficas e existenciais. Para isso propões dois pontos importantes: Igreja em saída, que vai encontro destas realidades geográficas e existenciais e também uma Igreja libertadora, que buscar unir-se aos abandonados e abandonadas em suas lutas por seus direitos.

---

<sup>224</sup> Cf. Scannone, Juan Carlos, “A teologia do povo. Entrevista com Juan Carlos Scannone”.

O Magistério Latino Americano segue nesta mesma linha, de modo especial Medellín, onde fica claro a implantação do Vaticano II em nosso continente, mostrando a necessidade da Igreja ser uma Igreja libertadora, as outras conferências vão nesta mesma linha, buscando ser uma Igreja missionária que seja imitadora do mestre que “rico se fez pobre” para valorizar e mostrar quem são os prediletos de Deus.

Concluindo, analisando a realidade pode-se chegar a conclusão que a Igreja sempre buscou e busca está junto dos pobres, para poder vivenciar esta experiência já proposta por Jesus, o problema, no meu ver, esta em quem tem o poder de fazer acontecer para que a Igreja seja pobre para os pobres.

Percebo que parte de membros da Igreja estão muito mais preocupados com o poder, com o estatus, com a parte financeira do que com as propostas do Evangelho.

Necessitamos de uma Igreja mais profética que denuncia as injustiças sócias, a xenofobia, a homofobia, femicídio, o trabalho escravo, a discriminação racial.

Precisamos de uma Igreja que acolhe o homem e a mulher em situação de rua, que acolhe os enfermos, de modo especial os portadores de HIV, que acolhe os idosos que estão abandonados, que acolhe os viciados em drogas, tanto ilícita como as lícitas e acolhe as mulheres que por algum motivo cometeram aborto.

A Igreja precisa pensar também, na realidade das mulheres, abrindo espaço para seu protagonismo e não deixar que seguem como se fosse cristã de segunda categoria. É hora de pensar nas mulheres que muitas vezes são obrigadas a ir em clinicas clandestinas para realizar aborto e muitas pelo aborto mal feito acabando perdendo a própria vida, por isso é importante defender a vida em sua totalidade e não somente em alguns momento, que muitas vezes são feitos para defender uma posição ideológica e não pensando no bem do ser humano que é imagem e semelhança de Deus.

Acredito que este é o momento de a Igreja sair e ir até as periferias geográficas e existenciais e se encontrar novamente com Jesus e o Evangelho.

Importante frisar que apesar de em sua maioria não tem assumido esta realidade de uma Igreja libertadora e pobre para os pobres, importante dar méritos a muitos que buscaram e buscaram viver esta experiência, mesmo nadando contra a maré.

Creio que esta bem o que está fazendo o Papa Francisco, resgatando tudo que já foi falado e trabalhado em relação a uma Igreja pobre para os pobres para que possamos abrir os olhos e saber ler os sinais dos tempos e não ficarmos fechados em nossos templos como se fossemos príncipes e reis.

Como a muito já cantava padre Zezinho é importante acreditar em uma religião libertadora, Igreja esta, cheia de profetas e pastores, que como diz o Papa Francisco tem cheiro das ovelhas:

### **Religião Libertadora - Padre Zezinho**

È por causa do meu povo machucado que acredito em religião libertadora!

É por causa de Jesus ressuscitado que acredito em religião libertadora!

É por causa dos profetas que anunciam  
Que batizam, que organizam, denunciam  
É por causa de quem sofre a dor do povo  
É por causa de quem morre sem matar

É por causa dos pequenos e oprimidos  
Dos seus sonhos, dos seus ais, dos seus gemidos  
É por causa do meu povo injustiçado  
Das ovelhas sem rebanho e sem pastor

É por causa do profeta que se cala  
Mas até com seu silêncio grita e fala  
É por causa de um Jesus que anunciava  
Mas também gritava aos grandes: ai de vós

É por causa do fez João Batista  
Que arriscou, mas preparou a tua vinda  
É por causa de milhões de testemunhas  
Que apostaram suas vidas no amor

## BIBLIOGRAFIA

Abogunrin, Samuel Oluwachegoon, “Lucas” *Comentário Bíblico Internacional, Verbo Divino*, Navarra, 2003, p. 1256.

Adams, José Rodrigo Barth, Pfeifer Mariana, “Notas acerca da hegemonia do capital financeiro,” [www.joinpp.ufma.br](http://www.joinpp.ufma.br), 28 de agosto de 2017, [http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos/EixoTematicoA/e0f5fbf79e47c76f03ffRodrigo\\_Mariana.pdf](http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinppIII/html/Trabalhos/EixoTematicoA/e0f5fbf79e47c76f03ffRodrigo_Mariana.pdf) . p. 1-7, [consultado 12 de junho de 2017].

Alejandro, Clemente de, *El pedagogo*, Gredos, Madrid, 1998.

Alessandri, Hernán. *O futuro de Puebla: repercussão social e eclesial*, São Paulo, Paulinas, 1982.

Aquino Junior, Francisco, “50 anos de Medellín – 5 anos de Francisco: perspectivas teológico-pastorais,” em *Perspectiva Teológica*, V. 50, 1[2018], p. 41-58.

Aquino Junior, Francisco, “Uma Igreja pobre e para os pobres: abordagem teológico-pastoral,” em *Pistis Prax.*, v. 8, n. 3, [2016], p. 631-657.

Banco Mundial, “Contexto da pobreza mundial”, *Bancomundial.org*. 07 de outubro de 2015. <http://www.bancomundial.org/es/topic/poverty/overview> [consultado em 18 de janeiro de 2018].

Banco Mundial, *América Latina indígena no século XXI*, Washington, DC, Banco Mundial, 2015.

Banco Mundial, *Relatório sobre o desenvolvimento humano 2001/2001*, Washington, Oxford University Press, 2000.

Bastante, Jesus, “Claudio Hummes: ¿Las críticas al Papa?” [periodistadigital.com](http://periodistadigital.com) 25 de novembro de 2016, <https://www.periodistadigital.com/religion/solidaridad/2016/11/25/claudio-hummes-las->

[criticas-al-papa-son-solo-cuatro-cardenales-todo-el-colegio-cardenalicio-esta-con-el-religion-iglesia-vaticano-medio-ambiente-laudato-enlazate-trump.shtml](#) [consultado 19 de fevereiro de 2018].

Bauman, Zigmunt, *Vidas despedaçadas*, Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

Bento XVI, “Audiência geral sobre Basílio Magno,” vatican.com 4 de julho de 2007, [https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20070704.html](https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070704.html) [consultado 10 de maio de 2018].

Bento XVI, “Audiência geral sobre São João Crisóstomo,” vatican.com 19 de setembro de 2007, [https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf\\_ben-xvi\\_aud\\_20070919.html](https://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/audiences/2007/documents/hf_ben-xvi_aud_20070919.html) [consultado 20 de junho 2018].

Bento XVI. “Discurso na sessão inaugural da V Conferência-Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe,” em, *Las cinco Conferencias Generales del Episcopado Latinoamericano*, Bogotá, CELAM, 2014.

Beozzo, José Oscar, *A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo*, Petrópolis, Vozes, 1993.

Beozzo, José Oscar, *Pacto das catacumbas: por uma igreja servidora e pobre*, São Paulo, Paulinas, 2015.

Beozzo, Oscar José, *O Vaticano II e Igreja Latino-Americana*. São Paulo, Paulinas, 1985.

Blunda, Jorge “*La opción preferencial por los pobres*”, em: Levoratti, Armando (Ed.), *Comentario Bíblico Latinoamericano. Antiguo Testamento, Pentateuco y texto narrativos*, vol. 1, Verbo Divino, Estella, 2005.

Boff, Clodovis. “Originalidade histórica de Medellín,” em *Convergência*, 317 [1998], p. 568-576.

Boff, Leonardo, “Será a primavera depois de um duro inverno. Entrevista com Leonardo Boff.” ihu.unisinos.br 17 de março de 2013, <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/522076-a-teologia-do-povo-entrevista-com-juan-carlos-scannone%20> [consultado 20 de julho de 2018].

Bonduki Nabil, e Rolnik Raquel, “Periferia da Grande São Paulo: Reprodução do Espaço como Expediente de Reprodução da Força de Trabalho”. em Maricato, Ermínia (Org.). *A Produção Capitalista da Casa e da Cidade no Brasil Industrial*. São Paulo, Alfa e Omega, 1982.

Borghessi, Massimo, “Periferias del mundo y de la existencia, la nueva frontera de Francisco,” 27 de março de 2014 [http://www.paginasdigital.es/v\\_portal/informacion/informacionver.asp?cod=5937&te=21&idage=11084](http://www.paginasdigital.es/v_portal/informacion/informacionver.asp?cod=5937&te=21&idage=11084) [consultado dia 02 de setembro de 2018].

Brighenti, Agenor, “A opção pelos Pobres e a urgência da Missão. 40 anos de Medellín,” cefp.org.br, 15/11/2009 <http://www.cefep.org.br/a-opcao-pelos-pobres-e-a-urgencia-da-missao-40-anos-de-medellin/> [consultado dia 23 de agosto de 2018].

Brighenti, Agenor, “Critérios para a leitura do Documento de Aparecida o pre-texto, o con-texto e o texto,” em *Convergência*, 404 [2007], p.333-353.

Brighenti, Agenor, *A desafiante proposta de Aparecida*, São Paulo, Paulinas, 2007.

Buvinić, Mayra; Mazza, Jacqueline; Deutsch, Ruthanne (Eds), em *Inclusão social e desenvolvimento econômico na América*, Rio de Janeiro, Elsevier, 2004.

Câmara, Helder, Arcebispo de Olinda & Recife, em “O Deserto é Fértil”. Recuperado em <https://www.luso-poemas.net/modules/news/article.php?storyid=137903> © Luso-Poemas.

Carta enviada ao Papa Francisco pelos cardeais Walter Brandmüller e Joachim Meisner, Carlo Cafarra, e Raymond Burke, questionando alguns pontos do capítulo 8 da

exortação apostólica *Amoris Laetitia*,” *acidigital.com*, 14 de novembro de 2016, <https://www.acidigital.com/noticias/4-cardeais-pedem-ao-papa-francisco-que-esclareca-alguns-pontos-da-amoris-laetitia-13357>, [consultado em 15 de maio de 2018].

Castro, Regis Andrade, “Política e pobreza no Brasil,” em *Lua Nova* 19 (1989), p. 107-121.

Catão, Francisco, *Santo Domingo – Significação e Silêncios*, São Paulo, Paulinas, 1993.

Centro Bíblico Verbo “Caminho aberto para o próximo: introdução ao evangelho de Lucas” em *Vida Pastoral* n. 286 (2013), p.3-11.

Centro Bíblico Verbo “Permaneçei no meu amor para dar muitos frutos (Jo 15,8-9): introdução ao Evangelho de João” em *Vida Pastoral* n. 305 [2015], p.3-12.

Christophe, Paul, *Para leer la historia de la pobreza*, Navarra, Verbo Divino, 1989.

Coenen Lothar, “Pobre” em Coenen, Lothar, Beyreuther, Erich Bietenhard Hans (Eds) *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento*, Sígueme, Salamanca, 1999, p. 380-381.

Comblin, José, *Os desafios da cidade no século XXI*, São Paulo, Paulus, 2002, p. 19.

Comblin, José, *Vocação para a liberdade*, São Paulo, Paulus, 2005, p. 203.

Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), *Panorama Social de América Latina*, Santiago, 2001, p.12.

Comisión Económica para América Latina y el Caribe (CEPAL), *Panorama Social de América Latina*, Santiago, 2017, p. 39-47, 88, 248-249.

Consejo Episcopal Latinoamericano, *Celam, Las cinco Conferencias Generales del Episcopado Latinoamericano*, Celam, Bogota, 2014.

Coppes, Leonard, “Pobre” em Harris, Loird, Archer Gleason, Waltke, Bruce (Eds) *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*, São Paulo, Vida Nova, p. 313-315, 1145-1150.

Corporación latinobarómetro, informe 2017, p 8 -40, recuperado dia 20 de março em: <http://der.oas.org/INFORME%20LB%202007.pdf>

Crisostomo, *San Juan, Homilias sobre el Evangelio de San Mateo (46-90)*, Vol. II, Bac, Madrid 1956, p. 71.

Demo, Pedro, “Pobreza politica como desafio central, p. 1-14.” [www.dhnet.com.br](http://www.dhnet.com.br), Brasília, junho de 1999,  
[http://www.dhnet.org.br/educar/textos/demo\\_direitos\\_humanos\\_e\\_educacao.pdf](http://www.dhnet.org.br/educar/textos/demo_direitos_humanos_e_educacao.pdf)  
[consultado 30 de maio de 2018].

Dupont Jacques, L’Église est la pauvrete em, Planellas, Joan, *la Iglesia de los pobres em el Vaticano II*, Barcelona, Helder, 2014 p.77-93.

Echeverria, Eduardo, *El Papa Francisco el legado del Vaticano II*, Biobao, Desclée De Brouwer, 2017, p. 30-54.

Esser Hans-Helmut, “Pobre,” em Coenen, Lothar, Beyreuther, Erich Bietenhard Hans (Eds) *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento*, Ediciones Sígueme, Salamanca, 1999. p. 1686-1687.

Etchevarne, Carlos, *Padres de la Iglesia*, parte II, la Edad de Oro de los Padres (Siglos IV-V ) Resgatado em:  
[http://www.tabiblion.com/liber/Libros/padres\\_iglesia\\_2.pdf](http://www.tabiblion.com/liber/Libros/padres_iglesia_2.pdf)  
[http://www.tabiblion.com/liber/Libros/padres\\_iglesia\\_2.pdf](http://www.tabiblion.com/liber/Libros/padres_iglesia_2.pdf), p. 1-14.

Fabris, Rinaldo, *La opcion por los pobres in la Biblia*, Navarra, Editorial Verbo Divino 1992.

Fernández, Víctor y Rodari, Paolo, *La Iglesia del Papa Francisco: Los desafíos desde Evangelii Gaudium*, Madrid, San Pablo, 2014.

Ferraro, Benedito “A utopia de Jesus” Revista Vida Pastoral n. 196 [1997]. P.11-17.

Ferraro, Benedito “Opção pelos pobres no documento de Aparecida,” em *Vida Pastoral* 246 [2007], p. 10-14.

Francisco, Discurso no “Encontro com os cardeais e colaboradores da cúria romana para a troca de bons votos de natal,” vatican.va, 22 de setembro de 2014  
[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/december/documents/papa-francesco\\_20141222\\_curia-romana.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/december/documents/papa-francesco_20141222_curia-romana.html) [consultado dia 03 de setembro de 2018].

Francisco, “Discurso aos Movimentos Populares,” vatican.va 09 de julho de 2015,  
[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco\\_20150709\\_bolivia-movimenti-popolari.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150709_bolivia-movimenti-popolari.html), [consultado em 2 de agosto de 2018].

Francisco, “discurso aos representantes dos meios de comunicação,”  
[www.vatican.va](http://www.vatican.va), Vaticano 16 março de 2013,  
[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco\\_20130316\\_rappresentanti-media.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130316_rappresentanti-media.html) [consultado 20 de agosto de 2018].

Francisco, “Discurso do Papa Francisco ao participantes do III Encontro Mundial dos Movimentos Populares,” vatican.va, 2 de novembro de 2016,  
[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papa-francesco\\_20161105\\_movimenti-popolari.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/november/documents/papa-francesco_20161105_movimenti-popolari.html), [consultado dia 17 de fevereiro de 2018].

Francisco, “Discurso do Santo Padre Francisco no encontro com os representantes dos meios de comunicação social,” vatican.va, 16 de março de 2013,  
[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco\\_20130316\\_rappresentanti-media.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130316_rappresentanti-media.html) [consultado em 2 de agosto de 2018].

Francisco, “Discurso do Santo Padre na visita ao Congresso do Estados Unidos da América”, vatican.va, 24 de setembro de 2015

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco\\_20150924\\_usa-us-congress.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150924_usa-us-congress.html) [consultado dia 17 de fevereiro de 2018].

Francisco, “Mensagem do Papa Francisco aos participantes no 2º simpósio internacional sobre a gestão financeira organizado pela congregação para os institutos de vida consagrada e as sociedades de vida apostólica,” vatican.va, 25 – 27 de novembro de 2016, [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2016/documents/papa-francesco\\_20161125\\_messaggio-simposio-vita-consacrata.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2016/documents/papa-francesco_20161125_messaggio-simposio-vita-consacrata.html) [consultado 17 fevereiro de 2018].

Francisco, “Mensagem para o I Dia Mundial da Pobreza”, vatican.va, 19 de novembro de 2017, [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papafrancesco\\_20170613\\_messaggio-i-giornatamondiale-poveri-2017.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papafrancesco_20170613_messaggio-i-giornatamondiale-poveri-2017.html) [consultado 15 de fevereiro de 2018].

Francisco, “palavras do santo padre Francisco, vigília de pentecostes com os movimentos eclesiais,” [www.vaticano.va](http://www.vaticano.va), 18 de maio de 2013, [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco\\_20130518\\_veglia-pentecoste.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130518_veglia-pentecoste.html), [consultado dia 02 de setembro de 2018].

Francisco, Bula *Misericordiae Vultus*, AAS 107 (4, 2015), p 399-420.

Francisco, Exortação. apostólica. *Evangelii gaudium*, 65: AAS 105 (2013), 1019-1137.

Francisco: “Encontro com o clero, os consagrados e os membros dos conselhos pastorais,” vatican.va, 04 de outubro de 2013

[http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/october/documents/papa-francesco\\_20131004\\_clero-assisi.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/october/documents/papa-francesco_20131004_clero-assisi.html) [consultado dia 03 de setembro de 2018].

Galilea, Segundo, *A mensagem de Puebla*, São Paulo, Paulinas, 1979.

Garcia, Carlos. “Las periferias del Papa Francisco,” em *Unidad y Carisma*, 93 [2015] p. 26-30.

Garmier, Julian, *Homilias de San Basilio Magno*, Madrid, Oficina de Placio Berco, 1796, p. 98-101.

Gesteira, Manuel. “Jesús y los pobres,” em *Corintios XIII 13* [1980] p. 11-60.

Gutierrez, Gustavo, “La teología de la liberación hoy,” em, Müller, Gerhard Ludwig, *Iglesia pobre y para los pobres*, Madrid, San Pablo, 2014, p. 43.

Gutierrez, Gustavo, “Los lugares teológico,” em, Müller, Gerhard Ludwig, *Iglesia pobre y para los pobres*, Madrid, San Pablo, 2014, p. 155-159.

Gutiérrez, Gustavo. “O Concílio Vaticano II na América Latina” em Beozzo, José, (Org.), *O Vaticano II e a Igreja Latino-americana*, São Paulo, Paulinas, 1985, p. 17-49.

Hackmann Geraldo Luiz Borges, “O referencial teológico do documento de Aparecida,” *teocuminação*, 157 [2007], p. 319-336.

Jeremias, Joachim, *Teologia do Novo Testamento*, São Paulo, Hagnos, 2008.

João XXII, radio mensagem um mês antes da abertura do Concílio Vaticano II, vatican.com 11 de setembro de 1962, [https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/es/messages/pont\\_messages/1962/documents/hf\\_j-xxiii\\_mes\\_19620911\\_ecumenical-council.html](https://w2.vatican.va/content/john-xxiii/es/messages/pont_messages/1962/documents/hf_j-xxiii_mes_19620911_ecumenical-council.html). [consultado 12 agosto de 2018].

João XXIII Carta Encíclica Mater Et Magistra, recuperado em: [http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf\\_j-xxiii\\_enc\\_15051961\\_mater.html](http://w2.vatican.va/content/john-xxiii/pt/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater.html) [consultado 12 de junho de 2017].

Kamplung, Rainer, “Pobres y ricos en la Iglesia Antigua” em *Concilium*, Madrid, n. 207, [1986], p. 221-234.

Kloppenburger, Boaventura, *Introdução Geral aos Documentos do Concílio, Compêndio do Vaticano II*, Petrópolis, Vozes, 1968, p. 15-18.

Kok, Glória Porto, *A escravidão no Brasil colonial*, São Paulo, Saraiva, 1997.

Küng, Hans, “¿El concilio olvidado?” em *Concilium* 312 [2005], p. 127-138.

Levoratti, Jorge, (Ed.) Comentario Bíblico Latinoamericano, “Antiguo Testamento, Pentateuco y texto narrativos,” vol. 1, Verbo Divino, Estella, 2005, p. 471-518.

Lins, Marcos André Carvalho, “cultura e pobreza” [culturaemercado.com.br](http://www.culturaemercado.com.br), São Paulo, 05 de dezembro de 2005, <http://www.culturaemercado.com.br/site/pontos-de-vista/cultura-e-pobreza/> [consultado dia 28 de maio 2018].

Liverani, Mario, *El Antigo Oriente: historia, sociedad y economia*, Barcelona, Editorial Critica, 2012.

Lothar Coenen, Beyreuther Erich, Bietendhard Hans (Eds.) *Diccionario Teológico del Nuevo Testamento*, Sígueme, Salamanca, 1999.

Luciani Rafael, “La opción por los pobres desde um Iglesia pobre y para los pobres,” *Medellín*, 168 [2017] p. 347-373.

Luciani Rafael, “Medellín: 50 años después de Iglesia reflejo a Iglesia fuente,” *Medellín*, 171 [2018] p. 9-24.

Magister, Sandro, Las últimas palabras de Bergoglio antes del cónclave, [www.chiesa.espresso.repubblica.it](http://www.chiesa.espresso.repubblica.it) 27 de março de 2013, <http://chiesa.espresso.repubblica.it/articolo/1350484?sp=y>. [consultado dia 02 de setembro de 2018].

Marques, Maria Antônia, “Deus conosco: o messias da justiça e da misericórdia uma introdução ao evangelho de Mateus” em *Vida Pastoral* n. 298 [2014], p. 3-10.

Marques, Maria Antonia. “No caminho de Jesus: Uma leitura do Evangelho de Marcos” em *Vida Pastoral* n. 286 (2012), p. 3-10.

Mckenzie, Jhon, *Dicionário Bíblico*, São Paulo, Paulus, 1984.

Müller, Ludwig Gerhard y Gutierrez Gustavo, *De lo lado de los pobres*, Madrid, San Pablo, 2004.

Murad, Afonso, “Documento de Santo Domingo: princípios hermenêuticos de leitura,” em *Perspectiva Teológica*, 25 [1993] p. 11-29.

Nardoni Enrique, “*Justicia, trabajo y pobreza*”, em Willian R. Farmer (Ed.), *Comentario Bíblico Internacional*, Verbo Divino, Navarra, 2003, p. 268-271.

Olavarría ,Gambi Mauricio, *Pobreza: conceptos y medidas, Documento de Trabajo*, N° 76, IAP Universidad de Chile, 2001, 1-13.

ONU, Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento: “fim da Pobreza” <http://www.undp.org/content/undp/es/home/sustainable-development-goals/goal-1-no-poverty.html> [consultado 17 de fevereiro de 2018].

Palácio, Carlos, “Trinta anos de teologia na América Latina: um depoimento” Em, Susin, L. C. (org.). *O mar se abriu: trinta anos de teologia na América Latina*, São Paulo, Loyola, 2000, p. 51-64.

Parra, Alberto, *La Iglesia pobre y de los pobres: la nueva dimensión de la iglesia en la sociedad*, Bogotá, Pontificia Universidad Javeriana, 2013.

Paulo VI, “Discurso do Papa Paulo VI na inauguração da terceira sessão do Concílio Ecuménico Vaticano II,” [www.vaticano.com](http://www.vaticano.com) 14 de setembro de 1964, [https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1964/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19640914\\_III-sessione-conc.html](https://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/speeches/1964/documents/hf_p-vi_spe_19640914_III-sessione-conc.html) [consultado dia 16 de setembro de 2018].

Paulo VI, Octogesima Adveniens, n. 4. Recuperado em:  
[http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost\\_letters/documents/hf\\_p-vi\\_apl\\_19710514\\_octogesima-adveniens.html#\\_ftn1](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19710514_octogesima-adveniens.html#_ftn1)

Paz, César Mora, y Levoratti, Jorge, “*Evangelio Según Lucas*”, em Armando Levoratti (Ed.), *Comentario Bíblico Latinoamericano. Nuevo Testamento*, Verbo Divino, Estella, 2003, p. 471-594.

Pérez, Luis, “La Iglesia que sale a las periferias existenciales evangeliza y es evangelizada” [www.incatolica.com](http://www.incatolica.com) 02 de agosto de 2013, <http://infocatolica.com/blog/coradcor.php/1308021029-la-iglesia-que-sale-a-las-per> [consultado dia 02 de setembro de 2018].

Planellas, Joan, *la Iglesia de los pobres em el Vaticano II*, Barcelona, Helder, 2014.

Planellas, Joan, “la Iglesia de los pobres: del Vaticano II al Papa Francisco, [www.instituto-social-leonxiii](http://www.instituto-social-leonxiii.org/images/stories/cursosDSI/2015IglesiaDelosPobres.pdf), 7-9 de setembro de 2015 p. 1-18, <http://www.instituto-social-leonxiii.org/images/stories/cursosDSI/2015IglesiaDelosPobres.pdf> [consultado dia 23 de agosto de 2018].

Portela, Cristine de Assis, “Por uma história mais antropológica: indígenas na Contemporaneidade” em *Sociedade e Cultura*, v. 12, n. 1, [2009], 151-160.

Pottmeyer, Hermann, “La iglesia en camino para configurarse como pueblo de Dios,” en Spadaro Antonio e Galli Carlos Maria (Eds) *La reforma y las reformas en la Iglesia*, Maliaño, Salterra, 2016, p. 79-93.

Quijano, Anibal, *Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina*, Buenos Aires, Clacso, 2005.

Rahner, Karl-Vorgrimlerr, Hebert, “Pobreza” *Diccionario Teológico*, Barcelona, Herder, 1966, p. 563-564.

Santos, Carlo César, “Teologia da Libertação: obra de Deus ou do diabo?” p.19, disponível em: <https://pt.slideshare.net/sinotico/teologia-da-libertao-obra-de-deus-ou-do-diabo>, [consultado dia 13 de agosto de 2018].

Santos, Claudiano Avelino dos, *A missão no Vaticano II*, São Paulo, Paulus, 2015.

Scannone, Juan Carlos, “A teologia do povo,” Entrevista com Juan Carlos Scannone. ihu.unisinos.br 22 de julho de 2013 <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/522076-a-teologia-do-povo-entrevista-com-juan-carlos-scannone%20> [consultado 20 de julho de 2018].

Scannone, Juan Carlos, *La teología del pueblo, raíces teológicas del papa Francisco*, Maiaño, SalTerra, 2017.

Segovia, José Luiz y Aranguren, Gozalo, *No te olvides de los pobres, notas para apuntar un giro social de la Iglesia*, Maiaño, SalTerra, 2017.

Sidekum, Antonio; Wolkmer, Antonio Carlos; Radaelli, Samuel Manica (Eds), Cidadania Indígena, em *Enciclopédia latino-americana dos direitos humanos por Verdum, Ricardo*, Nova Petrópolis, Nova Harmonia, 2016, p. 91.

Spicker, Paul “Definiciones de pobreza: doce grupos de significados,” en Paul Spicker, Sonia Alvarez Leguizamón y David Gordon (Eds.), *Pobreza, Un glosario internacional*, Clacso-crop, Buenos Aires, 2009, 294-296.

Stiglitz, Joseph, *El precio de la desigualdad* (ebook) Madrid, Taurus, 2012. p. 34.

Tylor, Edward, “La ciencia de la cultura,” em Kahn, J. S, (comp.), *El Concepto de Cultura, Textos Fundamentales*, Barcelona, Anagrama, 1983, p. 29-46.

Unmack, Robert, *Pobres em Dicionário Bíblico Wycliffe* 4ª ed. Rio de Janeiro, CPAD, 2008, p. 1570-1571.

Velez, Olga Consuelo, “ las periferias geograficas y existenciales: desafio para la teologia,” em: Luis Alfonso Aranguren Gonzalo, Félix Palazzi (eds), *Desafíos de una teología iberoamericana inculturada en tiempos de globalización, interculturalidad y exclusión social*, Boston, Boston College, 2017, p. 323.

Velez, Olga Consuelo, “Um acontecimento de graça e de novidade,” em *Unisinos*, 401 [2012], p. 37.

Verdum, Ricardo, “Cidadania Indígena,” em Sidekum, Antonio, Wolkmer, Antonio Carlos, Radaelli, Samuel Manica (eds) *Enciclopédia latino-americana dos direitos humanos*, Blumenau, Edifurb, 2016, p. 86-91.

Wanderley, Luiz Eduardo, A questão social no contexto da globalização: o caso latino-americano e o caribenho. em: Castel, Robert; Wanderley, Luiz Eduardo; Belfiore-Wanderley, Mariangela (Org.), *Desigualdade e a questão social*, São Paulo, Educ, 2011, p. 63.